

## Estratégias Argumentativas

Anteriormente, você recebeu uma série de orientações para estruturar um texto dissertativo-argumentativo e apresentar suas ideias de modo coeso e coerente. Você já sabe que precisa dominar o uso de mecanismos linguísticos que permitam formalizar, em um texto verbal, aquilo que você pretende expor sobre um assunto qualquer. Sabe, também, que não pode apresentar aleatoriamente informações relacionadas ao assunto, mas que deve selecionar e expor aquelas que, em conjunto, melhor sirvam ao propósito de convencer o leitor. Neste módulo, você vai conhecer algumas noções que são importantes no momento de definir qual é a melhor maneira de persuadir o leitor.

É preciso estar ciente de que, para persuadir, devem-se apresentar argumentos que sejam aceitáveis pelos receptores do texto, ou seja, quem escreve deve estar atento não somente ao tema, mas também ao leitor, para que a comunicação ocorra de forma adequada.

Desse modo, seria possível representar a estrutura da argumentação no esquema seguinte:



Como você verá neste módulo, a forma de persuadir é também responsável pela estruturação do texto, pois é a partir dela que se definem as estratégias argumentativas para defender a tese. Apresentaremos, assim, algumas orientações para que você tenha maior consciência das possibilidades discursivas ao tentar convencer seu leitor.

### NATUREZA DOS ARGUMENTOS

Em textos dissertativo-argumentativos, o produtor deve sempre ter a intenção de apresentar ideias que conduzam a uma conclusão já prevista e objetivada por ele. Para isso, deve refletir sobre a melhor forma de argumentar, o que implica levar em conta o perfil do leitor ao qual se dirige o texto.

Diferentes públicos leitores exigem diferentes formas de argumentação. Por isso, em publicidades e propagandas – textos essencialmente persuasivos –, elegem-se diferentes estratégias argumentativas de acordo com o público que se pretende atingir.

Da mesma forma, é comum haver textos dissertativo-argumentativos que tratam do mesmo assunto de modos distintos. Se você ler dois textos sobre um mesmo tema, publicados em diferentes suportes ou com objetivos diferentes, perceberá que a natureza da abordagem é bastante distinta. O artigo publicado em uma revista de grande circulação, por exemplo, pode não ser parecido com o que foi publicado sobre o mesmo tema em uma revista cujo público-alvo seja composto por adolescentes. Uma reportagem de um jornal não confessional certamente terá uma abordagem diferente daquela veiculada em um jornal de uma instituição religiosa, isso porque, em cada caso, os leitores serão distintos e terão expectativas diferentes em relação ao suporte e às publicações nele veiculadas. Para exemplificar, leia os dois textos a seguir.

#### Texto I

##### O combate ao alcoolismo na adolescência

Segundo a CISA – Centro de Informações sobre Saúde e Álcool, cerca de 50% dos adolescentes entre 12 e 17 anos já experimentaram bebidas alcoólicas, com o primeiro gole e a regularidade no consumo ocorrendo na faixa entre os 14 e 15 anos. São dados alarmantes, visto que, nessa fase da vida, o indivíduo passa por várias mudanças físicas, comportamentais e psíquicas.

O interesse pelo álcool em muito se relaciona com as próprias características desse período da vivência humana, pois, entre as principais motivações para o consumo, salientam-se as expectativas geradas com o uso, isto é, a busca por sensações prazerosas, além do desejo de aceitabilidade das outras pessoas e inserção social, o instinto de testar os limites do corpo.

Entretanto, essa prática pode promover ao jovem sérios problemas, em diferentes âmbitos. Pesquisadores americanos, da Universidade de Memphis, divulgaram um estudo que relata os muitos danos provocados ao cérebro devido à ingestão exagerada e contínua de álcool, uma vez que ele atua diretamente no sistema nervoso central. Ademais, se não controlada, o adolescente pode tornar-se dependente, o que se denomina alcoolismo, acarretando em conflitos sociais e pessoais. Ele pode ainda estar suscetível a problemas físicos decorrentes de episódios de abuso, como contrair DSTs em relações sexuais desprotegidas e acidentes de trânsito graves ou até fatais.

É preciso, contudo, identificar as origens do problema, para, então, solucioná-lo. Se observado e analisado, é notável as muitas influências externas que podem influenciar os jovens a consumir bebidas alcoólicas. Propagandas televisivas mostram sempre pessoas alegres, rodeadas de amigos, enaltecem as bebidas sem alertarem sobre seus malefícios, resumindo-se em frases rápidas como “se dirigir, não beba”. Para além da mídia, os adolescentes crescem, muitas vezes, vendo seus pais e familiares bebendo, ora moderadamente, ora exageradamente. Desse modo, os jovens convivem assiduamente com o álcool e constroem dele uma imagem ilusória de prazer e felicidade.

Em face dos fatos, cabe à família tratar desde cedo do assunto, dialogando de forma clara e explícita sobre os riscos e consequências da ingestão de álcool com seus filhos, impondo limites e, acima de tudo, dando o exemplo. Ao assumir uma postura compatível com o que prega, já que os filhos têm os pais como um norte, uma referência, e atentar à sua educação é o pilar principal, embora não único, do combate ao alcoolismo na adolescência.

## Texto II

### Álcool com energético tem o mesmo efeito que cocaína

[...]

Vodka com energético já virou um clássico das baladas, mas pode ser uma bomba para os adolescentes. Pesquisadores da Universidade Purdue, em Indiana, EUA, fizeram testes com os cérebros de ratos adolescentes (já que não poderiam fazer o mesmo com humanos) e observaram mudanças químicas em suas massas encefálicas muito parecidas com os efeitos da cocaína.

Uma lata de energético pode ter até 10 vezes mais cafeína do que um refrigerante comum – e costuma ser procurada por adolescentes para curtir uma noitada. Já se sabia que os jovens que consumiam energético (mesmo sem misturá-lo com outras bebidas) têm mais chance de virarem consumidores de álcool quando adultos. Mas, quando o energético é tomado com álcool ainda durante a adolescência, o centro de recompensas do cérebro é alterado – e os jovens sentem mais dificuldade em lidar com substâncias prazerosas. Os efeitos podem durar até a vida adulta.

Os ratos que tomaram álcool com energético se tornaram muito mais ativos (como era de se esperar) e seus cérebros foram inundados pela proteína ΔFosB, típica de quem abusa da cocaína ou da morfina. Quando adultos, os ratinhos se tornaram muito mais resistentes à sensação de prazer da cocaína – o que pode indicar que eles procurariam doses maiores da droga.

“Tudo indica que as duas substâncias misturadas causam mudanças de comportamento e na neuroquímica do cérebro”, disse Richard van Rijn, um dos autores do estudo. “Há claramente efeitos em tomar essa mistura que não existiriam quando se toma o álcool ou o energético separadamente.”

HUEK, Karin. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/alcool-com-energetico-tem-o-mesmo-efeito-que-cocaina/>>. Acesso em: 07 dez. 2017. [Fragmento]

O primeiro texto é a redação de um aluno do final do Ensino Médio, que está se preparando para entrar em uma universidade. O segundo é um artigo publicado na revista Superinteressante. Perceba a diferença na argumentação e na estruturação das duas dissertações. Uma apresenta um ponto de vista e utiliza-se de estratégias argumentativas para defendê-lo. A outra também apresenta uma tese, mas utiliza-se mais da exposição que da argumentação para desenvolver sua ideia.

Ao escrever um texto dissertativo-argumentativo, você deve ter em mente que escreve para um leitor cujo perfil é parecido com o de um leitor de uma revista ou jornal de grande circulação, ou seja, letrado e capaz de julgar a consistência e a relevância das ideias apresentadas no texto, de modo que o excesso de emotividade ou de dogmatismo, por exemplo, poderia comprometer seu objetivo persuasivo.

Desse modo, procure fundamentar sua argumentação, principalmente, em:

## Argumentos de valor universal

São aqueles irrefutáveis, que permitem ao autor obter prontamente a adesão do receptor.

Quando se afirma, por exemplo, que só se pode considerar como realmente alfabetizada a pessoa que consegue entender o que lê, tem-se um argumento de valor universal. De forma contrária, dizer que a falta de recursos econômicos obriga as pessoas a entrarem no mundo do crime não seria um bom argumento, porque se fundamenta em uma concepção individual e não se aplica a todos os casos. Evite, portanto, fazer afirmações baseadas em emoções, sentimentos e crenças, pois são argumentos de natureza pessoal que não garantem a adesão de todas as pessoas.

Problemas de saúde como artrite, diabetes, perda de memória e outros tantos são comuns em pessoas com idade mais avançada. As queixas são muitas e bastante preocupantes nos consultórios médicos, pois parece que a cada dia os problemas aumentam de proporção e outros surgem para dificultar ainda mais um diagnóstico preciso.

Mas o que as pessoas se esquecem – principalmente os mais jovens – é de que hábitos alimentares saudáveis, exercícios físicos regulares, seis a oito horas de sono por noite e pouco estresse na juventude contribuem para uma boa saúde e, possivelmente, para uma velhice tranquila e saudável.

No exemplo apresentado, os argumentos utilizados para enfatizar que os bons hábitos na juventude colaboram para uma boa saúde na velhice apresentam um valor universal, ou seja, não podem ser contestados, pois está estabelecido que uma vida desregrada pode ser prejudicial para a saúde tanto na juventude quanto na velhice.

## Dados colhidos na realidade

São dados empíricos de conhecimento de todos.

Em uma situação concreta de produção de texto, para obter dados reais, você pode utilizar seu conhecimento de mundo ou encontrar pistas deixadas nos textos motivadores. Vale observar, entretanto, que dados não são apenas aqueles expressos em números e porcentagens; podem ser também referências históricas, políticas, filosóficas, etc. Sendo assim, será capaz de argumentar melhor aquele que souber colher na realidade ou nos textos motivadores as informações corretas para fundamentar seu ponto de vista. Você deve ter sempre em mente que uma boa argumentação não pode basear-se em informações cuja comprovação não possa ser feita.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1940, a expectativa de vida do brasileiro era aproximadamente 30 anos menor que os 75,2 anos que se tem hoje, justificada por uma população rural ainda muito grande, difícil comunicação com os centros urbanos e seus recursos, elevado número de mortes por acidentes diversos e doenças não tratadas, além de pouco ou nenhum acesso ao saneamento básico.

Os dados reais, de fontes que pesquisam, noticiam ou informam a população, ou então dados que se sabe pelo conhecimento adquirido nas aulas, nas leituras ou até mesmo na Internet têm valor para fundamentar a argumentação. Contudo, a fonte deve sempre ser indicada corretamente, como no exemplo apresentado, cujos dados são do IBGE e, portanto, podem ser comprovados.

## Citações de autoridades

São afirmações de pessoas cuja autoridade na área é conhecida e que, portanto, conferem credibilidade à argumentação utilizada pelo autor do texto.

Para que você seja capaz de fazer citações, procure manter-se informado, ler, prestar atenção às notícias e temas que estão em evidência. A referência a uma afirmação de um especialista ou de uma autoridade política são exemplos de informações que podem ser usadas para argumentar. Em uma redação, não é preciso citar exatamente aquilo que foi dito, mas apenas situar o leitor para que ele possa confiar na informação. Vale ler também os autores clássicos, literários ou não, mas será preciso saber relacioná-los à temática proposta de forma pertinente. Para isso, você precisará saber acionar conhecimentos de diferentes áreas, épocas e naturezas e, mais importante, articulá-los ao tema proposto. Utilize no texto repertório sociocultural produtivo. Atente para a utilização de conceitos de outras áreas do conhecimento que fundamentem suas ideias, servindo ao propósito de provar o ponto de vista.

É comum ouvirmos de muitos adultos por aí a frase “odeio matemática”. Muitos adultos até conseguem fazer uma conta de multiplicação bem rápido, mas não conseguem explicar o que são números naturais ou racionais, por exemplo.

[...]

Priscila Monteiro, coordenadora do Instituto Avisa Lá e coordenadora da Pós-Graduação em Didática da Matemática no Instituto Superior Vera Cruz, defende que “saber matemática é uma forma de dialogar com o mundo, e não apenas saber fazer contas”. É, portanto, uma linguagem! Conversamos com a especialista sobre essa outra maneira de se relacionar com o que não sabemos.

Segundo Priscila, essa é uma conversa urgente. Os dados mais recentes mostram exatamente isso: de acordo com o Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apenas 35% dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental têm conhecimento adequado na disciplina. Além dos entraves cognitivos que esses índices representam, eles evidenciam também a exclusão de milhões de cidadãos ainda na infância. [...]

FALZETTA, Ricardo. *Por que nossas crianças não vão bem em matemática?* Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/por-que-nossas-criancas-nao-vaio-bem-matematica.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017. [Fragmento]

A apresentação de uma autoridade, ou seja, a citação, um conceito ou ideia de alguém reconhecido na sua área de atuação, traz mais credibilidade ao argumento, desde que as ideias estejam devidamente conectadas e a citação realmente acrescente uma informação importante para o desenvolvimento do texto. No caso do exemplo apresentado, para abordar os motivos pelos quais as crianças não aprendem matemática de maneira satisfatória, o autor citou uma especialista em Didática da Matemática, trazendo confiabilidade e embasamento à sua argumentação.

## Exemplos e ilustrações

São exemplos conhecidos, fatos que podem servir para ilustrar seu posicionamento, explicação ou análise.

Novamente, nesse caso, é preciso manter-se bem informado sobre os acontecimentos da atualidade. As referências históricas também podem ser usadas como exemplos para ilustrar suas ideias. Entretanto, independentemente do exemplo escolhido, não se esqueça de que você deve sempre procurar relacioná-lo ao tema a ser discutido na proposta.

No excerto a seguir, o autor apresenta projetos desenvolvidos por professores e alunos a fim de corroborar sua tese acerca da necessidade de ensinar cultura afro-brasileira nas escolas.

Projetos que valorizem a literatura negra, os artistas e a história africana na escola podem ser um divisor de água para muitos jovens. Nunca é demais lembrar que a lei obriga o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Iniciativas como a do professor Jayse Antônio da Silva Ferreira, que mostrou que qualquer etnia tem beleza, ou ainda a da educadora Mariana Soares, que usou contos maravilhosos para povoar o imaginário da turma da Pré-escola com princesas negras, são válidas.

A mobilização pode envolver também os próprios alunos. Novos formatos para a discussão da identidade negra têm privilegiado o protagonismo dos estudantes, como foi o caso do coletivo “Solta esse Black”, liderado por alunas do Ensino Médio, ou como o do coletivo Encrespados, que une comunidade, jovens da periferia e escolas locais para debater temáticas relacionadas à negritude.

FALZETTA, Ricardo. *Por que devemos ensinar a cultura afro-brasileira na escola?* Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/por-que-devemos-ensinar-cultura-afro-brasileira-na-escola.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017. [Fragmento]

Na discussão sobre a corrupção governamental, deve-se entender que os políticos nada são além de pessoas comuns, que, no entanto, têm em mãos o patrimônio de todo um país. Implicamente, inúmeros benefícios são criados a fim de afortuná-los ainda mais. Pesquisas publicadas em jornais como *Correio Brasiliense* e *O Globo* mostram que a Câmara dos Deputados custa aos cofres públicos 86 milhões por mês, entre salários de quase 30 mil reais, auxílio moradia, bolsa terno, auxílio alimentício e outros bônus. Não satisfeitos, há ainda os desvios, as propinas, o “caixa dois”. Destaque nos últimos anos, a operação “Lava-jato” trouxe à tona esquemas grandiosos de corrupção e, a cada dia, mais nomes surgem em meio à tamanha depravação. Tudo isso provoca nos indivíduos um sentimento de descrença no país.

Além disso, para suprir o rombo deixado por ele mesmo, o governo recorre às privatizações de empresas, portos, aeroportos e rodovias, ou, ainda, promove aumentos tributários constantes em setores de alto e inevitável consumo, como combustível, alimentação e transporte. Em congruência com o alto índice de desemprego, o poder de compra da população reduz, o país empobrece e ingressa em severas crises econômicas. Não obstante os recursos e qualidades do Brasil, as consequências da corrupção fina e exacerbadamente arquitetada atinge o país como um todo, em termos econômicos e de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, sua divulgação deprecia a imagem do país no exterior, afetando as relações internacionais, o que causa ainda mais prejuízos e perdas.

Em relação aos pequenos atos que se comete Brasil afora, cotidianamente, deve-se notar que furar uma fila de banco, deixar de devolver o troco que recebeu a mais, ter um privilégio por ser parente de alguém influente, só faz com que haja uma desconfiança generalizada no país e nas pessoas, como se, aqui, todos fossem desonestos e enganadores. Se o problema está relacionado aos nossos antepassados, que já demonstravam esse viés antiético ao transportarem dinheiro nos “santos de pau oco”, cabe à atual geração, e também às futuras, trabalhar no sentido da mudança dessa realidade, a fim de tornar o Brasil coerente nos discurso e nas ações.

Nessa perspectiva, cabe ao Conselho de Ética das instituições do governo, como a Câmara dos Deputados, e aos muitos sindicatos, desenvolver campanhas publicitárias, por meio de folhetos, propagandas na TV e outdoors, elucidando as pessoas sobre a corrupção cotidiana e sobre sua responsabilidade para com a vida política nacional. A criação de uma plataforma na Internet, segura e confiável, por parte do Conselho, que pudesse ser acessada por qualquer pessoa para investigar a carreira dos políticos antes das eleições, é também um interessante projeto, pois, assim, a população saberia da lisura – ou não – do seu candidato antes de dar seu voto. Essas ações atuariam na formação de uma nação mais consciente e ativa no combate à corrupção.

Um texto não precisa basear-se em argumentos de apenas uma dessas naturezas. O mais comum é que o produtor, para fundamentar sua opinião, utilize diferentes tipos de argumentos, como no texto a seguir, redigido de acordo com a estrutura da redação do Enem.

Nessa produção, o autor dissertou sobre o tema “Corrupção no Brasil”, defendendo a ideia de que a corrupção está presente no governo, mas também nas ações cotidianas dos cidadãos brasileiros. Para isso, usou como argumentos dados colhidos da realidade (em vermelho) e exemplos (em azul).

Em março de 1985, com o fim da ditadura, restaurou-se a democracia no Brasil, e, em 1989, as eleições voltaram a ser diretas, conferindo à população o direito de escolha dos seus representantes e liberdade de expressão. Se nesse período, até a atualidade, houve grandes mudanças no cenário político, o mesmo não pode ser dito em relação à ética e à conduta, pois a prática da corrupção nos governos brasileiros cresceu desenfreadamente, tomando proporções catastróficas. Entretanto, é importante frisar que, não bastasse a corrupção que é praticada pelos representantes do povo, ela se faz presente também no dia a dia das pessoas comuns, em que se consegue vantagem em diversas situações e de variadas formas. Esses atos, às vezes ilícitos e antiéticos, receberam o nome de “jeitinho brasileiro”, conhecido no mundo todo como característica da nossa sociedade. Mudar essa realidade, desempenhar o papel de cidadão e reivindicar grandes transformações éticas, passa pela investigação ferrenha das ações políticas e pela punição justa dos corruptos, mas também pelo extermínio dos pequenos atos cometidos todos os dias, iniciando a transformação por cada pessoa, individualmente.

# ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

É possível perceber no texto lido anteriormente que o autor não apenas apresenta argumentos, mas os desenvolve, de modo a tornar o texto mais persuasivo. O uso de diversos recursos contribui para defender um ponto de vista qualquer.

A tabela a seguir apresenta algumas estratégias argumentativas que lhe permitirão desenvolver melhor sua argumentação e, assim, seu texto. Atente para a aplicabilidade de cada uma dessas estratégias e para alguns dos marcadores sintáticos que permitem introduzi-las.

Tipo	Aplicabilidade	Marcadores sintáticos
<b>Exemplificação</b>	Busca justificar o ponto de vista defendido por meio de exemplos. Permite hierarquizar informações e dados estatísticos.	Mais importante que, superior a, de maior relevância que, considerando os dados, conforme informações recentes.
<b>Apresentação de causas e consequências</b>	Permite a explicação e / ou a justificativa de um fenômeno qualquer ao evidenciar as relações estabelecidas.	Porque, visto que, por causa de, em virtude de, em vista de, de tal modo que.
<b>Explicitação</b>	Tem como finalidade o esclarecimento do ponto de vista apresentado.	Isto é, haja vista, na verdade, considera-se, denomina-se, segundo, do ponto de vista.
<b>Enumeração</b>	Consiste na apresentação de uma sequência de elementos que provêm de uma opinião emitida.	Primeiro, segundo, antes de, depois de, ao redor, no sul, no norte, ainda, em seguida.
<b>Comparação</b>	Consiste na aproximação de fenômenos, buscando estabelecer entre eles uma relação de identidade ou distinção.	Da mesma forma, tal como, assim como, ao contrário, por um lado, por outro lado, mais que, menos que, em contraste.
<b>Utilização de perguntas retóricas</b>	Consiste no levantamento de questões dirigidas ao leitor, as quais permitem o direcionamento para a resposta pretendida pelo autor.	Frases interrogativas, do vocativo e da 1ª pessoa do plural.
<b>Levantamento de objeções já previstas</b>	Consiste na antecipação de objeções que poderiam servir à contra-argumentação, para refutá-las e evitar contraposição.	Orações subordinadas adverbiais concessivas.
<b>Alusão histórica</b>	Consiste na referência ao passado por meio de recortes que estabelecem relações intertextuais, viabilizando a problematização e o aprofundamento do tema.	Durante o período, em meados do século, desde, prova disso é, historicamente.
<b>Argumento de valor artístico-cultural</b>	Consiste na referência a linguagens artísticas, indústria cultural ou cultura popular como recurso de desenvolvimento do argumento.	O romance <i>Cidade de Deus</i> (1997), de Paulo Lins, adaptado para o cinema em 2002, mostra como fatores socioeconômicos estão ligados à violência.
<b>Raciocínio lógico</b>	Consiste em um conjunto de regras que visam formar afirmações categóricas para representar um raciocínio válido.	Orações coordenadas assindéticas conclusivas.

Observe como o autor do texto a seguir, uma redação sobre o tema “Intolerância nas redes sociais”, defende sua tese por meio de estratégias argumentativas variadas, como exemplificação (em azul), pergunta retórica (em laranja), causa e consequência (em roxo) e comparação (em vermelho).

Em 7 de janeiro de 2015, o jornal satírico *Charles Hebdo* foi alvo de um atentado terrorista que deixou 12 mortos e 5 feridos graves. Na Internet, uma enorme campanha se formou em vários países, inclusive no Brasil, em protesto ao massacre que “violou a liberdade de expressão”, como disseram. No entanto, pouco se divulgou que os jornalistas da publicação francesa, muitas vezes, ridicularizavam nas charges figuras políticas e religiosas, representando entidades como Jesus Cristo e Maomé de forma ofensiva e estapafúrdia. Nada justifica a violência de um atentado como o que ocorreu, mas **não seriam essas charges manifestações intolerantes, desrespeitosas, também violadoras da liberdade de expressão e merecedoras de punição legal?**

Observa-se, desse modo, que as redes sociais são vias de mão-dupla, acessadas por cidadãos comuns que buscam informação e entretenimento, mas também por indivíduos que disseminam discursos tendenciosos, odiosos e que distorcem a verdade, trazendo ao público informações de todas as áreas (sociais, políticas e econômicas) nem sempre condizentes com a realidade, incitando a fúria e propagando a aversão.

Juridicamente pode-se entender como discurso de ódio qualquer ação, gesto, representação ou conduta que vise humilhar, denegrir ou incitar à violência, e é geralmente direcionado às minorias, como negros (racismo), mulheres (misoginia), homossexuais (homofobia) e praticantes de outras vertentes políticas ou religiosas. Esses discursos estão intimamente ligados à intolerância, compreendida como a incapacidade de um indivíduo em aceitar e respeitar as diferenças humanas. São problemas sociais graves, promotores de diversas ocorrências de homicídios e suicídios, e que encontraram na mídia social um meio amplo, rápido, abrangente e praticamente anônimo de se fazerem presentes, dificultando, assim, o controle.

Uma pesquisa feita pelo jornal O Globo, revela que 84% das menções feitas por brasileiros na Internet, acerca de assuntos como política, raça e sexualidade são pejorativos, sendo a divisão geopolítica o tema mais abordado e, em segundo lugar, o repúdio à mulher. E isso não se restringe ao panorama nacional. Muitos países já desenvolveram leis contra atos intolerantes. O código penal alemão declara como crime incitar o ódio contra segmentos sociais, negar o holocausto e enaltecer o nazismo. No Canadá, pregar o ódio e o genocídio acarreta de dois a quatorze anos de prisão. No Brasil, a Constituição Federal defende a punição aos praticantes de racismo, mas não cita outras formas de intolerância e agressão.

Diante disso, o Ministério da Tecnologia e Informação do Brasil, junto ao Ministério dos Direitos Humanos, deve selar parcerias com multinacionais como o Google, e elaborar "hackers do bem", isto é, uma espécie de antivírus, presente nas principais redes sociais, a fim de analisar sequencialmente tudo o que for postado, comentado e compartilhado de forma automatizada, selecionando conteúdos agressivos, identificando autores e conduzindo-os posteriormente às autoridades competentes. Assim sendo, o projeto atuaria como retaliação à intolerância e aos discursos de ódio em ambientes que deveriam se restringir à descontração e à interação interpessoal saudável.



#### Argumentação

Essa vídeoaula apresenta as estratégias de argumentação.

YTE4

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (Unicamp-SP-2018) Você é um estudante do Ensino Médio e foi convidado pelo Grêmio Estudantil para fazer uma palestra aos colegas sobre um fenômeno recente: o da pós-verdade. Leia os textos seguintes e, a partir deles, escreva um texto-base para a sua palestra, que será lido em voz alta na íntegra. Seu texto deve conter: a) uma explicação sobre o que é pós-verdade e sua relação com as redes sociais; b) alguns exemplos de notícias falsas que circularam nas redes sociais e se tornaram pós-verdade; e c) consequências sociais que a disseminação de pós-verdades pode trazer. Você poderá usar também informações de outras fontes para compor o seu texto.

### Texto A



Disponível em: <<https://horizontesafins.wordpress.com/2017/02/02/averdade-da-pos-verdade/>>. Acesso em: 03 set. 2017.

### Texto B

#### O que é "pós-verdade", a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford

Anualmente, a Oxford Dictionaries, parte do departamento de imprensa da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, elege uma palavra para a língua inglesa. A de 2016 foi "pós-verdade" (*post-truth*). A palavra é usada por quem avalia que a verdade está perdendo importância no debate político. Por exemplo: o boato amplamente divulgado de que o Papa Francisco apoiava a candidatura de Donald Trump não vale menos do que as fontes confiáveis que negaram esta história. Segundo Oxford Dictionaries, a palavra vem sendo empregada em análises sobre dois importantes acontecimentos políticos: a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos e o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia, designada como Brexit. Ambas as campanhas fizeram uso indiscriminado de mentiras, como a de que a permanência na União Europeia custava à Grã-Bretanha US\$ 470 milhões por semana, no caso do Brexit, ou a de que Barack Obama é fundador do Estado Islâmico, no caso da eleição de Trump.

Em um artigo publicado em setembro de 2016, a influente revista britânica *The Economist* destaca que políticos sempre mentiram, mas Donald Trump atingiu um outro patamar. A leitura de muitos acadêmicos e da mídia tradicional é que as mentiras fizeram parte de uma bem-sucedida estratégia de apelar a preconceitos e radicalizar posicionamentos do eleitorado. Apesar de claramente infundadas, denunciar essas informações como falsas não bastou para mudar o voto majoritário. Para diversos veículos de imprensa, a proliferação de boatos no Facebook e a forma como o *feed* de notícias funciona foram decisivos para que informações falsas tivessem alcance e legitimidade. Este e outros motivos têm sido apontados para explicar a ascensão da pós-verdade. Plataformas como Facebook, Twitter e WhatsApp favorecem a replicação de boatos e mentiras. Grande parte dos factoides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo Facebook fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita.

FÁBIO, A. C. O que é "pós-verdade", a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. *Nexo*, 16 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-é-'pós-verdade'-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em: 01 dez. 2017 (Adaptação).

- 02.** (Unicamp-SP-2018) Considere a seguinte situação: uma postagem recente em uma rede social de uma mensagem de ódio contra os nordestinos foi foco de intensa discussão. Dada a repercussão do caso, o jornal de maior circulação de sua cidade resolveu fazer um caderno especial sobre o tema "Liberdade de Expressão". Leitores de diferentes perfis foram convidados a se manifestar e você foi o estudante escolhido. Para atender a esse convite, você deverá escrever um artigo de opinião em que discutirá a seguinte questão: "Há limite para a liberdade de expressão? No seu artigo de opinião, você deve: a) identificar e explicitar os dois principais posicionamentos sobre a questão tratada; b) assumir um desses dois posicionamentos e sustentá-lo com argumentos. Seu texto deverá considerar as seguintes citações:

"Liberdade de expressão é a possibilidade de as pessoas se manifestarem sobre fatos e ideias sem interferências externas, sobretudo do Estado. Discurso de ódio é uma tentativa de desqualificar e excluir do debate grupos historicamente vulneráveis, seja por religião, cor da pele, gênero, orientação sexual ou qualquer traço utilizado com o objetivo de inferiorizar pessoa ou grupo."

Luís Roberto Barroso, Ministro do STF.

"A frase 'eu discordo do que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-lo' talvez seja a melhor definição para a liberdade de expressão. Afinal, é muito fácil conceder a liberdade de expressão às ideias com que concordamos; muito mais difícil é aceitar a manifestação de ideias que desgostamos. O que se tem visto no Brasil

nos últimos tempos, no entanto, é uma crescente vontade de reprimir formas de expressão que sejam consideradas desrespeitosas e preconceituosas. A iniciativa, embora tenha como pano de fundo uma intenção nobre, tem gerado situações desproporcionais, limitando o direito à livre expressão e violando a Constituição Federal."

Bruno de Oliveira Carreirão, advogado.

"Liberdade de expressão é poder se manifestar sobre aquilo que não ofenda ou ataque o sentimento íntimo das pessoas. Discurso de ódio é o que tem por objetivo incitar, criar beligerância e promover animosidades contra esses sentimentos pessoais."

Marcelo Itagiba, ex-deputado.

"As grandes sociedades se caracterizam pela pluralidade de valores, alguns excludentes. A liberdade de expressão é ligada à liberdade em si, mas há o valor da luta contra o preconceito. Como lidar com o conflito de valores? Os EUA optaram pela liberdade de expressão. O Brasil optou por uma legislação protetiva. Isso guarda um certo paternalismo, mas expressa respeito."

Fernando Schüller, cientista político.

"É necessário entender a ideia de identidade e de alteridade. Por uma questão de sobrevivência, nos sentimos seguros quando próximos de algo com que nos identificamos. Queremos sempre que o outro seja igual a nós e, se não for, talvez tenhamos que destruí-lo. Este é um pressuposto fundamental para o surgimento do discurso de ódio."

Izidoro Blikstein, professor da FGV e especialista em Análise do Discurso.

"Liberdade de expressão é o direito de expor a opinião e exercitar a divergência sem ser perseguido ou condenado. O discurso de ódio é um conceito um tanto abstrato e elástico. Para uns, é a expressão da verdade desnuda do politicamente correto; para outros, é a tentativa abjeta de difamar seu interlocutor."

Rachel Sheherazade, jornalista e apresentadora de TV.

"O discurso de ódio aparece quando você acha que seu modo de ser e estar no mundo deve ser um modelo com o qual outras pessoas têm que se conformar. Se isso não acontecer, o discurso de ódio vem para deslegitimar a sua vivência, para fazer com que pareça que sua vida não merece ser vivida."

Linn da Quebrada, cantora.

"Liberdade de expressão não é um direito absoluto, nem pode ser. As pessoas têm dificuldade de entender que vivem em sociedade, que existem regras e que a gente precisa delas, sobretudo no que diz respeito à vida do outro."

Djamila Ribeiro, ativista dos movimentos negro e feminista e ex-Secretária Adjunta de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo.

Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/liberdade-de-opiniao-x-discurso-de-odio/o-que-e-o-que-e/ personalidades-discutem-o-que-e-liberdade-de-opiniao-e-discurso-de-odio.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2017 (Adaptação).

**03.** (Albert Einstein–2018) Para elaborar sua redação, baseie-se nos textos “Era digital desafia exercício profissional” e “Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico”.

Considerando a abordagem das duas matérias quanto à exposição de dados e / ou imagens pessoais na Internet, manifeste seu ponto de vista sobre a violação do sigilo de informações por profissionais da saúde.

Sustente seu posicionamento com argumentos relevantes e convincentes, articulados de forma coesa e coerente. Dê um título ao texto.

Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios: criticidade, adequação do texto ao desenvolvimento do tema, estrutura textual compatível com o texto dissertativo-argumentativo e emprego da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.

#### **Era digital desafia exercício profissional**

“A medicina não sobreviverá ao velho método do médico de família, mas terá que se adaptar”. A afirmação é do desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), Diaulas Costa Ribeiro, proferida durante a mesa-redonda “Panorama atual das mídias sociais e aplicativos na medicina contemporânea”. Para ele, as novas tecnologias trazem desafios que precisam ser colocados em perspectiva para garantir a ética e o sigilo.

“Possivelmente vamos chegar a uma medicina sem gosto, distanciada, mas que também funciona. Talvez este não seja o fim, mas um recomeço”, ponderou Ribeiro. Segundo ele, antes de gerar um novo modelo de atendimento médico, o “dr. Google” – termo que utilizou para indicar as buscas por informações médicas na Internet – gerou um novo tipo de paciente, que passou a conhecer mais sobre as doenças e, por isso, exige um novo relacionamento com seu médico.

O desembargador ainda reforçou a necessidade de se rediscutir questões como o uso da Internet nessa relação médico-paciente e a segurança do sigilo médico neste cenário. “Precisamos refletir sobre algumas questões importantes. Quem guardará o sigilo? Ou não haverá sigilo? O sigilo médico será mantido ou valerá o direito público à informação? Os conflitos serão reinventados ou serão os mesmos? A solução para os problemas será a de sempre? ”, indagou.

**Ética** – Na perspectiva do médico legista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Malthus Galvão, embora acredite que algumas mudanças serão inevitáveis e necessárias, é preciso defender os princípios fundamentais instituídos pelo Código de ética médica (CEM).

“As novas mídias devem ser entendidas como um sistema de interação social, de compartilhamento e criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos e não podemos perder essa oportunidade”, destacou. Ele lembra, por exemplo, que desde a Resolução CFM 1 643/2002, que define e disciplina a prestação de serviços através da telemedicina, alguns avanços colaborativos já foram possíveis.

Galvão apresentou ainda preceitos da Resolução CFM 1 974/2011 e também da Lei do Ato Médico (12 842/2013), chamando a atenção para alguns cuidados que o médico deve ter ao divulgar conteúdo de forma sensacionalista.

“Segundo o CEM, é vedada a divulgação de informação sobre assunto médico de forma sensacionalista, promocional ou de conteúdo inverídico. A Internet deve ser usada como um instrumento de promoção da saúde e orientação à população”, reforçou.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CGM).  
*Jornal de Medicina* (Editorial), Brasília, jul. 2017, p. 7.

#### **Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico**

Nos últimos quatro anos, nenhum médico teve seu registro profissional cassado no Estado de São Paulo por quebra de sigilo médico.

Segundo o Conselho Médico Paulista (CREMESP), de 2012 a 2016, foram registrados 379 processos éticos por essa razão – 87 já julgados.

Desses, 39 foram inocentados e 48, julgados culpados. A maioria (26) recebeu penas confidenciais e 22, públicas.

As primeiras são advertências e censuras sigilosas (só o médico fica sabendo). Já as públicas envolvem publicação na imprensa oficial e a suspensão do exercício profissional por até 30 dias.

No mesmo período, 26 médicos foram cassados em primeira instância pelo Cremesp por diferentes motivos. Cabe recurso das decisões no Conselho Federal de Medicina.

Para Mauro Aranha, presidente do Cremesp, o fato de não ter havido nenhuma cassação por quebra de sigilo não significa que essa seja uma infração menos grave.

“É uma infração ética muito importante. Mas a pena depende de uma série de contextos, por exemplo, o dano provocado ao paciente, se o médico cometeu o ato de forma proposital ou se foi negligente e do seu histórico ético no conselho”, explica.

Se a pessoa usar a quebra de sigilo para conseguir algum benefício (dinheiro, por exemplo), o ato é considerado gravíssimo.

Aranha não comenta sobre as duas sindicâncias abertas para apurar o envolvimento de médicos na divulgação de dados de Marisa Letícia Lula da Silva e de mensagens de ódio em redes sociais (o processo é sigiloso).

Mas conforme apurou a *Folha* com conselheiros, a tendência é que os médicos acusados recebam, no mínimo, uma censura pública.

Na opinião de Aranha, é preciso que os médicos repensem seus papéis nas redes sociais. “Elas convidam a pessoa a responder de forma instantânea, intempestiva. O médico não tem que ser um santo, mas o ato médico exige prudência.”

#### **Mídias sociais**

A violação do sigilo médico em mídias sociais não é uma prática incomum entre alunos de medicina, residentes e cirurgiões, aponta uma dissertação de mestrado apresentada nesta quarta (8), na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

No estudo envolvendo 156 pessoas (52 alunos, 51 residentes e 53 docentes), o cirurgião Diego Adão Fanti Silva verificou que 53% dos alunos, 86% dos residentes e 62% dos docentes divulgam dados de pacientes nas mídias sociais. A maioria (entre 86,5% e 100%) relata que oculta a identidade dos pacientes no momento da divulgação.

No trabalho, o autor diz que é ilegal e antiética a divulgação de imagens de pacientes mesmo com a autorização dos expostos e mesmo não identificando o doente.

Só há permissão se a publicação tiver fins acadêmicos ou assistenciais – ainda assim, é necessário o consentimento do paciente.

COLUCCI, C. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2017/02/1857393-conselho-nao-cassa-registro-porquebra-de-sigilo-medico.shtml>>. Acesso em: 08 out. 2017.

- 04.** (PUC-RS-2018) Examine o tema a seguir atentamente e elabore um texto dissertativo com 25 a 30 linhas, no qual você exporá suas ideias a respeito do assunto.

#### Êxodo urbano

Muitos cultivam a ideia da idílica vida no campo, cansados que estão do estresse e da correria do dia a dia da vida urbana; no entanto, é preciso avaliar bem a realidade rural antes de trocar um ambiente por outro. A percepção de que as facilidades e os serviços disponíveis nas cidades não mais estarão à disposição é fundamental. Para desenvolver sua argumentação, reflita sobre as relações do homem urbano com as facilidades que lhe são proporcionadas pela vida na cidade – cinemas, restaurantes, comida pronta, TV a cabo, etc. –, apresentando uma ou mais formas de sobrevivência longe de tudo isso. Fundamente sua proposta analisando as razões pelas quais o sonho da vida no campo pode não se concretizar em alguns casos.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **03**.

#### Quando você significa eu

Outro dia, deitado no divã em uma seção de análise, descrevi meus sentimentos. “Quando sobe a raiva, você perde a capacidade de ser generoso.” Antes de terminar a frase, eu me dei conta de que tinha usado “você”, apesar de estar descrevendo um comportamento meu. Instintivamente repeti a frase. “Quando sobe a raiva, eu perco a capacidade de ser generoso.”

Não me senti bem. Não era o que eu queria expressar. O que seria esse estranho “você” que havia usado falando de mim, e seguramente não me referindo a ele, meu analista, que era o único na sala? Como você sabe, o “você” normal é usado como nessa frase, para se referir ao interlocutor. Descobri que esse estranho “você” é o chamado “você” genérico e pode significar muitas coisas, entre elas “eu e toda a humanidade”. O que eu queria dizer era o seguinte: “Quando sobe a raiva, eu e toda a humanidade perdemos a capacidade de sermos generosos.” Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa.

Imagine qual não foi minha surpresa ao me deparar com um estudo que investiga exatamente em que condições as pessoas usam esse “você” genérico. O prazer é grande quando você (o prazer é meu, mas estou usando o “você” genérico para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer) lê sobre algo que já observou.

REINACH, F. *O Estado de S. Paulo*, 08 abr. 2017.

- 01.** (FGV-2018) De acordo com o texto, não é correto afirmar sobre o “você genérico”:
- UJCV
- A) Serve para o emissor falar de si próprio de maneira disfarçada.
- B) Poderia ser substituído pelo pronome “nós”.
- C) Contém, por parte de quem o emprega, uma pressuposição em relação a seu interlocutor.
- D) Substitui o “você normal” em contextos negativos, ao contrário do que ocorre em contextos positivos.
- E) Pode ser uma maneira de o emissor relativizar sua culpa ou de partilhar sua satisfação.
- 02.** (FGV-2018) A oração “Ao usar o ‘você’ genérico” (final do segundo parágrafo) expressa ideia de
- 2F60
- A) causa. D) condição.
- B) consequência. E) finalidade.
- C) tempo.
- 03.** (FGV-2018) Considere a correção proposta para o sublinhado nos seguintes trechos do texto:
- FWIY
- I. “em uma seção de análise”: em uma sessão de análise.
- II. “eu e toda a humanidade”: eu e toda humanidade.
- III. “para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer”: para expressar minha esperança de que você também tenha esse prazer.
- Está de acordo com a norma culta o que se propõe em
- A) I e em III, apenas. D) I, em II e em III.
- B) I, apenas. E) II, apenas.
- C) III, apenas.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de 04 a 08.

**“Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim”: narcisismo, ciberespaço e capitalismo**

Caetano Veloso, em tom poético, cantou que “Narciso acha feio o que não é espelho”. O Mito de Narciso é uma história que nos remete à mitologia grega, uma história que fala sobre um jovem que, ao se deparar com sua  
 5 imagem na lâmina d’água de um lago, apaixonou-se por si mesmo. O mito é utilizado para fazer referência ao apego de muitas pessoas a si mesmas. Essas pessoas são geralmente chamadas de narcisistas ou até mesmo de egocêntricas. Narcisismo e egocentrismo são dois termos de grande difusão social, o que se deve à Psicanálise, que utilizou o mito de Narciso para explicar a dificuldade de  
 10 muitas pessoas em adiar suas satisfações, guiadas por um sentimento de urgência. Daí surgiu o termo narcisismo, que consiste numa fixação presente nos primeiros estágios do desenvolvimento humano, quando somos guiados pela urgência de satisfazer nossas necessidades. A criança chora e a mãe dá-lhe o peito. A satisfação quase sempre é imediata. Disso podem resultar registros mentais que levam à busca de satisfação imediata, e, no futuro, a  
 15 pessoa pode se tornar um adulto que toma a si mesmo como medida de todas as coisas, ou seja, coloca seu “eu” (ego) como centro do universo. Ego é outro termo psicanalítico. Quase um sinônimo de “eu”, o ego seria a estrutura mental responsável por negociar com o id (inconsciente) quando a satisfação de nossos desejos ocorrerá. O ego é regido pelo princípio de realidade, dominado pela razão; já o id é regido pelo princípio do prazer, da busca de satisfação de desejos reprimidos. Um ego frágil vai ceder aos impulsos do id, tendo, portanto, dificuldades de adiar a satisfação dos desejos e de lidar com frustrações. Deriva dessa dificuldade o egocentrismo. Daí a aproximação entre os conceitos de narcisismo e egocentrismo. Essa propensão à intolerância quase sempre é produto de esquemas de reforçamento contínuo. Nesse tipo de esquema, o reforço segue o comportamento praticamente todas as vezes que ele é emitido e costuma estar presente em histórias de pessoas “mimadas”, que tiveram de se esforçar muito pouco para obter a satisfação de suas necessidades e desejos, pois os pais ou outros membros da família quase sempre proviam essa satisfação ao menor sinal de alteração emocional. É sabido que quanto mais imediato um reforço ocorre depois de um comportamento, maior a chance de esse comportamento ser fortalecido.

Portanto, a intolerância como padrão comportamental pode ter relação com o esquema de reforçamento e com a imediatividade com a qual os reforços foram apresentados ao longo da história do indivíduo. Sendo assim, pessoas podem se tornar reféns do reforço, tornando-se incapazes de adiar a satisfação de seus desejos e necessidades.

São modeladas não somente para ser intolerantes às frustrações, como também para buscar satisfação imediata. Elas se tornam presas fáceis do ciberespaço, onde a satisfação pode ser obtida apenas com um clique. No ciberespaço, tudo parece ser mais fácil. As amizades são virtuais, sendo assim, os aborrecimentos podem ser evitados bloqueando ou excluindo alguém da rede de contatos. O prazer pode ser buscado em *chats* e redes sociais. Talvez seja hora de parar e pensar nos efeitos da cultura digital sobre o comportamento das pessoas. Essa cultura não criaria circunstâncias favoráveis para a modelagem de comportamentos narcisistas? Essa cultura não favorece o fechamento sobre si mesmo, de modo que as pessoas passem a entender que se bastam a si mesmas? Essa cultura não acaba por favorecer o individualismo? Quais são os efeitos da obtenção tão facilitada de reforços com apenas um clique? Se, na vida real, os reforços podem ser adiados por causa de uma série de circunstâncias, no ciberespaço eles são facilmente obtidos. Mas que tipos de comportamentos estão sendo reforçados? Comportamentos de não fazer nada, ou de se empenhar em atividades que concorrem com outras mais produtivas. Muitas empresas bloqueiam o acesso a *chats* e redes sociais, pois navegar em tais redes e *chats* afeta o trabalho e a produtividade, acarretando prejuízos. Não estaria o mundo digital contribuindo para a criação de uma cultura do imediatismo? Creio que não. Talvez esteja apenas fortalecendo contingências que já operavam no mundo antes de sua existência, contingências que fazem parte de um mundo capitalista em que “tempo é dinheiro”, um mundo do “*just in time*”, um mundo regido pela urgência em produzir, pois existe, de outra parte, a urgência em consumir. Um mundo, pois, regido por produção *versus* consumo. Se produzir com urgência é preciso, pois existe premência de consumir o que se produz, cria-se um círculo vicioso em que o consumo é uma satisfação inadiável e é realizado sem que se pense nas consequências, sem consciência das contingências que o determinam. Dessa forma, não se questiona sobre o que está sendo consumido, pois o que importa é consumir para obter prazer. O produto desse ciclo é a construção de pessoas cada vez menos conscientes dos determinantes de seu comportamento, incapazes de assumir um posicionamento crítico sobre seu modo de vida e o mundo em que vivem, inseridas numa teia de consumo em que elas mesmas são um produto à venda em *stands* reais e virtuais. O não pensar nas consequências produz pessoas alienadas, enamoradas por seu prazer, como Narciso por sua imagem refletida no espelho d’água, pessoas que podem ser descritas com o refrão da música do Ultraje a Rigor: “Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim”.

RIBEIRO, Bruno Alvarenga. “*Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim*”: narcisismo, ciberespaço e capitalismo. Disponível em: <<http://cafe-com-ciencia.blogspot.com.br/2012/08/eu-me-amoeu-me-amo-nao-posso-mais.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018 (Adaptação).

- 04.** (UESB–2018) A expressão “Narcisismo” (l. 9) se origina
- de um uso reiterado numa canção de Caetano Veloso.
  - num mito difundido no senso comum sobre pessoas vaidosas.
  - do nome de um personagem de uma narrativa mitológica grega.
  - no aumento do egocentrismo e do consumismo dos tempos atuais.
  - de uma descoberta da Psicanálise a respeito do comportamento humano.

- 05.** (UESB–2018) De acordo com o texto, sobre a diferença entre narcisismo e egocentrismo, está correto o que se afirma em
- O narcisismo é um sentimento de urgência em obter satisfação; o egocentrismo se caracteriza pela focalização exclusiva em si mesmo.
  - O narcisismo é um modo de buscar compensar a falta de beleza; o egocentrismo implica o desejo de superar limitações pessoais.
  - O narcisismo se revela na intolerância e frustração do indivíduo frente à não satisfação de seus desejos; no egocentrismo, o que se destaca é a ausência de consideração do outro como referência de seus atos.
  - No narcisismo, há uma insatisfação do indivíduo com sua própria aparência; já no egocentrismo, predomina, na mente do indivíduo, uma visão de inferioridade, que é compensada pelo ensimesmamento e rejeição da realidade objetiva.
  - O narcisismo consiste na busca de resolução imediata e urgente de necessidades pessoais; já o egocentrismo se caracteriza pela centralização do indivíduo em si mesmo como definidor de suas ações, concepções e decisões.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- I e II.
- II e IV.
- IV e V.
- I, III e V.
- II, III e V.

- 06.** (UESB–2018) Sobre o Ego e o Id, tal como são concebidos no texto, está correto o que se afirma em:
- Nos indivíduos narcisistas, há um apagamento do Id pela supremacia absoluta do Ego na tomada de decisões.
  - Tanto o Ego como o Id se revelam extremamente fortes nos indivíduos narcisistas, propiciando o controle de impulsos reprimidos.
  - O Ego propicia a fuga da realidade, levando o indivíduo à busca desenfreada de satisfação dos seus desejos não revelados pelo Id.
  - O Ego, por possuir vínculos com a realidade, negocia com o Id, vinculado ao inconsciente, o momento de satisfazer desejos reprimidos.
  - O Id vincula o indivíduo à sua realidade, ajudando-o a controlar e regular seus impulsos ou desejos inconscientes que são explicitados pelo Ego.

- 07.** (UESB–2018) Marque com V ou com F, conforme sejam verdadeiras ou falsas as alternativas que apresentam características dos esquemas de reforçamento contínuo apresentadas no texto.

- O excesso de reforço a comportamentos adequados do indivíduo gera um padrão comportamental marcado pela intolerância.
- Esquemas de reforçamento contínuo alimentam, nos indivíduos, a tendência à intolerância frente à não satisfação de seus desejos.
- No reforçamento contínuo, ocorre uma recompensa todas as vezes que o comportamento é evidenciado, o que propicia a sua repetição.
- O provimento imediato e frequente dos desejos e necessidades de uma pessoa pode fortalecer o comportamento de exigir satisfação imediata de desejos.
- O comportamento que é reforçado continuamente tende a se extinguir, por força da necessidade de satisfação de outros desejos e prioridades do indivíduo.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a

- F V F V V
- V V V F F
- F V V V F
- V V F V F
- V F V F V

- 08.** (UESB–2018) Há uma asserção verdadeira sobre o conteúdo do texto em:

- Os trechos de músicas de Caetano Veloso e do Ultraje a Rigor mencionados no texto fazem referência a pessoas narcisistas, cujo principal foco de interesse recai em si mesmas.
- O autor considera que a imersão no ambiente do ciberespaço, criado pelo capitalismo, é a principal causa do crescimento de uma cultura do imediatismo e do consumismo.
- O “círculo vicioso” mencionado na linha 85 se refere à relação entre a urgência em produzir, marca do capitalismo, e a intensa necessidade consumir de pessoas egocêntricas ou narcisistas.
- A predominância de pessoas egocêntricas e narcisistas no ciberespaço constitui o principal fator de ascensão do capitalismo, cujo princípio fundamental é aumento crescente da produção e do consumo.
- Há uma relação de influência recíproca entre “narcisismo, ciberespaço e capitalismo” (título), a qual se vincula à produção de pessoas alienadas num contexto que privilegia rapidez, produção e consumo.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- I e II.
- II e IV.
- IV e V.
- I, III e V.
- II, III e V.

## SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2018) “A Declaração Universal dos Direitos Humanos está completando 70 anos em tempos de desafios crescentes, quando o ódio, a discriminação e a violência permanecem vivos”, disse a diretora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Audrey Azoulay.

“Ao final da Segunda Guerra Mundial, a humanidade inteira resolveu promover a dignidade humana em todos os lugares e para sempre. Nesse espírito, as Nações Unidas adotaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos como um padrão comum de conquistas para todos os povos e todas as nações”, disse Audrey.

Centenas de milhões de mulheres e homens são destituídos e privados de condições básicas de subsistência e de oportunidades. Movimentos populacionais forçados geram violações aos direitos em uma escala sem precedentes. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável promete não deixar ninguém para trás – e os direitos humanos devem ser o alicerce para todo o progresso.

Segundo ela, esse processo precisa começar o quanto antes nas carteiras das escolas. Diante disso, a Unesco lidera a educação em direitos humanos para assegurar que todas as meninas e meninos saibam seus direitos e os direitos dos outros.

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org>>.  
Acesso em: 03 abr. 2018 (Adaptação).

Defendendo a ideia de que “os direitos humanos devem ser o alicerce para todo o progresso”, a diretora-geral da Unesco aponta, como estratégia para atingir esse fim, a

- A) inclusão de todos na agenda 2030.
- B) extinção da intolerância entre os indivíduos.
- C) discussão desse tema desde a educação básica.
- D) conquista de direitos para todos os povos e nações.
- E) promoção da dignidade humana em todos os lugares.

02. (Enem–2018) Na sociologia e na literatura, o brasileiro foi por vezes tratado como cordial e hospitaleiro, mas não é isso o que acontece nas redes sociais: a democracia racial apregoada por Gilberto Freyre passa ao largo do que acontece diariamente nas comunidades virtuais do país. Levantamento inédito realizado pelo projeto Comunica que Muda [...] mostra em números a intolerância do internauta tupiniquim. Entre abril e junho, um algoritmo vasculhou plataformas [...] atrás de mensagens e textos sobre temas sensíveis, como racismo, posicionamento político e homofobia. Foram identificadas 393 284 menções, sendo 84% delas com abordagem negativa, de exposição do preconceito e da discriminação.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com>>.  
Acesso em: 06 dez. 2017. [Fragmento adaptado]

Ao abordar a postura do internauta brasileiro mapeada por meio de uma pesquisa em plataformas virtuais, o texto

- A) minimiza o alcance da comunicação digital.
- B) refuta ideias preconcebidas sobre o brasileiro.
- C) relativiza responsabilidades sobre a noção de respeito.
- D) exemplifica conceitos contidos na literatura e na sociologia.
- E) expõe a ineficácia dos estudos para alterar tal comportamento.

### 03.

#### Texto I

##### O que é a Constituição e qual a sua importância?

A Constituição é o documento jurídico onde são estabelecidas as normas fundamentais de organização do Estado e da sociedade que nele vive. Pode se dizer que nela estão as escolhas que instituem, ou seja, que constituem a forma de governo de um povo sobre um determinado território. Do ponto de vista jurídico, portanto, a Constituição institui o Estado e, com isso, o País que a ele corresponde.

LANÇA, João. *O que é a Constituição e qual é a sua importância?* Disponível em: <<https://www.barrosoefranca.com.br>>. Acesso em: 29 out. 2018. [Fragmento]

#### Texto II

A persistência da Constituição é a sobrevivência da democracia. Quando, após tantos anos de lutas e sacrifícios, promulgamos o estatuto do homem, da liberdade e da democracia, bradamos por imposição de sua honra: temos ódio à ditadura. Ódio e nojo.

Ulysses Guimarães, presidente da Assembleia Nacional Constituinte, em discurso em 05 de outubro de 1988.

Com o fim do Regime Militar, em 1985, a aprovação da Constituição pelos parlamentares em 22 de setembro de 1988 foi um dos marcos principais na transição para a democracia. A promulgação da Carta ocorreu em 5 de outubro do mesmo ano. Três décadas depois da aprovação, a Constituição mantém intactos pontos essenciais em sua concepção, ao mesmo tempo que soma dezenas de alterações e atrai debates sobre as necessidades de ser ou não revista para dar conta dos desafios dos tempos atuais. [...]

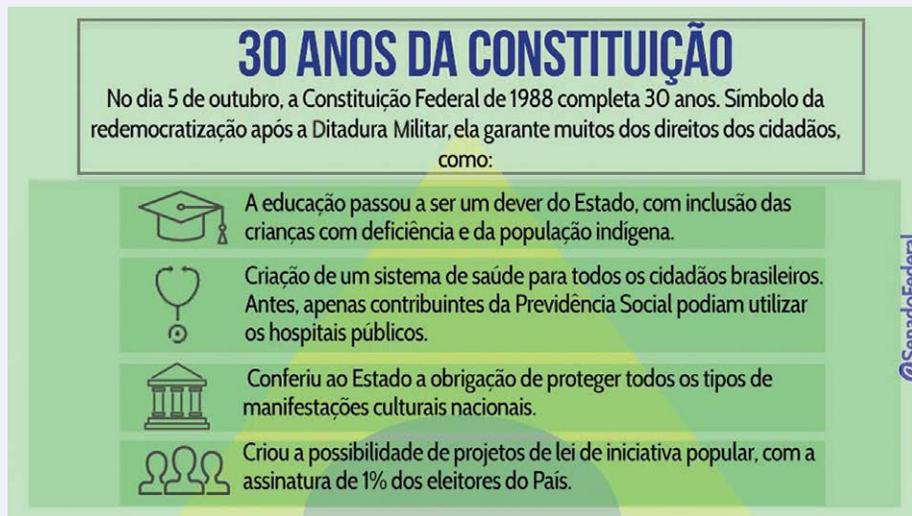
Os direitos básicos estão listados e assegurados, em especial, no artigo 5º do texto, que afirma, entre outros pontos, o seguinte:

- Todos são iguais perante a lei.
- É livre a **manifestação do pensamento**, de expressão e de religião.
- É inviolável a **vida privada**.
- É assegurado a todos o **acesso à informação**.
- É **livre a locomoção** no território nacional.
- É livre o **direito de manifestação**.
- É garantido o **direito de propriedade**.

Nenhuma outra lei pode contradizer ou se sobrepor à Carta Magna. Se uma lei a confronta, é declarada inconstitucional. Esse controle cabe ao Supremo Tribunal Federal, órgão máximo do Judiciário brasileiro, cuja função maior é ser o guardião da Constituição – atribuição estabelecida pela própria Carta.

Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2018/09/21/Constitui%C3%A7%C3%A3o-cidad%C3%A3o-30-anos-direitos-amarras-e-desafios>>. Acesso em: 29 out. 2018 [Fragmento].

### Texto III



A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: **30 anos de Constituição: a importância do documento e os desafios enfrentados**. Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

## 04. (Enem–2018)

### Texto I

Às segundas-feiras pela manhã, os usuários de um serviço de música digital recebem uma lista personalizada de músicas que lhes permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de outros aplicativos e redes sociais, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de transmissão de vídeo *online* começam a desenhar suas séries de sucesso rastreando o banco de dados gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Dessa forma, a filtragem feita pelas redes sociais ou pelos sistemas de busca pode moldar nossa maneira de pensar. E esse é o problema principal: a ilusão da liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos.

VERDÚ, Daniel. O gosto na era do algoritmo. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com>>. Acesso em: 11 jun. 2018 (Adaptação).

### Texto II

Nos sistemas dos gigantes da Internet, a filtragem de dados é transferida para um exército de moderadores em empresas localizadas do Oriente Médio ao Sul da Ásia, que têm um papel importante no controle daquilo que deve ser eliminado da rede social, a partir de sinalizações dos usuários. Mas a informação é então processada por um algoritmo, que tem a decisão final. Os algoritmos são literais. Em poucas palavras, são uma opinião embrulhada em código. E estamos caminhando para um estágio em que é a máquina que decide qual notícia deve ou não ser lida.

ESCOBAR, Pepe. *A silenciosa ditadura do algoritmo*. Disponível em: <<https://outraspalavras.net>>. Acesso em: 05 jun. 2017 (Adaptação).

## Texto III

## Utilização da Internet

64,7 % das pessoas de 10 anos ou mais utilizaram a Internet.



Cerca de 85% dos jovens de 18 a 24 anos de idade e 25% das pessoas de 60 anos ou mais de idade utilizaram a Internet.

## Finalidade do acesso à Internet (%)



Internet no Brasil em 2016. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 jun. 2018 (Adaptação).

## Texto IV

Mudanças sutis nas informações às quais somos expostos podem transformar nosso comportamento. As redes têm selecionado as notícias sob títulos chamativos como “*trending topics*” ou critérios como “relevância”. Mas nós praticamente não sabemos como tudo isso é filtrado. Quanto mais informações relevantes tivermos nas pontas dos dedos, melhor equipados estamos para tomar decisões. No entanto, surgem algumas tensões fundamentais: entre a conveniência e a deliberação; entre o que o usuário deseja e o que é melhor para ele; entre a transparência e o lado comercial. Quanto mais os sistemas souberem sobre você em comparação ao que você sabe sobre eles, há mais riscos de suas escolhas se tornarem apenas uma série de reações a “cutucadas” invisíveis. O que está em jogo não é tanto a questão “homem *versus* máquina”, mas sim a disputa “decisão informada *versus* obediência influenciada”.

CHATFIELD, Tom. *Como a Internet influencia secretamente nossas escolhas*. Disponível em: <www.bbc.com>.

Acesso em: 03 jun. 2017 (Adaptação).

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “**Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na Internet**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa do seu ponto de vista.

## GABARITO

## Aprendizagem

Meu aproveitamento

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. Nessa proposta, deve-se começar o texto-base da argumentação traçando-se um paralelo entre a pós-verdade e o uso das redes sociais. A pós-verdade diz respeito à perda de importância dos fatos verídicos e objetivos frente à manipulação dos indivíduos por meio de mensagens sensacionalistas, que apelam às emoções e crenças pessoais. Em seguida, deve-se ilustrar o fenômeno com exemplos de notícias falsas difundidas pela pós-verdade. Podem-se citar os rumores de que vacinas estariam causando autismo nas crianças, o que gerou o movimento antivacinas e o reaparecimento de doenças como o sarampo, que já estavam erradicadas. Para finalizar a palestra, deve-se mencionar as consequências sociais da propagação de pós-verdades. Com base no exemplo da vacina, é possível citar o surto de sarampo como uma grave consequência para a saúde pública no Brasil. Independentemente do exemplo utilizado para ilustrar a pós-verdade, é importante que seja citada a perda da objetividade diante das notícias, bem como o baixo interesse em se verificar a legitimidade das informações difundidas na Internet. De modo geral, os usuários das redes sociais se contentam em encontrar uma fonte com informações convenientes à ideologia proposta, seja ela confiável ou não. Ou seja, o que importa é a confirmação de opiniões, e não a busca pela verdade.

- 02. Nessa proposta, deve-se atentar para as características do artigo de opinião, texto dissertativo-argumentativo que apresenta um determinado tema de acordo com o ponto de vista defendido pelo autor. A pergunta motivadora é “Há limite para a liberdade de expressão?” e, para iniciar o artigo de opinião, podem ser explicitados os dois principais posicionamentos acerca da questão proposta. O primeiro posicionamento defende que há limite para a liberdade de expressão, considerando que essa liberdade pode embasar discursos de ódio e preconceitos, além de ferir os direitos dos grupos contra os quais esse ódio se direciona. O segundo posicionamento expõe que não há limites para a liberdade de expressão, considerando que, independentemente de emitir opiniões desrespeitosas ou preconceituosas, as pessoas não devem ter sua expressão reprimida. Após explicitar os dois pontos de vista, deve-se marcar um posicionamento a favor ou contra tais limites, fundamentando o ponto de vista com argumentos que convençam o leitor e que contemplem as citações disponibilizadas. É importante considerar que a liberdade de expressão irrestrita pode culminar em crimes de ódio, descumprindo as regras de “respeito à vida do outro”, conforme exposto na fala de Djamilia Ribeiro. E que, ao colocar limites na expressão, corre-se o risco de abrir precedentes devido à subjetividade do que pode ser considerado discurso de ódio, conforme a fala de Rachel Sheherazade.
- 03. O comando da questão pede que seja manifestado o ponto de vista sobre a violação do sigilo de informações por profissionais de saúde, considerando as duas matérias oferecidas como motivadores. O texto pedido segue os moldes de um artigo de opinião. Com base no primeiro texto, é possível fundamentar a argumentação na perspectiva do desembargador Diaulas Costa Ribeiro, que expõe os desafios impostos pelas novas tecnologias e salienta a necessidade de adequação dessa “medicina contemporânea”, no intuito de garantir o exercício ético da profissão e o sigilo. A opinião do médico legista Malthus Galvão apresenta uma perspectiva melhor delimitada sobre o assunto e considera que os princípios fundamentais do Código de ética médica devem ser mantidos inclusive no meio digital. O profissional ainda alerta para a exposição do conteúdo de forma sensacionalista, embasado por lei, que também pode ser explorado na escrita do texto. O segundo texto explora a ausência de cassações devido à quebra de sigilo médico, apesar de salientar a gravidade de tal prática. Vale destacar a ilegalidade da divulgação de informações e imagens mesmo com o consentimento do paciente ou não o identificando. Independentemente do ponto de vista defendido, deve-se considerar os aspectos éticos da prática profissional, bem como os aspectos previstos pela lei. O novo papel das mídias sociais enquanto prestadoras de serviços de saúde também pode ser considerado, levando em conta como explorar os benefícios dessa nova plataforma sem ferir os princípios básicos da ética profissional.
- 04. Deve-se elaborar um texto dissertativo-argumentativo que opine sobre o êxodo urbano. O comando da questão pede que a argumentação seja desenvolvida considerando as facilidades da vida urbana. Nesse aspecto, pode-se considerar pontos como o fácil acesso à informação, devido à Internet, à televisão e à disponibilidade de livros, revistas e jornais. A comunicação, de modo geral, pode ficar comprometida na vida rural, pois várias regiões do Brasil não têm nem rede telefônica. O acesso a atendimentos de saúde e à educação também fica restrito. Em regiões mais remotas, não se encontram postos de saúde ou atendimento médico disponível, sendo preciso realizar deslocamento para a cidade mais próxima em busca desses serviços. Somando-se aos serviços mais urgentes, existem ainda as facilidades da vida urbana, como a possibilidade de pedir entrega de comida pronta ou de frequentar estabelecimentos que ficam abertos 24 horas, além do acesso a atividades culturais, como museus e cinemas. Considerando esses aspectos, é possível justificar o fenômeno do êxodo rural e explicar o que as pessoas buscam ao se mudar para as grandes cidades. Os empecilhos práticos, como o acesso limitado à saúde e à educação, além das restrições em termos de comunicação podem estar entre as razões que impedem a concretização do sonho da vida no campo.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D
- 02. C
- 03. A
- 04. C
- 05. D
- 06. D
- 07. E
- 08. D

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. C
- 02. B
- 03. Na proposta apresentada é esperado um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema “30 anos de Constituição: a importância do documento e os desafios enfrentados”. Os textos motivadores apresentam perspectivas positivas acerca do estabelecimento da Constituição. No texto I, explicita-se as funções primordiais do documento na manutenção do Estado e na defesa dos direitos e deveres dos cidadãos, bem como na prevenção de abusos de poder e garantia da democracia. Do mesmo modo, o excerto II apresenta pontos principais estabelecidos pela Carta Magna, apresenta uma declaração de um dos seus criadores e reafirma a importância do documento em relação a outras leis. Já o terceiro texto apresenta uma percepção da Constituição 30 anos depois de sua aprovação, enfatizando avanços alcançados por seu intermédio ao longo do tempo. Pensando a leitura desses textos, deve-se apresentar uma contextualização da aprovação da Constituição e propor uma reflexão acerca de sua importância para o país, seja no aspecto jurídico, burocrático, seja no aspecto humano, coletivo.

É importante ressaltar que o enunciado da proposta pressupõe a necessidade de se abordar as conquistas e a manutenção do documento ao longo do tempo, assim como problematizar o que ainda é necessário para garantir a viabilidade e a aplicação dos direitos nele previstos. Como proposta de intervenção para o tema, pode-se destacar a necessidade de abordar os direitos previstos na Constituição em aulas ou palestras, a fim de tornar a população mais consciente, e propor formas de o poder público tornar as leis mais eficazes por meio de fiscalização, por exemplo.

- 04. Para essa proposta, o tema não permite uma discussão ampla sobre notícias falsas. No entanto, é possível, de forma localizada, utilizar as *fake news* como estratégia argumentativa, especialmente de exemplificação, para mostrar como até mesmo a circulação das notícias falsas pode ser facilitada pelo direcionamento de conteúdo por meio do uso dos recursos da Big Data. Um exemplo de argumentação possível nesse sentido foi o escândalo envolvendo a empresa de Tecnologia da Informação Cambridge Analytica nas eleições presidenciais de 2016 dos Estados Unidos, em uma acusação de compra de dados de milhões de usuários do Facebook. Nesse contexto, especula-se que a difusão de notícias falsas sobre Hillary Clinton, especificamente aquelas direcionadas aos possíveis votantes de Donald Trump, foi potencializada com o uso premeditado dessa base de dados, o que indica certa manipulação política do eleitorado.

Levando em conta as palavras / expressões-chave presentes no tema: "manipulação", "comportamento", "usuário", "controle de dados" e "Internet", deve-se dar direcionamento explícito a esse recorte tão restrito na proposição argumentativa (tese). Como possibilidade de tese, pode-se, por oposição, argumentar que, apesar de os avanços nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) trazerem inegáveis benefícios ao usuário da Internet, há um risco real, ainda que pouco visibilizado, de este ser influenciado em suas concepções, decisões e posturas pela maneira como os dados circulam e são tratados no ciberespaço hoje. A respeito do termo "ciberespaço", é possível relacioná-lo, como repertório sociocultural, às designações de "ciberespaço" e "cibercultura", do filósofo francês Pierre Lévy, e, como a alusão histórica, à Terceira Revolução Industrial, chamada de Revolução Científico-Informacional. Essas menções podem ser, inclusive, uma interessante forma de contextualizar o tema nas primeiras linhas da redação.

No desenvolvimento do texto, espera-se que, independentemente da estratégia organizacional, seja esclarecido o mecanismo por meio do qual se dá o controle de dados e, posteriormente, a manipulação do indivíduo conectado. Ou seja, é necessário, ainda

que de forma básica, interpretar as informações da coletânea, especialmente aquelas sobre algoritmo e conteúdos mais relevantes, para mostrar como essas possibilidades de manejo de dados conduzem à oferta de publicações e *links* atrativos a determinados públicos, a fim de conduzi-los a escolhas condicionadas, falsamente livres (pensar no conceito de "bolha de dados", conforme abordado, por exemplo, pelo cientista da computação Eli Pariser). O texto III, inclusive, aponta a grande exposição dos mais jovens a essa dinâmica e as finalidades principais de uso da Internet no Brasil em 2016, dados que podem ser aproveitados na argumentação - mas jamais copiados na íntegra - com o intuito de relacionar a intensidade da exposição dos usuários ao controle de seus dados. Além disso, podem ser trabalhadas algumas causas que levam ao problema, como a pouca regulamentação, a legislação precária do uso de dados na Internet (por exemplo, das políticas de privacidade), ou mesmo o desconhecimento da população sobre essas dinâmicas que acontecem à sua revelia - o que facilita a elaboração de uma proposta de intervenção mais educativa, envolvendo campanhas de alerta governamentais ou da sociedade civil organizada (por exemplo, ONGs vinculadas à inclusão digital).

Na proposta de intervenção, com relação à legislação ainda incipiente do ciberespaço, pode ser proposta, a partir do Congresso Nacional, a sugestão e a votação de leis mais rígidas para a utilização mais controlada e transparente dos dados dos usuários. É viável também abordar consequências desse processo de manipulação, discutindo a influência dessa dinâmica sobre padrões de consumo, tendências político-ideológicas, fontes de informação midiática, etc. Levando em conta a relação de consumo e cultura de massa, é possível ainda mencionar a Indústria Cultural e a Escola de Frankfurt, que, mesmo anteriores à Era Digital, já previam a utilização de mecanismos midiáticos para a difusão massificada, homogeneizada de objetos culturais (veja-se, por exemplo, a utilização que *sites* e aplicativos móveis como Spotify, YouTube e Netflix fazem para intensificar o acesso a determinados conteúdos). Considerando-se a proliferação das fontes informativas e a queda da mídia hegemônica, *mainstream*, pode-se explorar, na Filosofia Contemporânea, o conceito de pós-verdade. De qualquer maneira, a complexidade do assunto requer um conhecimento prévio sobre o tema e um bom domínio argumentativo para que o projeto de texto não tangencie o tema.



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Contra-Argumentação e Falhas Argumentativas

### CONTRA-ARGUMENTAÇÃO

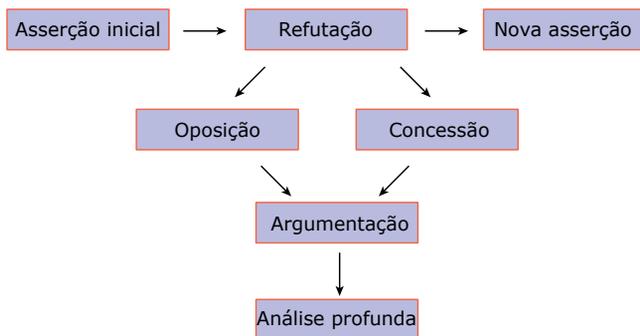
Nos módulos anteriores, você aprendeu o que é um texto dissertativo-argumentativo, como ele deve ser planejado, elaborado e desenvolvido. Aprendeu também as estratégias que podem ser utilizadas para uma boa argumentação. Entretanto, muitas vezes deparamo-nos com assuntos em que há posições favoráveis e desfavoráveis e muitos argumentos contra e a favor do tema discutido. Saber contra-argumentar, apresentando premissas, elencando causas e consequências e fazendo ressalvas é fator primordial para construir argumentos fortes e defender com segurança a tese proposta.

Nesse sentido, pode-se dizer que a contra-argumentação é uma ação de resposta, portanto dialógica, por meio da qual se rejeita, de maneira total ou parcial, ideias postas ou elencadas sobre certo contexto ou tese. Para se contra-argumentar, deve-se partir das ideias do outro, as quais se pretende invalidar ou refutar, condição esta necessária para se estabelecer uma opinião acerca de determinado assunto. (Santos, 2017)

Existem algumas estratégias que podem ser empregadas com essa finalidade. São elas:

- explorar as **causas** para sustentar um ponto de vista;
- elaborar **hipóteses** para se confirmar ou invalidar uma tese;
- fazer **concessões** para que se possam apontar **restrições** (ressalvas), ou, então,
- tentar **concordar com o interlocutor**, reconhecendo, assim, parte da tese que ele defende.

O quadro a seguir ilustra como acontece a ação de contra-argumentação:



SANTOS, Marcos Bispo. Contra-argumentação e discurso: uma abordagem transdisciplinar. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 2233-2250, set. 2017. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n3p2233>>. Acesso em: 25 jan. 2018. [Fragmento]

Na contra-argumentação, há, inicialmente, a asserção do argumento a ser contestado; em seguida, a refutação, que pode ser por oposição ou por concessão (ação que implica aceitar / contradizer parcialmente o argumento). Essa contestação deve ser argumentada e analisada, ou seja, deve-se explicar o porquê da discordância, apresentando os argumentos, expondo e discutindo o ponto de vista.

Leia o artigo a seguir, sobre o tema “As redes sociais e as relações humanas na contemporaneidade”, para entender o processo de contra-argumentar.

#### A ilusão das redes sociais

[...] É indiscutível o importante papel que as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de pessoas e produtos no mercado de trabalho.

A velocidade com que elas veiculam notícias, a extensão territorial alcançada e a imensa quantidade de pessoas que atingem simultaneamente não eram presumíveis cerca de uma década atrás, nem mesmo pelos seus criadores. Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das várias manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

Portanto, não podemos sequer supor que elas tragam somente meras mudanças de costumes, porque seu peso, associado ao desenvolvimento da informática, é semelhante à introdução da imprensa, da máquina a vapor ou da industrialização na dinâmica do nosso mundo. As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao participar das redes sociais acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, sermos populares, estarmos ligados a todos os acontecimentos e participando efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos.

[...]

Meu propósito, aqui, foi apenas o de levantar dados para uma reflexão. Mas quero acentuar que essas tendências das redes sociais – a virtualidade, o distanciamento, a superficialidade, a superfluidade do ser humano, a exposição narcísica, a ilusão de intimidade e popularidade [...] – constituem o padrão de isolamento das relações pessoais. E quanto mais isolados, mais ficamos à mercê de controles e manipulações. Cada vez mais ameaçados na autoria do nosso destino pessoal e político.

CRITELLI, Dulce. *A ilusão das redes sociais*. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/a-ilusao-das-redes-sociais/>>. Acesso em: 20 dez. 2017. [Fragmento]

No primeiro parágrafo, a autora afirma a relevância das redes sociais na vida dos indivíduos, sua capacidade de aproximar as pessoas e de favorecer as relações profissionais, além da sua importância na comunicação, devido à velocidade com que as informações circulam, e na política, resgatando o seu papel nos movimentos populares da atualidade. Já no segundo parágrafo, seu foco volta para a questão das relações humanas em tempos de redes sociais, introduzindo, assim, a tese de que, apesar de parecer contraditório, visto que as redes sociais diminuem as distâncias entre os indivíduos, elas definem o isolamento como o padrão para as relações interpessoais contemporâneas. O terceiro parágrafo é onde a autora contra-argumenta diretamente a ideia de que as redes sociais nos possibilitam ter mais amigos, sermos populares e participarmos efetivamente de todos os acontecimentos da vida pública, afirmando que se trata de uma ilusão. A partir daí, a autora busca argumentos que corroborem essa tese, baseando-se, especialmente, em observações da realidade e experiências pessoais.

Nota-se, então, que o artigo de Dulce Critelli apresenta a seguinte estrutura, que exemplifica, também, o quadro apresentado no início do módulo:

- **Introdução:** delimitação do assunto e asserção positiva acerca das redes sociais.
- **Desenvolvimento:** contra-argumento em relação à “ilusão das redes sociais”, que provocam o isolamento dos indivíduos, e não sua conexão.
- **Conclusão:** retomada do ponto de vista e reflexão acerca das possíveis consequências sociais e individuais provocadas pelo isolamento advindo do uso das redes sociais.

## FALHAS ARGUMENTATIVAS

Muitas vezes, ao discutirmos a respeito de determinado assunto, não conseguimos convencer o nosso interlocutor acerca do nosso ponto de vista porque não utilizamos argumentos lógicos, ou “fortes”, e cometemos falhas que enfraquecem a argumentação.

Essas falhas, também conhecidas como falácias, são elementos comuns, bastante persuasivos e facilmente encontrados em jornais, revistas e outras fontes. Contudo, precisamos estar atentos aos textos (nossos e alheios) para identificarmos os raciocínios falaciosos, corrigi-los ou refutá-los. As falhas de argumentação são erros típicos de estrutura, composição, coerência, aceitabilidade ou fundamentação de argumentos, como os apresentados a seguir.

## Generalização

Chamamos de generalização uma qualificação ou padronização instintiva de pessoas ou grupos. Pode aparecer na forma de estereótipos, em que se rotula um grupo ou um indivíduo de maneira preconceituosa, ou, ainda, em tom elogioso.

### Exemplos:

Todos os políticos são corruptos.  
O povo brasileiro é alegre e cordial.

## Slogans, palavras de ordem, provérbios e frases feitas

Geralmente, esse tipo de expressão traz pouca informatividade ao texto, já que repete pensamentos de outrem, com valores e conceitos preestabelecidos. Podem, também, transmitir o sentido de um discurso panfletário, defendendo ideologias ou posicionamentos de maneira incisiva e pouco crítica ou reflexiva. Por causa disso, devem ser evitados em textos dissertativos-argumentativos.

A redação a seguir, uma dissertação-argumentativa sobre a padronização estética no Brasil, é um exemplo de texto bem redigido, não fossem as generalizações excessivas cometidas pelo autor no desenvolvimento e as frases feitas na conclusão, que enfraqueceram a argumentação.

### O corpo ideal

Esse trabalho é uma “sessão fotográfica que representa e critica a padronização estética corporal e a exclusão dos que não fazem parte dela”, analisa Matheus Diniz, fotógrafo brasileiro, sobre seu projeto que expõe a perfeição plástica cultuada nas mídias sociais, além de apresentar também pessoas consideradas fora do padrão e que, no entanto, esbanjam autovalorização e empoderamento. É uma crítica de enorme valia, **visto que todas as mídias e veículos de comunicação (televisão, cinema, Internet – sobretudo as redes sociais) sempre atuaram e ainda atuam como ferrenhas disseminadoras da ideia de um modelo físico, americano, a ser seguido. É importante frisar que o corpo considerado perfeito não é sinônimo de saúde e que essa idealização é muito perigosa.**

O culto a um padrão de beleza existe no Brasil desde o período colonial. Daquele tempo até parte do século XIX, as influências provinham da Europa, mas eram predominantemente ligadas às vestimentas.

Em seguida, as inspirações passaram a ter origem americana, chegando, então, ao panorama atual, em que a globalização e a tecnologia permitem a entrada no Brasil dos diferentes padrões de beleza impostos pelo mundo. O turbilhão de informações acerca da estereotipização induzem inúmeras pessoas, **em sua grande maioria mulheres jovens**, a se submeterem a dietas radicais, cirurgias plásticas, exercícios físicos em demasia e procedimentos estéticos diversos. Algumas fazem, ainda, o uso de medicamentos, anabolizantes e esteroides, tudo isso em busca do corpo perfeito.

Esses procedimentos que objetivam o corpo idealizado **quase nunca são orientados por profissionais e realizados de forma correta**, o que provoca malefícios múltiplos. Os mais comuns são a anorexia e a bulimia, causadas por dietas extremamente restritivas ou pobres em elementos essenciais, mas existem muitos outros. O uso de medicamentos, por exemplo, pode provocar disfunção de glândulas, acarretando a infertilidade, impotência, diabetes e até câncer. As demais iniciativas podem suscitar também desnutrição, estresse, disfunções, erros cirúrgicos irreparáveis ou até mesmo levar à morte. Ainda, de um modo geral, a não aceitação do próprio corpo pode provocar no indivíduo um quadro depressivo por ele estar sempre insatisfeito consigo mesmo.

Diante disso, sugerem-se aos influenciadores digitais que proponham, a exemplo do fotógrafo Matheus Diniz, campanhas, veiculadas nas redes sociais de maior acesso no Brasil e no mundo, pregando a autoaceitação e o zelo pela vida e pela saúde, **pois só assim, juntos, poderemos acabar com a ideia de padronização corporal, enaltecendo as pessoas de fato saudáveis, fazendo, assim, com que sejam felizes.**

## Senso comum e lugar-comum

Você já deve ter ouvido falar em “senso comum” e “lugar-comum”, bem como já recebeu a orientação de não utilizar lugares-comuns em seus textos. Mas você sabe qual é a diferença entre “senso comum” e “lugar-comum”?

Usa-se a expressão “senso comum” para fazer referência a concepções conhecidas e consideradas válidas pela maioria das pessoas. São exemplos de ideias de senso comum:

- Há mais criminalidade em lugares onde existe maior desigualdade social.
- A estrutura tradicional das famílias modificou-se ao longo dos últimos 20 anos.
- Não será possível acabar com a corrupção no Brasil se não houver punições efetivas àqueles que a praticam.
- O sistema carcerário no Brasil não reabilita os infratores para o convívio social.

Não há problema em se usarem ideias e argumentos desse tipo em uma redação. Todo texto precisa ser um pouco previsível, afinal, deve pautar-se na realidade, na qual também está fundamentado o senso comum.

Entretanto, é bom saber que essas ideias têm baixo índice de informatividade. Em outras palavras, um texto fundamentado apenas no senso comum é previsível e não acrescenta muito aos leitores. Por isso, é aconselhável apresentar ideias que ultrapassem o senso comum.

Diferentemente do senso comum, o lugar-comum deve ser evitado a todo custo em textos dissertativo-argumentativos. Os lugares-comuns pautam-se em generalizações pouco atentas e, normalmente, traduzem preconceitos. São exemplos de lugares-comuns:

- Mulheres não sabem dirigir bem.
- Na favela só há marginais.
- Políticos são corruptos.

## Chistes

São “piadas” ou frases bem-humoradas que podem fazer parte de um texto, desde que bem dosadas e com um teor mais refinado ou irônico. Deve-se ter cuidado para não utilizar como chiste uma expressão grosseira ou ridícula.

Em um texto dissertativo-argumentativo, devem-se apresentar ideias e pontos de vista dentro de uma seleção de conceitos, fatos, dados que possam servir para embasar os argumentos. Ao utilizar somente informações previsíveis, empregar expressões generalizantes, que denotem preconceito, ou trazer para o texto piadas e provérbios de mau gosto ou duplo sentido, o autor terá dificuldades em ter seu texto bem avaliado, principalmente em uma situação de exames como o Enem.

A seguir, apresentamos uma redação de um aluno do Ensino Médio sobre o tema “A exposição nas redes sociais: perigo ou interação?”. Note que, no desenvolvimento do texto, o autor argumenta a partir de generalizações e da citação de um provérbio que realiza um julgamento de valor também generalizante, o que prejudica a defesa do posicionamento.

### Internet, meio de comunicação ou exposição?

**Estar conectado à Internet hoje passou a ser algo necessário para muitas pessoas, pois só através da mesma pode-se haver uma comunicação entre pessoas distantes ou o uso dela como fonte de trabalho, estudo, entre outras coisas, de uma forma mais rápida e de fácil acesso.** Em contrapartida, a rede não impede as pessoas que a acessam de terem sua privacidade preservada.

**Quando se trata de Internet, muitas pessoas afirmam que não vivem sem e das 24 horas do dia elas passam 24 horas conectadas, pois estas trabalham em muitas coisas: em multinacionais, estudam a distância ou moram longe da família e sem a Internet não haveria uma outra forma para a comunicação.**

No entanto, nem sempre a Internet serve como comunicação. Há casos em que ela se torna uma rede de exposição onde a privacidade é zero. Artistas ou pessoas famosas já tiveram problemas por causa da rede, como o caso da atriz global que teve suas fotos nuas expostas na Internet. **Outras pessoas expõem toda sua vida nas redes sociais, usando seus “corpinhos de Barbie” para ganhar um “dinheirinho fácil”. É aquele ditado: “quem nunca comeu melado, quando como se lambuza”.**

Podemos concluir que a Internet serve como meio rápido de comunicação, mas com cuidado, respeito, preservando a imagem do outro, sendo pessoas conscientes de que também podemos ser vítimas dela. É necessário ter cuidado com o que se publica na Internet e em casos mais graves deve-se acionar a justiça e buscar sempre instruir os usuários de redes sociais no que se deve ou não se expor na Internet.

## Círculo vicioso

Essa falha acontece quando o argumento é, na verdade, uma repetição do que já foi dito anteriormente. Muitas vezes o autor de um texto, talvez por falta de planejamento ou mesmo por ter um repertório sociocultural pouco produtivo, repete com outras palavras a mesma ideia, causando uma redundância.

### Exemplo:

Muitas pessoas não conseguem estudar porque não entendem a matéria ou o que o professor diz. Assim, esses alunos não se desenvolvem nem estudam por falta de compreensão da matéria ensinada pelo professor.

Um texto em que não há um desenvolvimento de ideias quase sempre apresenta falta de planejamento, o que é facilmente identificado, pois o autor realiza uma argumentação circular, em que não há progressão ou a análise daquilo que se expõe, voltando sempre ao argumento já apresentado. O resultado é uma produção com baixa informatividade e argumentos frágeis, como o apresentado anteriormente, em que o autor se repete, nos dois primeiros parágrafos, quanto à necessidade que algumas pessoas têm de estarem sempre conectadas.

## Sofismas

Os sofismas aparecem na forma de um raciocínio equivocado, mostrando um falso argumento como se fosse uma verdade. Normalmente, são elaborados tentando enganar o interlocutor.

### Exemplo:

As escolas vão mal por causa dos alunos desinteressados.

Na redação a seguir, pode-se observar como o autor não consegue ampliar e aprofundar a discussão, voltando sempre à ideia de que os seres humanos desenvolveram técnicas de comunicação porque precisam se comunicar, indicando uma argumentação circular e sem progressão. Além disso, ele utiliza sofismas, como a ideia de que a Internet vai acabar com os outros meio de comunicação, o que é falso, pois ela existe há vários anos e isso não aconteceu; e o argumento de que só os países pobres não têm acesso à Internet, também uma falácia, pois mesmos em países pobres e em locais distantes, ainda que de maneira precária, também pode existir acesso à rede mundial de computadores, enquanto, por outro lado, em países ricos com grandes desigualdades sociais, nem todos os indivíduos têm acesso à Internet.

**Os seres humanos desde sua evolução desenvolveram técnicas de comunicação para melhoria em se comunicar com a sociedade. A comunicação durante anos vem tendo uma grande evolução, conforto e rapidez para os seres humanos, tendo um grande surgimento de comunicação, a Internet, que acabará, daqui a um tempo, com os outros meios de comunicação.**

**A sociedade cada vez mais vem tendo necessidade de se comunicar e de conhecer informações sobre tudo que ocorre no mundo, por isso desenvolveu técnicas de comunicação, ficamos conectados quase o tempo todo nas redes sociais, por meio da Internet e só os países muito pobres e distantes é que não podem ter acesso a ela.**

**A conexão por meio das redes sociais trouxe alguns benefícios: as informações são transmitidas cada vez mais rápido, trazendo muitos conhecimentos aos seres humanos.** Com o passar do tempo a Internet trouxe algumas consequências, pesquisas afirmam que muitos perfis falsos foram criados nas redes sociais, principalmente em sites de relacionamentos, namoro. Pessoas estão sendo enganadas e roubadas através da Internet. Fotos íntimas de menores de idade estão sendo divulgadas em sites na Internet, causando graves lesões no psicológico.

Para diminuir essas consequências, pesquisadores alertam todas as pessoas a não divulgar documentos, senhas, contas bancárias, por redes sociais. Pedem que os pais tenham muita atenção em seus filhos, no que eles estão vendo e fazendo nas redes sociais, ficar atentos também no comportamento e se ocorrer algo de errado procurar um psicólogo, e lembre-se que todo cuidado é pouco. Fiquem atentos!

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

## 01. (Unesp)

**Texto I**

Dos 594 deputados e senadores em exercício no Congresso Nacional, 190 (32%) já foram condenados na Justiça e / ou nos Tribunais de Contas.

As ocorrências se encaixam em quatro grandes áreas: irregularidades em contas e processos administrativos no âmbito dos Tribunais de Contas (como fraudes em licitações); citações na Justiça Eleitoral (contas de campanha rejeitadas, compra de votos, por exemplo); condenações na Justiça referentes à lida com o bem público no exercício da função (enriquecimento ilícito, peculato etc.); e outros (homicídio culposo, trabalho degradante, etc.).

PAIVA, Natália. Disponível em: <[www.transparencia.org.br](http://www.transparencia.org.br)> (Adaptação).

**Texto II**

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria, aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e onde o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema socioeconômico injusto, onde a lei só existe para os pobres e para os inimigos e onde os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da autoestima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinquência, tornando-se delinquente.

COSTA, Jurandir Freire. Disponível em: <<http://super.abril.com.br>> (Adaptação).

**Texto III**

Se o eleitorado tem bastante clareza quanto à falta de honestidade dos políticos brasileiros, não se pode dizer o mesmo em relação à sua própria imagem como “povo brasileiro”. Isto pode ser um reflexo do aclamado “jeitinho brasileiro”, ora motivo de orgulho, ora de vergonha.

De qualquer forma, fica claro que há problemas tanto quando se fala de honestidade de uma forma genérica como quando há abordagem específica de comportamentos antiéticos, alguns ilegais: a “caixinha” para o guarda não multar, a sonegação de impostos, a compra de produtos piratas, as fraudes no seguro, entre outros. A questão que está posta aqui é que a população parece não relacionar seus “pequenos desvios” com o comportamento desonesto atribuído aos políticos.

CERVELLINI, Silvia. Disponível em: <[www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br)> (Adaptação).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da Língua Portuguesa, sobre o tema:

**Corrupção no Congresso Nacional:  
reflexo da sociedade brasileira?**

02. (UFSJ-MG) Elabore uma dissertação, com cerca de 20 linhas, na qual você discuta se a habilidade de escrita pode ser um diferencial entre profissionais e como essa habilidade teria impacto no mercado de trabalho atual.

03. (UERJ)

**Texto I**

Lembra-te de que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins\* por dia com seu trabalho e vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não despenda mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais.

[...]

Aquele que perde cinco xelins, não perde somente esta soma, mas todo o proveito que, investindo-a, dela poderia ser tirado, e que durante o tempo em que um jovem se torna velho, integraria uma considerável soma de dinheiro.

\* *xelim* – unidade de moeda equivalente a 12 pence.

FRANKLIN, Benjamin. In: WEBER, Max. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. [Fragmento]

**Texto II**

Dizemos, com frequência, que fomos atropelados pelos acontecimentos – mas quais acontecimentos têm poder de atropelar o sujeito? Aqueles em direção aos quais ele se precipita, com medo de ser deixado para trás.

Deixamo-nos atropelar, em nossa sociedade competitiva, porque medimos o valor do tempo pelo dinheiro que ele pode nos render. Nesse ponto remeto o leitor, mais uma vez, à palavra exata do professor Antonio Candido: “O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é uma brutalidade. O tempo é o tecido de nossas vidas”. A velocidade normal da vida contemporânea não nos permite parar para ver o que atropelamos; torna as coisas passageiras, irrelevantes, supérfluas.

KEHL, Maria Rita. Disponível em: <mariaritakehl.psc.br>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Os textos I e II apresentam posições opostas sobre a relação com o tempo: para o primeiro, tempo é dinheiro, porque deve ser empregado em produzir riqueza; para o segundo, tempo não pode ser resumido ao dinheiro, porque isso é uma brutalidade.

Com base na leitura de todos os textos e de suas elaborações pessoais sobre o tema, escolha uma das duas posições e a defenda, redigindo um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **03**.

### Competição e individualismo excessivos ameaçam saúde dos trabalhadores

#### Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades.

Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

#### Fim da especialização

“A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil”, disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. “As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais. “Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

#### Metamorfoses do trabalho

Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade. Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. “Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

#### Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter? Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária. “Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Disponível em: <www.diariodasaude.com.br>. Acesso em: 25 nov. 2016 (Adaptação).

**01.** (UERJ) Os subtítulos do texto organizam a leitura, sintetizando o que está diagnosticado ou proposto em cada parte. Dentre os subtítulos, aquele que anuncia uma proposta é:

- A) Ideologia do individualismo
- B) Fim da especialização
- C) Metamorfoses do trabalho
- D) Articulação entre econômico e social

**02.** (UERJ) No texto, as falas do professor universitário e da coordenadora do instituto de pesquisa reforçam o sentido geral antecipado pelo título da matéria jornalística. A citação de falas como as referidas é um recurso conhecido da argumentação. Esse recurso está corretamente descrito em:

- A) Exemplificação de fatos enunciados no texto.
- B) Registro da divergência entre diferentes autores.
- C) Apoio nas palavras de especialistas em uma área.
- D) Apresentação de dados quantificados por pesquisas.

**03.** (UERJ) “A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.”

A negação expressa pela fala anteriormente transcrita remete, na verdade, a uma afirmação. Essa afirmação está corretamente enunciada em:

- A) A gestão do trabalho deve ser mais bem-avaliada.
- B) O mundo do trabalho deve secundarizar a gestão.
- C) Os gestores precisam ser suficientemente saudáveis.
- D) Os trabalhadores precisam atender melhor aos gestores.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de 04 a 06.

**Nós, escravocratas**

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: "Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão", como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de

alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

BUARQUE, Cristovam. *O Globo*, 30 jan. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com>> (Adaptação).

04. (UERJ) "Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão" (l. 8-9).  
No início do texto, o autor cita entre aspas as frases de Joaquim Nabuco para, em seguida, se posicionar pessoalmente perante seu conteúdo. Para o autor, a obra da escravidão caracteriza-se fundamentalmente por
- A) manter-se através da educação excludente.
  - B) atenuar-se em função da distribuição de renda.
  - C) aumentar por causa do índice de analfabetismo.
  - D) enfraquecer-se graças ao acesso à escolarização.
05. (UERJ) A expressão "somos escravocratas" é repetida quatro vezes no texto que, embora assinado pelo autor Cristovam Buarque, é todo enunciado na primeira pessoa do plural. O uso dessa primeira pessoa do plural, relacionado à escravidão, reforça principalmente o objetivo de
- A) situar a desigualdade social.
  - B) apontar o aumento da exclusão social.
  - C) responsabilizar a sociedade brasileira.
  - D) demonstrar a importância da educação.
06. (UERJ) No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas. Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como
- A) direto.
  - B) dialético.
  - C) dedutivo.
  - D) indutivo.

## SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2018)

### Farejador de Plágio: uma ferramenta contra a cópia ilegal

No mundo acadêmico ou nos veículos de comunicação, as cópias ilegais podem surgir de diversas maneiras, sendo integrais, parciais ou paráfrases. Para ajudar a combater esse crime, o professor Maximiliano Zambonato Pezzin, engenheiro de computação, desenvolveu junto com os seus alunos o programa Farejador de Plágio. O programa é capaz de detectar: trechos contínuos e fragmentados, frases soltas, partes de textos reorganizadas, frases reescritas, mudanças na ordem dos períodos e erros fonéticos e sintáticos. Mas como o programa realmente funciona? Considerando o texto como uma sequência de palavras, a ferramenta analisa e busca trecho por trecho nos *sites* de busca, assim como um professor desconfiado de um aluno faria. A diferença é que o programa permite que se pesquise em vários buscadores, gerando assim muito mais resultados.

Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br>>.

Acesso em: 19 mar. 2018.

Segundo o texto, a ferramenta Farejador de Plágio alcança seu objetivo por meio da

- A) seleção de cópias integrais.
- B) busca em *sites* especializados.
- C) simulação da atividade docente.
- D) comparação de padrões estruturais.
- E) identificação de sequência.

02. (Enem-2018)

### REAÇÕES CELÍACAS AO LER UM RÓTULO SEM GLÚTEN



Não  
Contém  
Glúten  
(:)  
CURTI!

Sem  
Glúten  
e com  
Sabor  
AMEI!

Sem  
Glúten  
e  
Barato  
HAHA!

Sem  
Glúten  
Barato e  
Gostoso  
UAU!

Sem  
Glúten  
mas pode  
conter traços  
:(  
TRISTE!

Rótulo  
tá todo  
errado  
:(  
GRR!

Disponível em: <[www.facebook.com/meusegredinho](http://www.facebook.com/meusegredinho)>.

Acesso em: 09 dez. 2017 (Adaptação).

Essa imagem ilustra a reação dos celíacos (pessoas sensíveis ao glúten) ao ler rótulos de alimentos sem glúten. Essas reações indicam que, em geral, os rótulos desses produtos

- A) trazem informações explícitas sobre a presença do glúten.
- B) oferecem várias opções de sabor para esses consumidores.
- C) classificam o produto como adequado para o consumidor celíaco.

- D) influenciam o consumo de alimentos especiais para esses consumidores.
- E) variam na forma de apresentação de informações relevantes para esse público.

03. (Enem)

### O Brasil é sertanejo

Que tipo de música simboliza o Brasil? Eis uma questão discutida há muito tempo, que desperta opiniões extremadas. Há fundamentalistas que desejam impor ao público um tipo de som nascido das raízes socioculturais do país. O samba. Outros, igualmente nacionalistas, desprezam tudo aquilo que não tem estilo. Sonham com o império da MPB de Chico Buarque e Caetano Veloso. Um terceiro grupo, formado por gente mais jovem, escuta e cultiva apenas a música internacional, em todas as vertentes. E mais ou menos ignora o resto.

A realidade dos hábitos musicais do brasileiro, agora está claro, nada tem a ver com esses estereótipos. O gênero que encanta mais da metade do país é o sertanejo, seguido de longe pela MPB e pelo pagode. Outros gêneros em ascensão, sobretudo entre as classes C, D e E, são o *funk* e o religioso, em especial o *gospel*. *Rock* e música eletrônica são músicas de minoria.

É o que demonstra uma pesquisa pioneira feita entre agosto de 2012 e agosto de 2013 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). A pesquisa Tribos musicais – o comportamento dos ouvintes de rádio sob uma nova ótica faz um retrato do ouvinte brasileiro e traz algumas novidades. Para quem pensava que a MPB e o samba ainda resistiam como baluartes da nacionalidade, uma má notícia: os dois gêneros foram superados em popularidade. O Brasil moderno não tem mais o perfil sonoro dos anos 1970, que muitos gostariam que se eternizasse. A cara musical do país agora é outra.

GIRON, L. A. *Época*, n. 805, out. 2013. [Fragmento]

O texto objetiva convencer o leitor de que a configuração da preferência musical dos brasileiros não é mais a mesma da dos anos 1970. A estratégia de argumentação para comprovar essa posição baseia-se no(a)

- A) apresentação dos resultados de uma pesquisa que retrata o quadro atual da preferência popular relativa à música brasileira.
- B) caracterização das opiniões relativas a determinados gêneros, considerados os mais representativos da brasilidade, como meros estereótipos.
- C) uso de estrangeirismos, como *rock*, *funk* e *gospel*, para compor um estilo próximo ao leitor, em sintonia com o ataque aos nacionalistas.
- D) ironia com relação ao apego a opiniões superadas, tomadas como expressão de conservadorismo e anacronismo, com o uso das designações “império” e “baluarte”.
- E) contraposição a impressões fundadas em elitismo e preconceito, com a alusão a artistas de renome para melhor demonstrar a consolidação da mudança do gosto musical popular.

04.

**Texto I**

**Número de inadimplentes chega a 61,8 milhões e bate recorde, diz Serasa**

*No Brasil, 40,3% da população adulta está inadimplente, segundo levantamento.*

O número de consumidores inadimplentes no país chegou a 61,8 milhões em junho, segundo levantamento da Serasa Experian. Trata-se da quinta alta mensal seguida e do maior patamar da série da pesquisa, iniciada em 2016.

Na comparação com junho de 2017, quando foram contabilizados 60,6 milhões de inadimplentes, o índice teve aumento de 1,98%.

O montante alcançado pelas dívidas em junho deste ano foi de R\$ 273,4 bilhões, com média de quatro dívidas por CPF, totalizando R\$ 4 426 por pessoa.

Segundo a Serasa, o enfraquecimento do ritmo de crescimento econômico contribui para manter em patamares elevados as taxas de desemprego no país e, conseqüentemente, os níveis recordes de dívidas atrasadas.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/07/19/numero-de-inadimplentes-chega-a-618-milhoes-e-bate-recorde-diz-serasa.ghtml>>.

Acesso em: 11 dez. 2018. [Fragmento]

**Texto II**

**Falta de planejamento**

Se utilizando de um controle financeiro superficial, os consumidores não conseguem detectar onde o dinheiro foi parar no fim do mês. Reflexo da falta de educação financeira, pensar que o descontrole está em grandes gastos também é um pensamento comum.

Para evitar que isso ocorra, o ideal é desenvolver um método onde todos os gastos diários possam ser registrados. Conhecido como apontamento, esse mecanismo pode ser feito em cadernetas ou em uma planilha mensal por três meses, para que o trabalhador conheça os verdadeiros custos do seu cotidiano.

[...]

**Necessidade de status social**

A crença de que consumir é importante para ser aceito socialmente faz com que as pessoas consumam sem ter condições, o que conseqüentemente as leva à inadimplência. O ato falho, onde comprar supre dificuldades de relacionamento interpessoal, pode ser reduzido com o estabelecimento de objetivos que evidenciem que o consumo não é importante para a interação social.

BRASIL ECONÔMICO. Disponível em: <<https://economia.ig.com.br/2017-08-22/inadimplencia.html>>. Acesso em: 11 dez. 2018. [Fragmento]

**Texto III**

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: O aumento da inadimplência no Brasil. Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

05. (Enem) A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

**Qual o objetivo da “Lei Seca ao volante”?**

De acordo com a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), a utilização de bebidas alcoólicas é responsável por 30% dos acidentes de trânsito. E metade das mortes, segundo o Ministério da Saúde, está relacionada ao uso do álcool por motoristas.

Diante deste cenário preocupante, a Lei 11 705 / 2008 surgiu com uma enorme missão: alertar a sociedade para os perigos do álcool associado à direção.

Para estancar a tendência de crescimento de mortes no trânsito, era necessária uma ação enérgica. E coube ao Governo Federal o primeiro passo, desde a proposta da nova legislação à aquisição de milhares de etilômetros. Mas para que todos ganhem, é indispensável a participação de estados, municípios e sociedade em geral. Porque para atingir o bem comum, o desafio deve ser de todos.

Disponível em: <[www.dprf.gov.br](http://www.dprf.gov.br)>. Acesso em: 20 jun. 2013.



Disponível em: <[www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br)>. Acesso em: 20 jun. 2013.



Disponível em: <[www.operacaoleisecarj.rj.gov.br](http://www.operacaoleisecarj.rj.gov.br)>. Acesso em: 20 jun. 2013 (Adaptação).

#### Repulsão magnética a beber e dirigir

A lei da Física que comprova que dois polos opostos se atraem em um campo magnético é um dos conceitos mais populares desse ramo do conhecimento. Tulipas de chope e bolachas de papelão não servem, em condições normais, como objetos de experimento para confirmar essa proposta. A ideia de uma agência de comunicação em Belo Horizonte foi bem simples. Ímãs foram inseridos em bolachas utilizadas para descansar os copos, de forma imperceptível para o consumidor.

Em cada lado, há uma opção para o cliente: dirigir ou chamar um táxi depois de beber.

Ao mesmo tempo, tulipas de chope também receberam pequenos pedaços de metal mascarados com um pequena rodela de papel na base do copo. Durante um fim de semana, todas as bebidas servidas passaram a pregar uma peça no cliente. Ao tentar descansar seu copo com a opção dirigir virada para cima, os ímãs apresentavam a mesma polaridade e, portanto, causando repulsão, fazendo com que o descanso fugisse do copo; se estivesse virada mostrando o desenho de um táxi, ela rapidamente grudava na base do copo. A ideia surgiu da necessidade de passar a mensagem de uma forma leve e no exato momento do consumo.

Disponível em: <[www.operacaoleisecarj.rj.gov.br](http://www.operacaoleisecarj.rj.gov.br)>. Acesso em: 20 jun. 2013 (Adaptação).

## GABARITO

Meu aproveitamento 

## Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. Para atender a essa proposta de redação, deve-se avaliar se a corrupção existente no Congresso Nacional seria apenas um reflexo da corrupção existente na sociedade brasileira em geral. Seguindo o raciocínio iniciado pelos textos-base I e III, é possível defender a opinião de que a corrupção entre os políticos seria, sim, reflexo da desonestidade existente na sociedade. Caso esse não seja o ponto de vista defendido, pode-se argumentar, por exemplo, que a existência de políticos corruptos se deve à apatia de parte da população, denunciada no texto II, como uma das consequências do fato de existirem dois países: um ideal, em que os brasileiros gozariam de uma série de direitos garantidos por lei, e outro real, em que leis e justiça existem apenas para certa parcela privilegiada da sociedade. Vale observar que qualquer posicionamento em relação à pergunta é válido, desde que seja devidamente sustentado por argumentação consistente, ainda que distinta da que foi sugerida. O texto deve ser redigido de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e conter todas as marcas linguísticas necessárias à explicitação do raciocínio escolhido para defesa do ponto de vista.
- 02. Deve-se opinar sobre a importância da habilidade de escrita para os profissionais. É possível defender a tese de que essa habilidade só seria importante para o exercício de determinadas profissões e dispensável para o exercício de outras. Mais coerente com a realidade, entretanto, seria defender que a habilidade de escrita é importante em quase todos os campos de atuação. Profissionais precisam costumeiramente redigir relatórios, fazer solicitações formais e comunicar-se com superiores e colegas. Essas exigências aumentam a cada dia, tendo em vista os processos de informatização das empresas, com a criação de *e-mails* institucionais, por exemplo. Em todos esses casos, é importante que o profissional saiba expressar-se em textos claros, objetivos, bem-organizados e com correção gramatical. Desse modo, a habilidade de escrita pode ser um diferencial não apenas no momento de contratação, mas também na permanência no emprego, no bom desempenho das funções e na imagem do profissional. Vale lembrar que a dissertação deve ser redigida em conformidade com a norma-padrão e apresentar os argumentos de modo bem-organizado. Lembre-se: tema não é título. Portanto, não se esqueça de dar um título à sua redação.
- 03. Essa proposta apresenta dois textos com posicionamentos opostos em relação ao tempo: no primeiro, de Benjamin Franklin, tempo é dinheiro, uma vez que deve ser utilizado para gerar riqueza; o segundo, por sua vez, afirma que definir tempo como dinheiro é uma brutalidade, uma vez que o tempo se relaciona com uma camada mais profunda das nossas vidas, possibilitando-nos a criação de relações e também de vivências mais completas.

Considerando esses dois pontos de vista, deve-se escolher um deles e, com base nos autores apresentados e em suas próprias experiências e visões de mundo, defendê-lo por meio de argumentos coerentes e pertinentes. Nesse sentido, caso o posicionamento seja a favor da ideia de que tempo é dinheiro, pode-se, por exemplo, afirmar que a sociedade atual se desenvolve em termos de produção e que já não é possível escapar dessa situação, ou simplesmente ignorá-la, uma vez que é uma exigência para os indivíduos da nossa época. Por outro lado, em caso de discordância da tese de que tempo é dinheiro, pode-se basear os argumentos numa crítica mais ampla ao capitalismo, mostrando, por exemplo, como ele cria uma cultura baseada em valores supérfluos, como o imediatismo e o consumismo, os quais enfraquecem as relações e desumaniza os indivíduos. Independentemente das reflexões feitas e do posicionamento assumido, é importante que esse ponto de vista seja defendido por meio de argumentos relevantes e coerentes, organizados em um texto claro e coeso, redigido de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D  
○ 02. C  
○ 03. A  
○ 04. A  
○ 05. C  
○ 06. D

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D  
○ 02. E  
○ 03. A  
○ 04. Nessa proposta, é necessária a escrita de um texto dissertativo-argumentativo que aborde o tema: "O aumento da inadimplência no Brasil". Para elaboração da redação, os textos motivadores devem ser levados em consideração. No primeiro texto, observam-se os dados referentes ao aumento de devedores no país no ano de 2018, sendo possível perceber a relevância do problema e como ele tem se agravado em um cenário de crise econômica. No texto II, discutem-se algumas das causas do problema, como a falta de planejamento e a busca por *status* social. Esse fragmento revela a motivação da contração de dívidas, a necessidade de se discutir a questão e de se pensar sua origem. O último texto apresenta uma campanha pública de negociação de dívidas, o que evidencia uma medida já tomada pelo governo a fim de reduzir os impactos do problema. A partir dessas leituras, espera-se que se problematize a inadimplência, enfocando as razões do seu aumento, palavra-chave do tema que deve ser enfatizada no texto.

Para isso, pode-se apresentar noções sobre o capitalismo, o consumismo excessivo e a crise econômica. Além disso, ao se pensar outras causas do problema, pode-se abordar a ausência de uma educação financeira e de planejamento de gastos. Ao se pensar as consequências do problema, pode-se citar os impactos econômicos ao país, a intensificação dos juros a esses consumidores e o prejuízo ao nome dessas pessoas, que as levam a ser rejeitadas pelo mercado consumidor. No que tange à proposta de intervenção, pode-se pensar uma intensificação das políticas de negociação e de acordos de dívidas, assim como a implementação de aulas e palestras de educação financeira pelo Ministério da Educação, por exemplo.

- 05. O objetivo da proposta de redação é discutir os efeitos da implantação da lei seca, que consiste na punição de motoristas que dirigem alcoolizados. Na coletânea proposta, há textos motivadores que propõem dados numéricos e informações a fim de auxiliar a organização das estratégias argumentativas.

A coletânea, como um todo, apresenta orientações satisfatórias e pertinentes à elaboração do texto. Pode-se explorar, a partir delas, algumas possibilidades relevantes ao tema proposto, mas é importante destacar que os textos motivadores não devem ser copiados.

Quanto à estruturação do raciocínio, deve-se ter atenção à organização das etapas previstas para um texto dissertativo-argumentativo, a saber:

- Primeiro momento do texto: contextualização do assunto e proposição de uma tese clara de raciocínio – mecanismo estratégico, imprescindível para todo e qualquer texto de natureza argumentativa. A tese é o elemento do texto em que se apresenta o objetivo geral da discussão. É recomendável que ela esteja na introdução do texto (preferencialmente, no primeiro parágrafo). Na introdução, é possível já delinear um enfoque opinativo sobre os efeitos da lei seca.
- Segundo momento do texto: definição de estratégias argumentativas que visem à discussão e à problematização da tese proposta – para esta etapa, compreendida nos parágrafos de desenvolvimento do texto, pode-se optar pelo desenvolvimento de uma análise baseando-se em dados que revelam a validade do rigor na lei seca. Pode-se, por exemplo, analisar a redução dos números de atendimentos hospitalares a vítimas de acidentes de trânsito ou mesmo a redução de vítimas fatais. A estratégia de análise de comportamentos inadequados de motoristas – devido ao fato de ingerirem álcool e dirigirem – também pode ser uma estratégia pertinente para se considerar a necessidade de maior rigor na lei, entre outras estratégias que podem auxiliar na composição de uma análise eficaz da temática proposta.

A problematização pode ser apresentada a partir das dificuldades ainda existentes na oferta de opções para o indivíduo que age conforme a orientação da lei: a maioria dos bairros, em muitas cidades brasileiras, não é satisfatoriamente atendida com opções de transporte público, especialmente em horários noturnos. Além disso, a oferta de táxis, embora tenha aumentado em muitas cidades, ainda é insuficiente, e esta é uma opção não acessível economicamente a muitos brasileiros, o que pode trazer dificuldades para o cumprimento da lei. Outro problema, também relacionado ao uso de opções alternativas ao transporte individual, é a segurança pública em muitas cidades brasileiras, sobretudo no horário noturno. Existe o risco de assaltos em pontos de ônibus ou em vias pouco iluminadas, o que caracteriza a realidade brasileira de uma forma geral. Importante destacar que o caminho estratégico da argumentação é bem abrangente, o que implica grande possibilidade de cada aluno explorar caminhos distintos em sua análise.

- Terceiro momento do texto: finalização do raciocínio proposto, em diálogo com a tese apresentada na introdução e apresentação de propostas que visem a solucionar problemas apontados na discussão. Como a proposta de intervenção é um item solicitado no comando da proposta e obrigatório na grade de correção, pode-se apresentar alternativas pertinentes à problematização feita no texto que apontem para ações concretas. Por exemplo: se é apontada como um problema a oferta reduzida de transporte público no período noturno, pode-se indicar o aumento das frota noturnas de ônibus ou de horários do metrô como uma alternativa; outra opção pode se relacionar à criação de linhas especificamente noturnas para circular em regiões de bares / casas noturnas; uma redução nas tarifas de táxis também pode se configurar como um estímulo ao uso desses serviços, especialmente em trechos com distância mais reduzida; o uso do táxi-lotação, uma medida já utilizada em muitas cidades brasileiras, também pode ser citado. O reforço nas estratégias de segurança em áreas de diversão noturna, como intensificação de iluminação pública e aumento na circulação de rondas policiais, pode se configurar como intervenção nesse debate. Outra proposta de intervenção pode ser a manutenção de campanhas governamentais com o intuito de alertar os cidadãos quanto aos riscos do uso de álcool no volante e de esclarecer a população quanto ao rigor da lei seca. Pode-se ainda abordar o compromisso da sociedade em atuar de maneira responsável e evitar acidentes de trânsito associados ao álcool.



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Modalização: Categorias Linguísticas e Importância Argumentativa

De acordo com Koch (2002, p. 10), estudiosa brasileira da Linguagem, “o ato de argumentar é visto como o ato de persuadir que procura atingir a vontade, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade, buscando adesão e não criando certezas”. Ainda, segundo a autora, “a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade”. Argumentar é, assim, a arte da persuasão e do convencimento.

Nesse sentido, para que haja argumentação, é preciso que existam dispositivos argumentativos e sujeitos participantes da interação sociocomunicativa (argumentante e argumentador). Tais elementos podem ser apresentados como:

- uma **proposta** sobre o mundo, que provoque um **questionamento** (quanto à sua legitimidade) em alguém;
- um **sujeito** que se engaje em relação ao questionamento e **desenvolva um raciocínio** para tentar estabelecer uma verdade quanto à proposta;
- e outro sujeito que, ainda em relação à mesma proposta, constitua-se no **alvo da argumentação**. É a esse interlocutor que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de persuadi-lo, mesmo sabendo que ele pode ficar a favor ou contra à proposta defendida, ou seja, aceitá-la ou refutá-la.

(CHARAUDEAU, 2009, p. 205)

Assim, para desenvolver esse raciocínio de persuasão, é preciso utilizar alguns elementos linguísticos que permitem relativizar o que se enuncia. Nesse sentido, os modalizadores marcam um posicionamento do sujeito em relação ao enunciado, funcionando, muitas vezes, como articuladores textuais. Anteriormente, quando estudamos a coesão, foi apresentada uma lista desses articuladores textuais, que deve ser consultada sempre que preciso, observando os sentidos que se pretende construir.

Também com os mecanismos linguísticos modalizadores é possível evitar falhas de argumentação como as que estudamos no módulo anterior. Para que você possa compreender como esses elementos atuam, observe como seria possível corrigir a falha do trecho que foi usado como exemplo para sofisma, apenas com o uso de uma palavra modalizadora.

O Estado, por investir pouco na educação, faz com que os alunos da rede pública tenham menos acesso às oportunidades oferecidas à maioria da população de classe média alta para cima. Por isso, se sentem excluídos, marginalizados e **escondem** a raiz de seus problemas em diversas formas de crime, na maioria dos casos ligadas à violência nas ruas.

(Texto produzido por aluno)

O Estado, por investir pouco na educação, faz com que os alunos da rede pública tenham menos acesso às oportunidades oferecidas à maioria da população de classe média alta para cima. Por isso, se sentem excluídos, marginalizados e **podem esconder** a raiz de seus problemas em diversas formas de crime, na maioria dos casos ligadas à violência nas ruas.

(Adaptação)

No primeiro trecho, o autor usa o verbo “esconder” conjugado no presente do indicativo, tempo verbal que indica certeza em relação ao que é dito. Escrito dessa forma, o período final conduz a uma generalização: todos os alunos da rede pública, por se sentirem excluídos, marginalizados, procuram resolver seus problemas na criminalidade. Nesse caso, o raciocínio é evidentemente falacioso e pouco coerente com a realidade.

Na adaptação, a inserção do verbo modal “poder” imprime ao que é enunciado a ideia de possibilidade, de modo que o leitor passa a entender o que antes era uma generalização como uma possibilidade. Desse modo, o que era um sofisma passa a ser um argumento válido e coerente com a realidade.

Assim, procure conhecer melhor os modalizadores e passe a usá-los sempre que for necessário relativizar as informações em um texto.

Há vários mecanismos linguísticos que permitem modalizar o que se diz:

- **Modos e tempos verbais:** a maior parte dos tempos do indicativo exprimem certeza em relação ao que é dito, enquanto os tempos do subjuntivo indicam dúvida, hipótese, e os do imperativo expressam solicitação ou ordem.
- **Advérbios:** modificam verbos, adjetivos e outros advérbios, indicando as mais diversas circunstâncias de modo, tempo, lugar, dúvida, negação, etc.
- **Adjetivos:** permitem qualificar, especificar, delimitar os substantivos e, desse modo, revelam a perspectiva do produtor em relação ao que ele enuncia.
- **Predicativos cristalizados:** podem indicar certeza (é certo, é inegável, é evidente), dúvida (é provável), obrigatoriedade (é preciso, é necessário, é imperativo, é obrigatório), avaliação (é lamentável, é curioso).
- **Verbos modais:** podem indicar probabilidade (dever, poder), obrigatoriedade (dever, ter que / de, haver de, precisar).

Observe como é possível alterar o sentido de um enunciado a partir do uso desses mecanismos linguísticos.

O aumento do índice de pobreza traz consequências ao desenvolvimento do país e afeta os mais ricos.

- **Provavelmente**, o **gradativo** aumento do índice de pobreza **traria** consequências **irreversíveis** ao desenvolvimento **econômico** do país, já que **afetaria diretamente** os mais ricos.
- **Infelizmente**, o **alarmante** aumento do índice de pobreza pode trazer consequências **graves** ao desenvolvimento **social** do país, mesmo que não afete muito os mais ricos.
- É **inegável** que o **tímido** aumento do índice de pobreza **não** trouxe **sérias** consequências ao desenvolvimento **econômico** do país, mas **certamente** afetou os mais ricos.

Em relação ao tipo de modalização, são apresentados, no quadro a seguir, os principais modalizadores e também alguns articuladores meta-discursivos. Eles podem esclarecer e exemplificar a finalidade desses recursos linguísticos na modalização.

É bom lembrar que, em situação de avaliação, como no Enem, a seleção e hierarquização dos argumentos, bem como a utilização dos recursos modalizadores, reforça a argumentação, contribuindo para uma defesa da tese muito bem fundamentada e organizada. Por isso, sempre que necessário, consulte os tipos de modalização listados a seguir.

Assim, para modalizar o seu discurso, o autor pode:

- 1) Apresentar o assunto como algo certo ou verdadeiro, por meio de expressões como "é evidente", "é certo", "não há como negar".

#### Exemplo:

**Com certeza** chegarei cedo ao trabalho.

- 2) Apresentar o assunto como algo quase certo ou verdadeiro.

#### Exemplo:

**Possivelmente** chegarei cedo ao trabalho.

- 3) Expressar a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado.

#### Exemplos:

Maria **pode** passar no concurso. Ela é inteligente.

Eu **posso** chegar cedo ao trabalho, pois irei de carro.

- 4) Apresentar o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer, usando expressões como "é necessário que", "é indispensável que".

#### Exemplos:

Os candidatos devem chegar, **obrigatoriamente**, no horário estipulado no edital.

É **necessário** que eu chegue cedo ao trabalho.

- 5) Expressar o assunto como algo proibido, que não pode acontecer, por meio da utilização de expressões como "não deve", "não precisa", "é impensável".

#### Exemplo:

Eu **não posso** chegar atrasado ao trabalho.

- 6) Expressar o assunto como algo facultativo ou dar a permissão para que algo aconteça.

#### Exemplo:

Eu **posso** ir de carro para o trabalho hoje.

- 7) Expressar um desejo ou a vontade de que algo ocorra, usando termos como "espero", "desejo".

#### Exemplo:

Eu **gostaria que** minha casa fosse mais próxima do trabalho.

- 8) Expressar uma avaliação ou ponto de vista sobre o assunto, excetuando-se qualquer caráter de verdade ou obrigação. Para isso, pode-se usar termos como "curiosamente", "desastradamente", "suavemente".

#### Exemplo:

**Infelizmente**, o estudante não passou no outro vestibular.

- 9) Determinar os limites sobre os quais se deve considerar o assunto do enunciado. Nesses casos, pode-se usar expressões como "geograficamente", "economicamente", "politicamente".

#### Exemplo:

**Politicamente**, nosso país está em crise.

- 10) Introduzir um tópico (assunto), por meio de expressões como "a respeito de", "quanto a", "vale lembrar (que)", "voltando à questão (de)".

#### Exemplo:

**Quanto ao** fato de o estudante não ter passado no exame, isso é problema particular.

- 11) Introduzir reformulações ou correções, por meio de expressões como "quero dizer", "digo", "ou melhor".

#### Exemplo:

A professora está muito bem, **ou melhor**, ela está radiante.

- 12) Subdividir o texto em unidades menores a fim de facilitar a compreensão. Esse tipo de modalização se dá com o uso de expressões como "primeiro", "depois", "em seguida", "em primeiro lugar", "em segundo lugar", "por um lado / por outro".

#### Exemplo:

**Se, por um lado**, foi ruim ver Maria desapontada, **por outro**, mostrou que ela sabe se controlar.

- 13) Comentar o que foi enunciado ou parte do que foi enunciado, a partir de expressões como "resumidamente", "em suma", "em síntese", "para recordar".

#### Exemplo:

Então, **resumidamente**, a educação precisa de reformas rápidas e precisas.

- 14) Indicar o modo como o autor se coloca em relação ao seu interlocutor no ato de enunciação. Isso se dá com o uso de expressões como "francamente", "honestamente", "sinceramente".

#### Exemplo:

**Sinceramente**, estou muito preocupada com os processos políticos brasileiros.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

### 01. (UFPR)

#### Texto I

##### Relato do historiador romano Tácito (XIV, 17) de um incidente ocorrido em 59 d.C.

Um incidente sem importância provocou uma horrível matança entre os colonos de Nucéria e Pompeia. Aconteceu durante um combate de gladiadores oferecido por Livônio Régulo. Como ocorre comumente em pequenas cidades, trocaram-se insultos, em seguida, pedras, chegando-se, por fim, às espadas. A plebe de Pompeia, onde se realizava o espetáculo, levou a melhor. Muitos nucerianos, feridos e mutilados, eram levados para sua cidade. Muitos choravam a morte de um filho ou um pai. O príncipe (Nero) instruiu o Senado para investigar o caso. O Senado deixou-o a cargo dos cônsules. Quando recebeu as informações, o Senado proibiu, por dez anos, a realização, por parte de Pompeia, de reuniões daquele tipo (jogos de gladiadores), e as associações legais (torcidas organizadas) foram dissolvidas. Livônio e seus cúmplices na desordem foram exilados.

#### Texto II

##### Nós, os mortais

Amigos, é certo que houve o diabo, anteontem, no Maracanã. Poucas vezes, desde que me conheço, tenho visto uma partida tão truculenta. Foi pé na cara de fio a pavio do jogo. E quando soou o apito final, só uma coisa admirou: é que ninguém tivesse saído de maca ou rabecão.

Mas o futebol é muito divertido. À saída do estádio, só vi gente vociferando contra a indisciplina. Um sujeito fazia uma espécie de comício. Dizia, de olho rútilo e lábio trêmulo: "Isso é uma vergonha!". Fazia o suspense de uma pausa e reforçava: "Uma pouca-vergonha!". Só eu no meio de tantos, de todos, não estava nada irado, nada ultrajado. Sempre que vejo dois times baixarem o pau, concluo, de mim para mim: "Eis o homem".

Pode ser lamentável e acredito que seja lamentável. Mas, que fazer se é esta, exatamente esta, a condição humana? A rigor, ninguém tem o direito de se espantar com o alheio pecado. O homem sempre foi assim, desde o Paraíso e antes do Paraíso. E nenhum jogador vai para o inferno só porque meteu o pé na cara de outro jogador.

Todos nós temos o fanatismo da disciplina, mas creiam: é um fanatismo suspeito ou, como dizia outro, de araque. A disciplina foi feita para o soldadinho de chumbo e não para o homem. E o futebol tem de ser passional, porque é jogado pelo pobre ser humano. A grandeza de um clássico ou de uma pelada está em que fornece uma imagem fidedigna do homem. Assim somos todos nós.

Quando a multidão via um jogador feroz, está agindo e reagindo como um Narciso às avessas que cuspiu na própria imagem. Ninguém é melhor do que ninguém. Se a multidão estivesse no lugar do jogador faria a mesma coisa e, se o jogador estivesse no lugar da multidão, variaria do mesmo jeito. Portanto, eu não consigo me escandalizar com a baderna de anteontem.

Eu me espantaria, sim, se, ao ser agredida, a vítima retribuísse com um beijo na testa. Mas se o agredido esperneia, tenho de admitir a lógica do seu comportamento.

Há, também, o caso do juiz. A meu lado, um confrade esperneava: "Inconcebível!". E, de fato, o árbitro fez o diabo. Só faltou subir pelas paredes e se pendurar no lustre de cabeça para baixo. Está certo: S.Sª errou. Mas pergunto: por que cargas d'água só o juiz há de ser o incorrupto, o infalível, se nada disso pertence à condição humana?

Se reis, príncipes, barões cometeram as maiores iniquidades, por que um juiz de futebol há de ser irrepreensível? Se Maria Antonieta fez uma piada sobre a fome; e se pagou essa piada com a cabeça – o árbitro de anteontem pode marcar um pênalti errado. Amigos, a disciplina é uma convenção. E qualquer convenção nasce e existe para ser violada.

Nelson Rodrigues.

Casos de violência no esporte e brigas entre torcidas, como os relatados nos textos I e II, são notícias recorrentes na atualidade. Diante dessas ocorrências, você concorda com a opinião de Nelson Rodrigues? Apresente seu ponto de vista em um texto, atendendo às seguintes recomendações:

- Mencione fatos atuais;
- Apresente argumentos para sustentar sua opinião;
- Redija um texto de 8 a 10 linhas.

### 02. (UFBA)

#### Texto I

O poder das palavras é enorme, especialmente o poder de algumas palavras, talvez poucas centenas, que encerram em cada cultura, mais notadamente nas sociedades complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pelas classes dominantes.

[...]

A linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população. Todos nós sabemos quanto pode ser entendido das notícias políticas de um Jornal Nacional por indivíduos de baixo nível de educação. A linguagem usada e o quadro de referências dado como implícito constituem um verdadeiro filtro da comunicação de informações: estas podem ser entendidas somente pelos ouvintes já iniciados não só na linguagem padrão, mas também nos conteúdos a elas associados. [...]

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 20-21. [Fragmento]

**Texto II**

Ai, palavras, ai, palavras,  
 que estranha potência, a vossa!  
 Todo o sentido da vida  
 principia à vossa porta;  
 o mel do amor cristaliza  
 seu perfume em vossa rosa;  
 sois o sonho e sois a audácia,  
 calúnia, fúria, derrota...

MEIRELES, Cecília. Das palavras aéreas. In: *Obra poética: Romanceiro da Inconfidência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1972. p. 493.

**Texto III**

A concepção de sujeito da linguagem varia de acordo com a concepção de língua que se adote. Assim, à concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um ego, que constrói uma representação mental e deseja que esta seja "captada" pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada.

Na verdade, porém, este ego não se acha isolado em seu mundo, mas é, sim, um sujeito essencialmente histórico e social na medida em que se constrói em sociedade e com isto adquire a habilidade de interagir. Daí decorre a noção de um sujeito social, interativo, mas que detém o domínio de suas ações.

Finalmente, a concepção de língua como lugar de interação corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

KOCH, I. G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15.

A linguagem verbal é tão natural ao homem como a pele que o reveste, ou como qualquer outra parte de seu corpo. Talvez por conta dessa percepção naturalizadora da realidade, muitos passem ao largo da sua dinâmica e da riqueza que lhe é inerente.

Num determinado colégio, existe uma insatisfação generalizada em relação ao novo diretor, autoritário e pouco dado ao diálogo. Com base na coletânea anterior, produza um texto opinativo a ser publicado, analisando a postura da nova Direção.

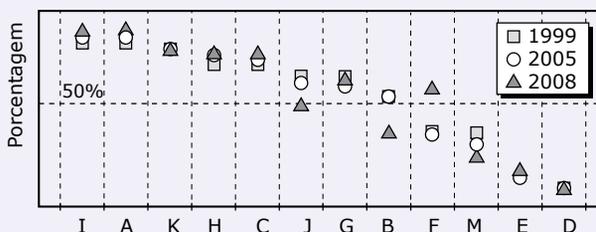
Argumente em favor de uma mudança nas relações da Diretoria com os segmentos discente, docente e administrativo que compõem a comunidade escolar. O ingrediente principal do seu texto deve ser a força das palavras para estabelecer a comunicação desejada entre indivíduos.

**Observação:**

Lembre-se de que o seu texto deve expressar o descontentamento não apenas seu, mas também da comunidade escolar.

**03.** (Unicamp-SP) Imagine-se como um jovem que, navegando pelo site da MTV, se depara com o gráfico "Os valores de uma geração" da pesquisa Dossiê MTV Universo Jovem, e resolve comentar os dados apresentados, por meio do "Fale conosco" da emissora. Nesse comentário, você, necessariamente, deverá:

- A) comparar os três anos pesquisados, indicando dois valores relativamente estáveis e duas mudanças significativas de valores;
- B) manifestar-se no sentido de reconhecer-se ou não no perfil revelado pela pesquisa.



I – Viver em uma sociedade mais segura, menos violenta.	G – Ter uma vida tranquila, sem correrias, sem estresse.
A – Ter união familiar, boa relação familiar.	B – Divertir-se, aproveitar a vida.
K – Ter uma carreira, uma profissão, um emprego.	F – Ter independência financeira / Ter mais dinheiro do que já tem.
H – Viver num país com menos desigualdade social / Viver numa sociedade mais justa.	M – Poder comprar o que quiser, poder comprar mais.
C – Ter fé / Crer em Deus.	E – Ter mais liberdade do que já tem.
J – Ter amigos.	D – Beleza física / Ser bonito.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **04**.

### Texto I

Muitas vezes, quando pensamos em ritual, duas ideias nos vêm à mente: por um lado, a noção de que um ritual é algo formal e arcaico, quase que desprovido de conteúdo, algo feito para celebrar momentos especiais e nada mais; por outro lado, podemos pensar que os rituais estão ligados apenas à esfera religiosa, a um culto ou a uma missa.

Segundo alguns autores, nossa vida de todos os dias – a vida social – é marcada por um eterno conflito entre dois opostos: ou o caos total, onde ninguém segue nenhuma regra ou lei, ou uma ordem absoluta, quando todos cumpririam à risca todas as regras e leis já estabelecidas. A visão desses opostos não deixa de ser engraçada: alguém consegue imaginar nossa sociedade funcionando de uma dessas maneiras? É evidente que não.

Dizemos que os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social, mas por que esta formalidade?

Ora, as formas estabelecidas para os diferentes rituais têm uma marca comum: a repetição. Os rituais, executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem certa segurança. Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social. É assim que entendemos: “cada ritual é um manifesto contra a indeterminação”. Através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade desses mesmos grupos.

RODOLPHO, Adriane Luísa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004 (Adaptação).

**01.** (PUC RS–2018) Considere o parágrafo a seguir e as opções para inseri-lo no texto.

Entretanto, uma solução de consenso é alcançada por todas as sociedades, quando a coletividade consegue – ou tenta – trazer os diversos acontecimentos diários que envolvem os indivíduos para dentro de uma esfera de controle e ordem, esfera esta coletiva, social. Os rituais, nesse sentido, concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões de mundo.

O trecho em que o parágrafo pode ser inserido corretamente, mantendo a coesão e a coerência com os demais, é

- A) entre as linhas 7 e 8, depois do primeiro parágrafo.
- B) entre as linhas 15 e 16, depois do segundo parágrafo.
- C) entre as linhas 18 e 19, depois do terceiro parágrafo.
- D) na linha 20, depois do ponto final.
- E) no final do texto, depois do quarto parágrafo.

**02.** (PUC RS–2018) Sobre o conteúdo do texto, é correto afirmar:

- A) Os rituais, por serem demasiadamente formais, são desprovidos de conteúdo.
- B) Os conflitos inerentes à vida social tornam-se mais evidentes quando ritualizados.
- C) Os rituais garantem segurança às pessoas em uma sociedade em constante transformação.
- D) A repetição – marca comum de todos os rituais – impede que haja avanços na sociedade.
- E) Os rituais consagram-se na esfera coletiva, minimizando os riscos de desaparecimento de grupos sociais.

**03.** (PUC RS–2018) Os verbos “emprestam” (linha 16), “concedem” (linha 22) e “demonstram” (linha 29) poderiam ser substituídos, respectivamente, por

- A) se valem de, conferem, evidenciam.
- B) se inspiram em, consideram, explicam.
- C) se aliam a, facilitam, revelam.
- D) se assemelham a, permitem, comprovam.
- E) recorrem a, inserem, simulam.

**04.** (PUC RS–2018) Analise as substituições sugeridas para as palavras ou expressões indicadas, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

- ( ) “quase que” (linha 3) por “quase”
- ( ) “identificáveis” (linha 21) por “identificados”
- ( ) “certa” (linha 22) por “alguma”
- ( ) “enfim” (linha 25) por “finalmente”
- ( ) “É assim que” (linha 26) por “Consequentemente”

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- A) V – V – F – F – F
- B) V – F – V – F – F
- C) V – F – F – V – V
- D) F – V – V – F – V
- E) F – F – V – V – F

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de 05 a 09.

### Texto II

Comida gostosa, música boa, bar liberado \_\_\_\_ noite toda... quem nunca \_\_\_\_\_ até altas horas numa boa festa de casamento? Esse ritual, que muitos já presenciaram ao longo da vida, é, porém, desconhecido para alguns representantes das gerações mais jovens. Mas há uma solução para elas: Casamento Falso (ou Falsa Boda, no nome original em espanhol), uma ideia de cinco amigos de La Plata, na Argentina. O detalhe era que os convidados não eram amigos ou parentes dos noivos, mas ilustres desconhecidos que compraram entradas para o evento. Martín Acerbi, um publicitário de 26 anos, estava cansado de ir sempre \_\_\_\_ mesmas boates. "Queríamos organizar uma festa diferente, original", disse. E assim pensaram em fazer esse evento "temático", que chamaram de Casamento Falso. Pablo Boniface, um profissional de *marketing* de 32 anos que esteve em um Casamento Falso em Buenos Aires, em julho, disse que para ele foi a ocasião perfeita para realizar algo que sempre quis fazer: colocar uma gravata. "Para mim essas festas são até melhores do que um casamento real, \_\_\_\_ você não precisa se sentar com estranhos e ficar entediado. Você passa bons momentos com seus amigos e não se encontra com todos os tios e avôs que normalmente frequentam essas cerimônias", disse.

BONAFACE, Pablo. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150831\\_falsos\\_casamentos\\_tg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150831_falsos_casamentos_tg)>.

Acesso em: 07 set. 2016 (Adaptação).

**05.** (PUC RS–2018) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto.

- ZC1J
- a – se divertiui – às – porque
  - à – divertiui-se – as – por que
  - a – divertiui-se – as – porque
  - à – se divertiui – às – por que
  - a – divertiui-se – às – por que

**06.** (PUC RS–2018) Analise as propostas de reescrita de trechos do texto.

- 78VO
- Embora muitas pessoas tenham presenciado esse ritual ao longo da vida, alguns representantes das gerações mais jovens o desconheciam (linhas 3 a 5).
  - O detalhe era que, em vez de amigos ou parentes dos noivos, os convidados eram ilustres desconhecidos que adquiriram ingressos para a ocasião (linhas 8 a 11).
  - Ele disse que a ideia de realizar um evento "temático" – o Casamento Falso – partiu do desejo de organizarem uma festa diferente, que fosse original (linhas 13 a 15).
  - Pablo argumenta que é possível passar bons momentos com os amigos e não se encontra com todos os tios e avôs que normalmente vão a essas cerimônias (linhas 22 a 24).

As propostas que mantêm o sentido e a correção do texto são apenas

- I e II.
- II e III.
- II, III e IV.
- I e IV.
- I, II e IV.

**07.** (PUC-RS–2018) Considere as propostas para alterar a pontuação original do texto.

- KQ7M
- As reticências da linha 2 poderiam ser corretamente substituídas por "e etc."
  - Nas linhas 6 e 19, os dois-pontos poderiam ser substituídos por vírgula, mas isso atenuaria a coesão entre as ideias.
  - A vírgula da linha 15 poderia ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo à correção e ao sentido da frase.
  - Na linha 17, uma vírgula poderia ser acrescentada depois de "Buenos Aires", sem prejuízo ao texto.

Estão corretas apenas as propostas

- I e II.
- II e IV.
- II, III e IV.
- I e III.
- I, III e IV.

**08.** (PUC-RS–2018) Observe as expressões a seguir em seu contexto.

- "música boa" (linha 1)
- "ilustres desconhecidos" (linha 10)
- "ir sempre" (linha 12)
- "ocasião perfeita" (linha 18)
- "seus amigos" (linhas 22 e 23)

Quantas das expressões anteriores manteriam o sentido caso a ordem entre as palavras que as constituem fosse alterada?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

**09.** (PUC-RS–2018) A afirmação de Pablo Boniface, no último parágrafo do texto, permite inferir que

- tios e avôs não frequentam casamentos falsos.
- casamentos reais não permitem o encontro com os amigos.
- casamentos reais não fazem parte das cerimônias que ele frequenta.
- casamentos reais são chatos uma vez que se precisa conviver com parentes desconhecidos.
- a possibilidade de escolher a melhor companhia torna os casamentos falsos prazerosos.

## SEÇÃO ENEM

**01.** (Enem–2018)

### Dia 20/10

É preciso não beber mais. Não é preciso sentir vontade de beber e não beber: é preciso não sentir vontade de beber. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso fechar para balanço e reabrir. É preciso não dar de comer aos urubus. Nem esperanças aos urubus. É preciso sacudir a poeira. É preciso poder beber sem se oferecer em holocausto. É preciso. É preciso não morrer por enquanto. É preciso sobreviver para verificar. Não pensar mais na solidão do Rogério, e deixá-lo. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso enquanto é tempo não morrer na via pública.

TORQUATO NETO. In: MENDONÇA, J. (Org.). *Poesia (im)popular brasileira*. São Bernardo do Campo: Lamparina Luminosa, 2012.

O processo de construção do texto formata uma mensagem por ele dimensionada, uma vez que

- A) configura o estreitamento da linguagem poética.
- B) reflete as lacunas da lucidez em desconstrução.
- C) projeta a persistência das emoções reprimidas.
- D) repercute a consciência da agonia antecipada.
- E) revela a fragmentação das relações humanas.

**02.** (Enem-2015)

**Obesidade causa doença**

A obesidade tornou-se uma epidemia global, segundo a Organização Mundial da Saúde, ligada à Organização das Nações Unidas. O problema vem atingindo um número cada vez maior de pessoas em todo o mundo, e entre as principais causas desse crescimento estão o modo de vida sedentário e a má alimentação.

Segundo um médico especialista em cirurgia de redução de estômago, a taxa de mortalidade entre homens obesos de 25 a 40 anos é 12 vezes maior quando comparada à taxa de mortalidade entre indivíduos de peso normal. O excesso de peso e de gordura no corpo desencadeia e piora problemas de saúde que poderiam ser evitados. Em alguns casos, a boa notícia é que a perda de peso leva à cura, como no caso da asma, mas em outros, como o infarto, não há solução.

FERREIRA, T. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em: 02 ago. 2012 (Adaptação).

O texto apresenta uma reflexão sobre saúde e aponta o excesso de peso e de gordura corporal dos indivíduos como um problema, relacionando-o ao

- A) padrão estético, pois o modelo de beleza dominante na sociedade requer corpos magros.
- B) equilíbrio psíquico da população, pois esse quadro interfere na autoestima das pessoas.
- C) quadro clínico da população, pois a obesidade é um fator de risco para o surgimento de diversas doenças crônicas.
- D) preconceito contra a pessoa obesa, pois ela sofre discriminação em diversos espaços sociais.
- E) desempenho na realização das atividades cotidianas, pois a obesidade interfere na performance.

**03.** (Enem) No Brasil, a condição cidadã, embora dependa da leitura e da escrita, não se basta pela enunciação do direito, nem pelo domínio desses instrumentos, o que, sem dúvida, viabiliza melhor participação social. A condição cidadã depende, seguramente, da ruptura com o ciclo da pobreza, que penaliza um largo contingente populacional.

FORMAÇÃO de leitores e construção da cidadania, memória e presença do PROLER. Rio de Janeiro: FBN, 2008.

Ao argumentar que a aquisição das habilidades de leitura e escrita não são suficientes para garantir o exercício da cidadania, o autor

- A) critica os processos de aquisição da leitura e da escrita.
- B) fala sobre o domínio da leitura e da escrita no Brasil.

- C) incentiva a participação efetiva na vida da comunidade.
- D) faz uma avaliação crítica a respeito da condição cidadã do brasileiro.
- E) define instrumentos eficazes para elevar a condição social da população do Brasil.

**04.** (Enem) A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **O movimento migratório para o Brasil no século XXI**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Ao desembarcar no Brasil, os imigrantes trouxeram muito mais do que o anseio de refazer suas vidas trabalhando nas lavouras de café e no início da indústria paulista. Nos séculos XIX e XX, os representantes de mais de 70 nacionalidades e etnias chegaram com o sonho de “fazer a América” e acabaram por contribuir expressivamente para a história do país e para a cultura brasileira. Deles, o Brasil herdou sobrenomes, sotaques, costumes, comidas e vestimentas. A história da migração humana não deve ser encarada como uma questão relacionada exclusivamente ao passado; há a necessidade de tratar sobre deslocamentos mais recentes.

Disponível em: <<http://www.museudaimigracao.org.br>>. Acesso em: 19 jul. 2012 (Adaptação).

**Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti**



Disponível em: <<http://mg1.com.br>>. Acesso em: 19 jul. 2012.

Nos últimos três dias de 2011, uma leva de 500 haitianos entrou ilegalmente no Brasil pelo Acre, elevando para 1 400 a quantidade de imigrantes daquele país no município de Brasileira (AC). Segundo o secretário-adjunto de Justiça e Direitos Humanos do Acre, José Henrique Corinto, os haitianos ocuparam a praça da cidade. A Defesa Civil do estado enviou galões de água potável e alimentos, mas ainda não providenciou abrigo. A imigração ocorre porque o Haiti ainda não se recuperou dos estragos causados pelo terremoto de janeiro de 2010. O primeiro grande grupo de haitianos chegou a Brasileira no dia 14 de janeiro de 2011.

Desde então, a entrada ilegal continua, mas eles não são expulsos: obtêm visto humanitário e conseguem tirar carteira de trabalho e CPF para morar e trabalhar no Brasil. Segundo Corinto, ao contrário do que se imagina, não são haitianos miseráveis que buscam o Brasil para viver, mas pessoas da classe média do Haiti e profissionais qualificados, como engenheiros, professores, advogados, pedreiros, mestres de obras e carpinteiros. Porém, a maioria chega sem dinheiro. Os brasileiros sempre criticaram a forma como os países europeus tratavam os imigrantes. Agora, chegou a nossa vez – afirma Corinto.

Disponível em: <<http://www.dpf.gov.br>>.  
Acesso em: 19 jul. 2012 (Adaptação).

### Trilha da Costura

Os imigrantes bolivianos, pelo último censo, são mais de 3 milhões, com população de aproximadamente 9,119 milhões de pessoas. A Bolívia em termos de IDH ocupa a posição de 114º de acordo com os parâmetros estabelecidos pela ONU. O país está no centro da América do Sul e é o mais pobre, sendo 70% da população considerada miserável. Os principais países para onde os bolivianos imigrantes dirigem-se são: Argentina, Brasil, Espanha e Estados Unidos.

Assim sendo, este é o quadro social em que se encontra a maioria da população da Bolívia, estes dados já demonstram que as motivações do fluxo de imigração não são políticas, mas econômicas. Como a maioria da população tem baixa qualificação, os trabalhos artesanais, culturais, de campo e de costura são os de mais fácil acesso.

OLIVEIRA, R. T. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>.  
Acesso em: 19 jul. 2012 (Adaptação).

### Instruções:

- Seu texto deve conter, no máximo, 30 linhas.
- Sua redação deve ser fiel ao tema e ser produzida utilizando o **tipo dissertativo-argumentativo**.
- Sua redação não deve apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- Sua redação não deve apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação.

## 05.

### Texto I

#### Excesso de vigilância está transformando sociedade, diz relatório

*Um relatório publicado na Grã-Bretanha aponta para o risco da escalada das chamadas "sociedades de vigilância", onde a vida da população é cada vez mais monitorada através do uso de várias tecnologias.*

O relatório, encomendado pelo comissário de Informação britânico, diz que, além de câmeras de segurança nas ruas e locais públicos, outras técnicas são usadas para monitorar os movimentos, a produtividade no trabalho e os hábitos de consumo das pessoas.

O estudo diz ainda que o nível de vigilância deve aumentar na próxima década.

No caso britânico, o relatório afirma que os temores de que o país iria "caminhar sonâmbulo em direção a uma sociedade de vigilância" se tornaram realidade.

#### Circuito interno

Além das câmeras, os métodos de vigilância incluem ainda cartões de fidelidade e sistemas de satélite usados para localizar carros de empresas, além do monitoramento, feito pela Agência Americana de Segurança Nacional, de todo o tráfego de telecomunicações que passa pela Grã-Bretanha.

David Murakami, coautor do estudo, disse que, comparada com outras nações industrializadas do Ocidente, a Grã-Bretanha é o "país mais monitorado".

Atualmente existem cerca de 4,2 milhões de câmeras de circuito fechado em operação no país, uma para cada 14 pessoas. [...]

Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2006/11/061102\\_sociedadebigbrother\\_ir.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2006/11/061102_sociedadebigbrother_ir.shtml)>.  
Acesso em: 17 jan. 2019. [Fragmento]

### Texto II

#### Essa parafernália funciona?

[...]

Segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo, o uso de radares eletrônicos diminuiu em até 58% o número de mortes em acidentes fatais. No Reino Unido, alguns crimes de repercussão nacional só foram resolvidos graças à ajuda da rede de câmeras. A eficácia desses equipamentos, no entanto, ainda é objeto de muita polêmica. "As câmeras identificam alguns delitos óbvios no mesmo momento em que acontecem e fornecem, posteriormente, evidências da cena do crime", afirma Jason Ditton, diretor do Centro Escocês de Criminologia e uma das poucas pessoas a empreender estudos independentes sobre o sistema.

A grande preocupação em relação ao sistema é a possibilidade de abuso. A coordenadora desse programa em um bairro de Londres afirmou à revista *New Scientist* que um centro de lazer havia colocado câmeras controladas por homens no vestiário feminino.

Surgiram também diversas denúncias de que os operadores definiam os suspeitos apenas pela aparência – o que abriu a porta para denúncias de preconceito. Em outra ocasião, um operador foi condenado por espionar mais de 200 mulheres e usar o telefone da própria central para assediá-las.

Problemas como esses podem se tornar ainda piores quando forem implantadas algumas outras tecnologias de vigilância já existentes. O inventor americano Graham Hawkes desenhou uma forma de acoplar um rifle a essas máquinas e permitir que policiais eliminem criminosos como se estivessem em um jogo de *videogame*. Outro sistema americano, de nome Body Search (busca corporal), permite identificar objetos embaixo da roupa, como pistolas, facas, pacotes de drogas e também aquelas partes do corpo que a maioria das pessoas tem o costume de esconder. “As câmeras são tidas como se fossem sempre boas e elas não são”, afirma Ditton.

[...]

KENSKI, Rafael. *Sorria: você está sendo filmado*. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/sorria-voce-esta-sendo-filmado/>>. [Fragmento]

**Texto III**



Fonte: Portal do Governo do Estado de São Paulo

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: “Implicações do excesso de vigilância no Brasil”. Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

**GABARITO**

Meu aproveitamento

**Aprendizagem**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. Para responder a essa questão, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo, posicionando-se em relação à opinião de Nelson Rodrigues sobre a violência nos esportes e, em nível mais aprofundado, sobre a natureza humana. Para esse autor, episódios truculentos, que envolvem brigas e revides no futebol, seriam um espelho da natureza humana, cuja característica é devolver, “na mesma moeda”, toda e qualquer ofensa recebida. No texto, citar conflitos recentes ocorridos durante partidas de futebol ou em outras ocasiões sociais é uma boa estratégia argumentativa para comprovar essa tese. Independentemente do ponto de vista escolhido, é possível citar outros argumentos além dos que são sugeridos aqui, desde que sejam apropriados à defesa do ponto de vista e coerentes com a realidade. Vale observar, ainda, que o texto deve ser redigido de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.
- 02. A proposta solicita a produção de um artigo de opinião, em que, supostamente, um aluno de um colégio analise a postura de um diretor autoritário e pouco aberto ao diálogo e argumente em favor da mudança nas relações, explicitando, nesse contexto, que sua análise e suas reivindicações são compartilhadas por outros alunos e por outros membros da comunidade escolar. Os textos motivadores podem auxiliar nessa tarefa. O primeiro ressalta o poder da linguagem de excluir aqueles que não têm domínio total sobre um idioma e sobre os valores incorporados na forma como este se presta a representar a realidade, de modo a mostrar que a linguagem é um instrumento de dominação. O segundo texto, de uma perspectiva poética, reafirma o poder da linguagem como forma de representação inclusive de ideologias. O terceiro, por sua vez, explica de que modo se estabelecem, por meio da linguagem, as relações dos sujeitos consigo mesmos, com os demais sujeitos e com a realidade circundante, destacando a importância da interação e, portanto, do diálogo nas relações sociais. Para compor o texto, sugere-se que seja feita uma breve apresentação da postura do suposto diretor e, em seguida, que seja explicitada a insatisfação que ela causa na comunidade escolar. Em seguida, deve-se argumentar em favor do estabelecimento de um maior diálogo entre Direção e comunidade escolar, demonstrando de que modo o diálogo pode contribuir para melhorar as relações na escola e, assim, diminuir a insatisfação de todos com a Direção. Essa argumentação deve ser feita com base nas ideias dos textos motivadores, as quais, entretanto, não devem ser copiadas, mas, ao contrário, identificadas com as devidas referências aos textos dos quais foram extraídas. Deve-se dar um título ao texto e redigi-lo em acordo com as regras da norma-padrão a fim de torná-lo adequado ao gênero artigo de opinião. Embora os artigos de opinião levem a assinatura de quem os redige, o texto não deve ser assinado.

- 03. Primeiramente, deve-se atentar para a natureza textual indicada no comando: comentário. Isso significa uma estrutura dissertativo-argumentativa ancorada em dados numéricos. É desejável o uso de impessoalização de voz. Pela natureza do gênero, não seria necessário colocar título. Em segundo lugar, deve-se atentar para os itens A e B, indicadores do conteúdo esperado para a redação da análise solicitada no objetivo da questão. Orientações globais para o cruzamento dos itens A e B:

I. Dois valores relativamente estáveis: Pela apresentação dos dados, os itens K (ter uma carreira, uma profissão, um emprego) e D (beleza física / ser bonito) são aqueles em que há uma maior coincidência de opiniões (interseção) entre as gerações. Nessa abordagem de interseção, também poderiam ser comentadas as relações entre os itens A e M.

II. Uma das mudanças significativas de valores: Na confrontação dos dados, percebe-se que, na geração de 2008, há uma maior preocupação com a independência financeira / ter mais dinheiro do que já tem (item F) do que se divertir, aproveitar a vida (item B).

Reconhecer-se ou não no perfil revelado pela pesquisa: Independentemente da opção escolhida, o importante é apontar para itens em que a geração de 2008 está em destaque. Outro ponto é justificar cada escolha, pois os dados apontados precisam ter comprovação com a realidade.

Para finalizar, a construção do comentário poderia ser organizada de forma a legitimar um ponto de vista analítico.

- 04. Para atender a essa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo a respeito do movimento migratório para o Brasil no século XXI. A proposta direciona a abordagem indicando que o texto deve apresentar uma ou mais implicações da imigração de diferentes nacionalidades e etnias para o país, além de considerar as motivações para que ela ocorra, sejam políticas ou econômicas. Na redação, deve-se utilizar argumentos que comprovem o ponto de vista apresentado, independentemente de qual seja. Dessa maneira, caso o posicionamento seja a favor da imigração, pode-se explicitar a importância do papel do Brasil perante o mundo ao conceder vistos humanitários e adotar uma postura diferente daquela assumida pelos países europeus em relação aos imigrantes. Além disso, pode-se ressaltar as contribuições positivas dos imigrantes para a cultura brasileira, o que pode ser comprovado com referências a registros históricos dos fluxos migratórios ocorridos anteriormente. Caso o posicionamento seja contrário, pode-se discordar da necessidade da imigração mencionando que a imigração ilegal pode gerar problemas sociais e econômicos que o governo brasileiro teria de assumir, como o aumento do desemprego.

- 05. Nessa proposta, espera-se a escrita de um texto dissertativo-argumentativo que discorra acerca do excesso de vigilância no país e problematize seus impactos, sejam eles positivos ou negativos. Para tanto, os textos motivadores se apresentam como um embasamento à abordagem do tema. No texto I, aponta-se a situação da vigilância no Reino Unido com o aumento progressivo no número de câmeras e de aparatos de segurança, discutindo-se os efeitos em um país excessivamente monitorado. No texto II, evidencia-se a necessidade de se pensar os limites dessa vigilância à medida que o texto explicita casos de abuso desses aparatos. Já no último texto, tem-se os dados da eficácia dos equipamentos na redução de crimes no ABC paulista. A partir da leitura desses trechos, pode-se desenvolver o raciocínio partindo das motivações e da necessidade de uma sociedade tão monitorada, passando pela questão da violência e da segurança. Por outro lado, espera-se que também se questione o excesso dessa proteção, pensando em aspectos relacionados à privacidade e à necessidade de um controle do uso desses equipamentos. É necessário que se discutam as implicações positivas e negativas da implementação de câmeras e de outros instrumentos. Como proposta de intervenção, é possível apontar o poder público como agente de controle e limitação do uso desses aparelhos em determinados lugares, além de uma sugestão de outros meios de se garantir segurança, como policiamento e políticas de conscientização.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B  
○ 02. E  
○ 03. A  
○ 04. B  
○ 05. A  
○ 06. C  
○ 07. C  
○ 08. D  
○ 09. E

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D  
○ 02. C  
○ 03. D



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Romantismo

### O CONTEXTO DAS ARTES ROMÂNTICAS



O Romantismo e o Neoclassicismo coexistiram entre o fim do século XVIII e meados do século XIX, o que proporcionou aos artistas a produção nos dois estilos. É possível, no entanto, identificar algumas características claras que opõem as duas escolas. Contrapondo-se a arte romântica à arte neoclássica, seria possível traçar o seguinte quadro distintivo:

Neoclassicismo	Romantismo
Ligado à arte greco-romana e ao Renascimento	Ligado à arte cristã medieval e ao gótico
Universalismo	Nacionalismo
Relação com a natureza é clara e positiva	Natureza é uma força misteriosa, frequentemente hostil
Indivíduo integrado ao ambiente natural	Isolamento

No Romantismo, o retorno ao passado medieval se manifestou em várias vertentes artísticas. Na literatura, por exemplo, essa característica está presente no clássico *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo. Na arquitetura, é possível verificar o renascimento das catedrais góticas, com o verticalismo revelado por suas torres pontiagudas que se projetam para o alto em sinal de espiritualização e transcendência, o que rompe com as características neoclássicas típicas: a materialidade e a racionalidade. Ainda em contrariedade com a arquitetura neoclássica, que apresenta características universais, a arquitetura neogótica varia de acordo com o lugar em que se encontra, refletindo as tradições e os costumes de cada localidade da Europa, incorporando elementos dos respectivos países e tornando-se símbolo patriótico. Esse é o caso, por exemplo, da Catedral de Colônia, na Alemanha. A construção, iniciada em 1248 e só concluída em 1880, nesse movimento de resgate gótico, é vista como o “baluarte ideal de defesa, sobre o Reno, da nação alemã”, conforme nos lembra o estudioso Giulio Carlo Argan.



Tobi 87 / Creative Commons

Catedral de Colônia, Alemanha.

É na pintura romântica, no entanto, que o nacionalismo se mostra com mais vigor. Um dos quadros mais significativos do Romantismo é, sem dúvida, *A Liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix, inspirado na revolução de 1830, a qual tinha o objetivo de derrubar o rei Carlos X, que havia revivificado o absolutismo monárquico, restituindo o direito divino à dinastia dos Bourbon e os privilégios à aristocracia.



DELACROIX, Eugène. *A Liberdade guiando o povo*. 1835. Óleo sobre tela, 260 x 325 cm. Museu do Louvre, França.

Nesse quadro, a liberdade é representada por meio de uma alegoria, uma mulher que conduz o povo em sua luta. A ideia de liberdade, nesse caso, é associada à independência nacional, em outras palavras, a liberdade equivale à própria nação ou ao sentimento por ela expresso. Note que a figura feminina que a representa porta uma bandeira da França, o que evidencia o traço nacionalista da obra. O povo que luta pela liberdade reúne intelectuais burgueses (o homem de cartola) e os membros da plebe, pessoas de todas as idades e estratos sociais, o que revela que, naquele momento em particular, todas as diferenças são postas de lado em benefício de um objetivo comum: libertar a França do despotismo dos Bourbon.

É interessante observar o paradoxo presente na figura de Delacroix. Ele assume uma postura revolucionária diante dos benefícios da classe aristocrática, mas fecha os olhos à incipiente conscientização do operariado. Quando, em 1848, a classe trabalhadora se insurge contra a burguesia, o pintor adquire um discurso contrarrevolucionário. Esse é o comportamento, de certa forma, generalizado entre os membros da alta burguesia, o que mostra que a ideia do “povo irmanado pelo estandarte tricolor”, registrada no quadro de Delacroix, é frágil, só dura até comecem a aparecer as divergências internas.

Outro grande expoente do chamado Romantismo histórico é o espanhol Francisco de Goya. Assim como Jacques-Louis David, estudado no módulo de Neoclassicismo, Goya também se ocupou em pintar cenas e personagens históricos, mas com uma abordagem inversa: David era um pintor do belo, enaltecia os eventos e as personalidades que retratava, atribuindo-lhes ares heroicos; em Goya, não há espaço para a beleza, o seu foco é na tragédia, pessoal e coletiva, que desnuda o terror das guerras e os vícios de caráter da realeza (Goya acentua os traços dos rostos dos nobres que pinta para evidenciá-los a tolice e a depravação). Um dos seus quadros mais famosos é o *Três de maio de 1808*, que retrata o fuzilamento de membros da resistência espanhola por tropas napoleônicas que invadiram o país.



GOYA, Francisco de. *Três de maio de 1808 em Madrid*. 1814. Óleo sobre tela, 266 × 345 cm. Museu do Prado, Madrid.

Nesse momento, segundo o teórico Giulio Argan, Goya se põe ao lado da nação espanhola, mas a sua ênfase ainda é o terror:

O *Fuzilamento* (1808) é um quadro realista, documenta a repressão impiedosa dos movimentos antifranceses de maio: como seria hoje uma reportagem fotográfica a respeito das atrocidades do Vietnã. Os soldados não têm rosto, são marionetes uniformizadas, símbolos de uma ordem que é, pelo contrário, violência e morte [...] Nos patriotas que morrem, não há heroísmo, pelo menos não no sentido classicista de David, mas fanatismo e terror. A história como carnificina, como catástrofe. [...] A destruição se cumpre no halo amarelo de uma enorme lanterna cúbica, “eis a luz da razão”, enquanto ao redor está a escuridão de uma noite como todas as outras e a cidade adormecida.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. p. 41. [Fragmento]

Esse caráter documental da obra de Goya fez com que ele fosse exemplo não apenas para outros românticos, mas também para os realistas.

No Brasil, os principais responsáveis pela construção dos ícones da memória nacional são os pintores Victor Meirelles e Pedro Américo. Iniciados no Neoclassicismo, esses pintores defendiam a ideia de que deveriam se espelhar nos modelos europeus para recriar as temáticas locais. E é assim que Victor Meirelles, com base na obra de Horace Vernet (1789-1863), *A primeira missa em Kabylie*, pinta o seu quadro *A primeira missa no Brasil*. Nessa obra, o pintor recria o momento da primeira celebração religiosa ocorrida no Brasil, tal como ela havia sido descrita pela *Carta de Caminha*. Segundo a estudiosa Maraliz de Castro, a cena é retratada com grande leveza, mostra um encontro pacífico entre católicos e pagãos, como se a conversão dos gentios fosse um processo natural. Os índios e a natureza são despojados de seus traços particulares – não é possível identificar a qual tribo os nativos pertencem nem as características da vegetação nordestina – para comporem uma idealização. A tela original possui 9 m<sup>2</sup>, de modo que o espectador tem a impressão de estar imerso na cena que se desenrola diante de si, de presenciá-la.



MEIRELLES, Victor. *A primeira missa no Brasil*. 1861. Óleo sobre tela, 268 × 356 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Assim como Meirelles, também Pedro Américo buscou referência em um modelo europeu, o quadro *Friedland*, de Jean-Louis Ernest Meissonier (1815-1891), para pintar o seu *Independência ou Morte*. Essa obra, produzida em 1888, tenta reconstruir a cena da Proclamação da Independência do Brasil, no intuito de glorificar o momento histórico e, junto com ele, a dinastia de Bragança, personificada na figura de Dom Pedro I, retratado de forma heroica, em um momento já de plena decadência do Segundo Reinado. Segundo Maraliz de Castro, “era necessário lembrar, num momento de pressão republicana, o quanto os brasileiros eram devedores da casa dos Bragança”. O grito do Ipiranga, tal como se apresenta no quadro de Pedro Américo, é a visão que predomina no imaginário coletivo, quando se fala em Independência do Brasil, ainda que o evento, na realidade, tenha sido bastante distinto. Isso evidencia a importância dessa obra para a construção do mito nacional.



AMÉRICO, Pedro. *Independência ou Morte! (O grito do Ipiranga)* 1888. Óleo sobre tela, 415 × 760 cm. Museu Paulista da USP, São Paulo.

A terceira característica do Romantismo nas artes plásticas diz respeito à hostilidade da natureza. Esse elemento encontra sua melhor expressão na obra do inglês Joseph William Turner, que pinta a natureza bela e perigosa dos vulcões, das marés, dos abismos e das tempestades. Cenas de desastres naturais são representadas por meio de traços imprecisos e difusos, o que fará com que Turner se torne futuramente uma fonte de inspiração para os impressionistas. Alguns críticos postulam que o caos da paisagem e das pinceladas frenéticas nada mais são do que um reflexo da perturbação e da desordem interiores do eu romântico.



TURNER, William. *Erupção do Vesúvio*. 1817. Aquarela, 39,7 x 28,6 cm. Universidade de Yale, EUA.

## AS FASES DA POESIA ROMÂNTICA BRASILEIRA



Inicialmente, é preciso salientar que a divisão do Romantismo brasileiro em três fases é uma classificação utilizada para a poesia. Assim, os historiadores da literatura classificam os poetas românticos como aqueles pertencentes à Primeira Fase, à Segunda e à Terceira, o que não se aplica, contudo, aos autores de prosa. Portanto, neste módulo, encontraremos a divisão do Romantismo em fases (metodologia específica para a poesia) e, simultaneamente, discutiremos alguns romances produzidos ao longo desse estilo de época.



FRIEDRICH, Caspar David. *O viajante sobre o mar de névoa*. 1818. Óleo sobre tela, 94,8 x 74,8 cm. Kunsthalle, Hamburgo.

A obra do pintor alemão ilustra um dos principais traços do Romantismo: o isolamento.

## PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA



A primeira obra poética de caráter romântico no Brasil foi publicada em 1836, por Gonçalves de Magalhães, e se intitulou *Suspiros poéticos e saudades*. Neste livro, podem-se perceber as influências da literatura francesa e o anúncio de temáticas relevantes na poesia romântica brasileira, como o exílio e a relação com a pátria:

Oh lira do meu exílio,  
Da Europa as plagas deixemos;  
Eu te darei novas cordas,  
Novos hinos cantaremos.

Adeus, oh terras da Europa!  
Adeus, França, adeus, Paris!  
Volto a ver terras da Pátria,  
Vou morrer no meu país.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. p. 165. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/suspiros\\_poeticos.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/suspiros_poeticos.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2019. [Fragmento]

Se na conhecida “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, apresentada a seguir, o exílio é motivo de lamento, aliado ao enaltecimento da paisagem brasileira, no poema de Gonçalves de Magalhães, identifica-se um tom otimista, já que há promessa de retorno à pátria.

Além de Gonçalves de Magalhães, outro significativo poeta introdutor do Romantismo no país foi Manuel de Araújo Porto-Alegre. Ambos pretenderam construir uma literatura de tom nacionalista e idealizado, aspectos adequados para legitimar a Independência do Brasil, conquistada em 1822. Entretanto, foi com Gonçalves Dias que efetivamente se construiu a mais significativa escrita poética preocupada em representar a natureza e a origem do povo brasileiro, o que culminaria em uma estética da cor local e do indianismo. Em 1846, ao publicar *Primeiros Cantos*, Gonçalves Dias anuncia a nova ideologia romântica, que lutaria pela liberdade formal (fugindo à regularidade métrica do Classicismo tão cultuada pelos arcades) e pela pluralidade temática, inclusive no que diz respeito à representação da paisagem (novamente se vê uma oposição aos poetas do Neoclassicismo, que construíam os ambientes bucólicos com base na cópia do cenário da Arcádia, ou seja, desconsiderando, em grande parte, os aspectos locais).

Leia, a seguir, um comentário do autor ao seu primeiro livro, em que se pode perceber a apropriação de técnicas da poesia portuguesa, porém retrabalhadas segundo o interesse poético do autor brasileiro. Repare que, nesse pequeno gesto, há um propósito de distanciamento de modelos europeus e, ainda que um pouco ao acaso, de criação de um estilo próprio, a ser pensado posteriormente como um estilo nacional.

Dei o nome de *Primeiros Cantos* às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros Cantos*. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 47. [Fragmento]

O mais famoso poema do Romantismo brasileiro, “Canção do exílio”, foi publicado na primeira parte dos *Primeiros Cantos*, denominada “Poesias Americanas” – título que evidencia a necessidade de cantar a nova América que se tornava independente. A exaltação da terra natal, em oposição ao cenário estrangeiro, é a grande preocupação de Gonçalves Dias, como exemplifica o canônico poema:

### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu’inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros Cantos*. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 48.

O aspecto nacionalista da “Canção do exílio” legitimou, inclusive, o fato de o poema ser parafraseado por Osório Duque Estrada quando compôs o Hino Nacional brasileiro. A exaltação da pátria brasileira, feita de modo grandiloquente e entusiasta, consagrou o **caráter ufanista** dos autores da Primeira Fase do Romantismo, como exemplifica a anáfora da expressão “tem mais” na elaboração do poema de Gonçalves Dias: o Brasil “tem mais estrelas”, “tem mais flores”, “tem mais vida”, “tem mais amores”, repetição que se agrega à outra anáfora, do pronome possessivo “nosso”, que salienta o orgulho do sentimento coletivo despertado pela nação.

O contraponto entre o nacional e o estrangeiro faz com que este seja preterido em relação àquele. O “outro” é ínfimo em relação à grandiosidade e à beleza da paisagem nacional. O poema procura retratar justamente a angústia do eu poético por estar na Europa (aqui), desejoso por regressar à sua pátria (lá). Ao desejar revisita-la (“Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá”), a voz poética lembra-se da perfeição e do encantamento da terra natal em contraposição ao ambiente estrangeiro, no qual vive o martírio de um exílio que não lhe permite desfrutar o cenário nacional.

A relevância da “Canção do exílio” na literatura brasileira justifica-se não só pelo seu conteúdo nacionalista, mas pela estrutura do texto, constituída de musicalidade. A presença das rimas alternadas, que se realizam em quase todas as estrofes com as palavras “sabiá”, “lá” e “cá”, aliadas às aliterações presentes em “palmeiras” e “primores” e ao ritmo melódico propiciado pela métrica das redondilhas maiores (versos de sete sílabas), confere uma grande sonoridade ao texto, o que justifica o título (afinal, o leitor está diante de uma “Canção”). Além disso, a ausência de adjetivos na construção do poema reitera a essência da nação descrita. As qualidades brasileiras são substantivadas, o que demonstra a importância e a vitalidade dos elementos que constituem o país.

A poética de Gonçalves Dias não se restringiu ao “sabiá” e às “palmeiras” para cantar o país. O índio foi outro importante ícone empregado para a construção de uma identidade nacional idealizada. No entanto, o indígena do Romantismo não era retirado da própria historiografia ou da realidade nacional, mas das páginas da literatura europeia, principalmente a partir da figura do “Bom Selvagem” divulgada por Rousseau. Inúmeros poemas de Gonçalves Dias, produzidos desde o primeiro até o último de seus livros, buscaram cantar a bravura do índio, que muitas vezes se portava como um legítimo cavaleiro medieval. Exemplos disso são os textos “O canto do guerreiro”, “O canto do piaga”, “O canto do índio”, “Deprecação”, “Marabá”, “O gigante de pedra”, “Canção do Tamoio”, “Leito de folhas verdes” e “I-Juca Pirama” – o mais conhecido poema indianista do Romantismo brasileiro.

“I-Juca Pirama”, que, em tupi, significa “O que há de ser comido”, é um poema épico no qual Gonçalves Dias canta a força, a dignidade e a honra dos indígenas, principalmente nas leis culturais que concernem ao ato da antropofagia – visto inicialmente pelos europeus como um gesto bárbaro e animalesco. Esse ato foi reinterpretado pelos românticos, que demonstraram o lado cultural do rito, em que o outro é devorado não por fome, mas por assimilação do “maná”, das características identitárias do inimigo. Acreditava-se, assim, que, ao se comer a carne, absorviam-se também a resistência física, a virilidade, a coragem e as atitudes heroicas do índio devorado. O poema de Gonçalves Dias inicia-se justamente com a descrição dos preparativos que os timbiras fazem para a devoração do índio tupi, que fora capturado por eles (Cantos I e II).

Por casos de guerra caiu prisioneiro  
Nas mãos dos Timbiras: – no extenso terreiro  
Assola-se o teto, que o teve em prisão;  
Convidam-se as tribos dos seus arredores,  
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,  
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,  
Entesa-se a corda de embira ligeira,  
Adorna-se a maça com penas gentis:  
A custo, entre as vagas do povo da aldeia

Caminha o Timbira, que a turba rodeia,  
Garboso nas plumas de vário matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,  
Afeitas ao rito da bárbara usança,  
O índio já querem cativo acabar:  
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,  
Brilhante enduápe no corpo lhe cingem,  
Sombreira-lhe a fronte gentil canitar.

DIAS, Gonçalves. *I-Juca Pirama*. Ministério da Cultura.  
Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro.  
p. 2. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/jucapirama.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/jucapirama.pdf)>. [Fragmento]

No Canto III, o chefe dos timbiras pede ao tupi para que ele cante sua origem, seus feitos e gestos de bravura, para que a tribo pudesse, assim, saber que carne iria comer e quais características iria adquirir. Respondendo ao chefe da tribo que o capturara (Canto IV), o tupi canta suas glórias, mas também seus infortúnios, pedindo que não o matassem, porque tinha de cuidar de seu velho pai, que estava cego e muito fraco para viver sem a sua ajuda. No Canto V, o chefe indígena manda soltá-lo, dizendo-lhe que a tribo jamais comeria a carne de um covarde. Mesmo humilhado, o guerreiro tupi abandona a tribo e vai ao reencontro do pai (Canto VI). O velho indaga o porquê de tamanha demora por parte do filho. O jovem inventa uma desculpa, mas o pai sente o cheiro das tintas utilizadas no ritual antropofágico. O filho confessa-lhe que pediu para não ser devorado. Desejando corrigir o erro do rapaz, o pai retorna à tribo dos timbiras com seu filho (Canto VII) e pede que o ritual seja terminado, que todos devorassem a carne de seu bravo descendente. Entretanto, os índios recusam-se a comer a carne de um "covarde". Insatisfeito (Canto VIII), o pai roga uma praga ao filho, renegando-o para sempre diante de todos. Revoltado com as palavras do pai e com o falso julgamento que todos faziam dele, o tupi começa a guerrear com a tribo inimiga, extravasando toda a sua angústia e o seu ódio por não ser compreendido (Canto IX). O chefe dos timbiras pede para que cessem os combates, pois o jovem tupi havia provado para todos o tamanho de sua bravura. O pai chora orgulhoso pela atitude do filho e todos os timbiras admiram a façanha. No Canto X, percebe-se que toda essa história ficou na memória de um velho timbira, que todas as noites contava os grandes feitos do maior guerreiro que já vira: o herói tupi. E, se alguém duvidasse da narração, o velho timbira retorquia: "– Meninos, eu vi!".

## O surgimento do romance romântico

Não só a poesia do Romantismo teve uma preocupação nacionalista evidenciada pela descrição dos ambientes e pela exaltação da figura indígena, mas também a prosa, com o surgimento do romance. O aparecimento da prosa romântica no Brasil está vinculado à criação do jornal, pois os romances eram publicados em fascículos e, posteriormente, transformados em livros. Tais produções receberam o nome de **romance de folhetim**.

A narrativa que desencadeou o sucesso desse gênero folhетinesco, no Brasil, foi *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicada ao longo de 1844 e 1845. O sucesso desse romance ocorreu graças à linguagem simples, à trama fácil e instigante e ao final feliz – características que agradavam à nova classe burguesa de leitores que surgia. Os romances românticos dos oitocentos tinham a finalidade de divertir essa burguesia, sedenta de cenas amorosas e de enredos emocionantes. Para isso, não era preciso muita inventividade, bastava reproduzir uma "receita" literária de composição dos folhetins.

Os romances de temática urbana refletiam o próprio ambiente burguês no qual eram lidos. Nesse sentido, a arte procurava retratar o gosto de sua época, embora também se fizesse a produção de obras que condenavam certas posturas desse universo, como a hipocrisia, a vaidade, o casamento por interesses, etc. Contudo, a vertente crítica apareceu somente após um bom período do Romantismo, como exemplifica *Senhora*, última obra que o escritor cearense José de Alencar publicou em vida. Geralmente, os romances urbanos do Romantismo, como *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Encarnação* (1893), do próprio Alencar, *A Mão e a Luva* (1874) e *Jaiá Garcia* (1878), de Machado de Assis, prendiam-se mais à elaboração de relações amorosas ideais e fidedignas, que se contrapunham à frivolidade das relações por interesse e aos casamentos malsucedidos. Os pares românticos, inspirados na busca de um amor muitas vezes impossível, por isso mesmo mais propenso à idealização, viviam em plena tristeza e melancolia. Esse clima, inclusive, será retomado, de modo intenso, como grande mote temático pela poesia do Romantismo da Segunda Fase.



PRUD'HON, Pierre-Paul. *Cabeça da virgem*. 1810.  
Musée des Beaux-Arts.

A idealização da figura feminina é uma das principais características do Romantismo.

Além dos romances de caráter urbano, foi frequente na estética romântica uma representação da identidade nacional através da figuração de toda uma diversidade geográfica. Com isso, surgiam os romances que procuravam descrever outras regiões nacionais. Novamente, a produção de Alencar destaca-se nesse sentido, com obras como *As minas de prata* (1865-1866), *O Gaúcho* (1870), *Guerra dos mascates* (1873) e *O sertanejo* (1875). Além da obra de Alencar, o trabalho de Bernardo Guimarães também se mostra exemplar em retratar um certo regionalismo, principalmente de Minas e de Goiás, na estruturação de seus enredos.

Nota-se também uma preocupação histórica, como os próprios títulos indicam, já que abordam o processo de ocupação do território nacional pelos bandeirantes ou mencionam as guerras nacionalistas vinculadas à formação da identidade do Brasil. De Bernardo Guimarães, os romances *O garimpeiro* (1872), *Maurício ou Os Paulistas em S. João d'El-Rei* (1877) e *O Ermitão de Muquém*, cujo subtítulo é "História da fundação da romaria de Muquém na província de Goiás" (1864), são bons exemplos dessa preocupação de se representar o nacional através de uma literatura que adentrava no país para mostrar uma identidade diferenciada daquela do Brasil litorâneo, que sofria as influências da Europa.

Ainda que busque a construção da nacionalidade por meio da divulgação do sertanejo, foi com o indianismo inicial que o Romantismo consagrou a fundamentação dessa identidade. Se, na poesia, isso se deu por meio da contribuição de Gonçalves Dias, na prosa, os romances *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), de José de Alencar, imortalizaram esse aspecto indígena como pressuposto para se pensar o nacional.

Leia, a seguir, uma passagem descritiva da personagem Iracema:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. p. 5. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/iracema.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iracema.pdf)>. Acesso em: 14 jan.2019. [Fragmento]

Iracema, apesar de ser uma personagem indígena, marca perceptível em parte de sua descrição – os cabelos, por exemplo – tem em sua composição elementos incompatíveis. A exemplo, veja-se a delicadeza com que é descrita, que mais faz lembrar uma donzela romântica europeia que uma habitante das selvas. Sua beleza é comparada aos elementos da paisagem, que, se ganham realce na descrição da personagem, ressaltam ainda mais a graciosidade da jovem. A mescla entre delicadeza ("O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas") e agilidade ("Mais rápida que a corça selvagem"), por exemplo, sinalizam a fusão entre elementos da cultura europeia e a local.

A temática indianista, na elaboração do romance *Iracema*, foi do seguinte modo apontada pelo próprio Alencar em sua famosa "Carta ao Dr. Jaguaribe":

O assunto para a experiência de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a ideia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heroica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema.

[...] Este livro é pois um ensaio ou antes mostra. Verá realizadas nele minhas ideias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens.

A etimologia dos nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original.

[...] depois de concluído o livro e quando o reli já apurado na estampa, conheci que tinham escapado senões que se devem corrigir; noto algum excesso de comparações, repetição de certas imagens, desalinho no estilo dos últimos capítulos. Também me parece que deva conservar aos nomes das localidades sua atual versão, embora corrompida.

Se a obra tiver segunda edição será escoimada destes e outros defeitos que lhe descubram os entendidos.

ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977. p. 323. [Fragmento]

Nessa carta, o próprio Alencar aponta o que ele pretendia com a prosa poética que é *Iracema*: fazer um estudo sobre a história da colonização brasileira ao retratar o encontro do europeu com o indígena; apontar a formação étnica, cultural e linguística do país; resgatar as lendas e os mitos fundacionais. Tudo isso com uma linguagem lírica, já que a intenção inicial do livro era a de que ele fosse uma obra poética, com o emprego exagerado de comparações (símiles), que permitem visualizar a paisagem nacional espelhada no corpo e nas atitudes de Iracema. Na "Carta ao Dr. Jaguaribe", Alencar fez uma severa crítica à linguagem artificial dos índios criados por Gonçalves Dias. Contudo, tal condenação também se aplica às falas dos índios de seus romances, que são completamente inverossímeis.

E não só a linguagem dos seus índios é “europeizante”, mas também o comportamento de seus heróis e heroínas, que traem as suas tribos em favor dos caprichos dos brancos, como exemplificam as atitudes de Iracema e Peri: ambos preterem a tradição indígena para assimilar os valores eurocêntricos de Martim e Ceci.

Porém, de toda a produção romântica em prosa, a que mais se destaca, justamente por fugir a esse arquétipo de uma construção nacionalista nos moldes ufanistas, é a obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Esse romance foi publicado nos anos de 1852 e 1853, em forma de folhetim, e destacou-se dos demais por ultrapassar a temática e a construção dos típicos romances românticos da literatura brasileira. *Memórias de um sargento de milícias* é considerada uma obra antecipadora de traços do Realismo – e até do Modernismo – devido à inserção do primeiro **herói pícaro** nos romances nacionais. Leonardinho, o protagonista da obra, não se assemelha ao fidalgo burguês que figura nas obras românticas, o que se observa desde a sua origem: é filho de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, que se conheceram vindo de Portugal para o Brasil e, desde então, iniciaram um “namoro” com trocas de beliscões e pisadelas. Quando desembarcaram, Maria já estava grávida. Abandonado pelos pais, Leonardinho tem de buscar maneiras alternativas para sobreviver, caindo em malandragens e falcatruas que atestam seu parentesco com Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.

Não só Leonardo vive dessa forma, mas todos os demais figurantes da obra, que são considerados **personagens-tipo**, por expressarem uma identidade coletiva e anônima dessa camada social brasileira. As personagens são a expressão do papel que ocupam no panorama histórico brasileiro, representam um lugar, muito mais que uma individualidade. São a comadre, o barbeiro, a cigana, entre tantos outros que precisam tomar iniciativas muitas vezes ilícitas para garantirem a sobrevivência. Isso faz com que a obra ultrapasse as oposições convencionais de herói x anti-herói, lícito x ilícito. Tal característica fez com que os críticos apontassem a obra como a gênese do “jeitinho brasileiro”, da tradição do “salve-se quem puder”.

## SEGUNDA GERAÇÃO ROMÂNTICA



Na Segunda Geração do Romantismo brasileiro, são marcantes os poetas Casimiro de Abreu (que exemplifica a vertente mais sutil do Ultrarromantismo), Junqueira Freire e Álvares de Azevedo – o mais importante entre eles.

A singeleza da obra de Casimiro de Abreu se consagrou com o poema “Meus oito anos”, que retrata a idealização do passado e a visão angelical da infância. A criança é vista como um ser puro, desprovido dos vícios da vida adulta, da existência corrompida no seio do organismo social. Por isso, no presente, o eu poético lamenta a saudade que sente da “aurora de sua vida”.

### Meus oito anos

*Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!*

Victor Hugo

Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

ABREU, Casimiro de. Primaveras. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 358. [Fragmento]

Por sua vez, as produções de Junqueira Freire e de Álvares de Azevedo exemplificam, de modo mais emblemático, o caráter noturno e mórbido da Segunda Geração Romântica. Os cenários macabros (geralmente cemitérios, ruínas, locais abandonados, paisagens ermas), visitados pela voz poética durante a noite, constituem uma ambientação misteriosa e fúnebre que compactua com a obscuridade do próprio caráter humano, com a melancolia, com o tédio, com o *spleen*, que dilaceram o sujeito romântico. Por toda essa retratação de um ser sem lugar na sociedade, sem um rumo certo para a vida, a Segunda Fase foi denominada de **Ultrarromantismo** ou **Byronismo**, caracterizada como poesia do “Mal do Século”. Essa expressão é tanto uma referência às doenças físicas que acometiam a humanidade (principalmente a tuberculose) quanto à dilaceração sentimental pela qual passava o homem.

Se a Primeira Geração Romântica brasileira foi construída com uma forte influência francesa, a Segunda se constituiu a partir de um intenso diálogo com os Romantismos inglês, irlandês e alemão, por isso a denominação Byronismo, em referência ao poeta britânico Lord Byron, um dos mais influentes nomes do movimento. No Brasil, as obras mais significativas desse período são de autoria de Álvares de Azevedo: o livro de poesias *Lira dos vinte anos*, o de contos *Noite na taverna* e a peça *Macário*. No seguinte poema, é possível reconhecer as principais características da estética desse período, tais como o ambiente funesto, a representação da angústia, do medo e até da morte (geralmente tais sentimentos aparecem personificados), o diálogo com um outro ser horrendo, que muitas vezes habita o próprio eu, a ausência de fronteiras entre a realidade e o sonho, a construção de poemas mais narrativos, que relatam uma cena de suspense e perseguição:

**Meu sonho**

EU

Cavaleiro das armas escuras,  
Onde vais pelas trevas impuras  
Com a espada sanguenta na mão?  
Por que brilham teus olhos ardentes  
E gemidos nos lábios frementes  
Vertem fogo do teu coração?

Cavaleiro, quem és? O remorso?  
Do corcel te debruças no dorso...  
E galopas do vale através...  
Oh! Da estrada acordando as poeiras  
Não escutas gritar as caveiras  
E morder-te o fantasma nos pés?

Onde vais pelas trevas impuras,  
Cavaleiro das armas escuras,  
Macilento qual morto na tumba?...  
Tu escutas... Na longa montanha  
Um tropel teu galope acompanha?  
E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? – que mistério,  
Quem te força da morte no império  
Pela noite assombrada a vagar?

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 272.

Álvares de Azevedo, diferentemente dos poetas da primeira geração romântica, volta-se para a vida introspectiva, valendo-se de imagens aparentemente desconectadas da realidade imediata. A figura central do poema – o “cavaleiro qual morto na tumba” – já não é a dos heróis típicos da geração indianista, mas um cavaleiro que assombra o eu lírico. Figuras como essa são, hoje, retrabalhadas pela literatura, pelo cinema e por séries de televisão.

No fragmento a seguir, por sua vez, a figura que assombra o eu lírico é um fantasma, metáfora da angústia e da morte:

**O fantasma**

Sou o sonho de tua esperança,  
Tua febre que nunca descansa,  
O delírio que te há de matar!...

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 272.



SCHEFFER, Ary. *Leonora, os mortos vão rápido*. 1830. Óleo sobre tela, 63 x 48 cm. Palácio de Belas Artes de Lille, França.

No que diz respeito à temática amorosa, na lira de Álvares de Azevedo, com frequência, há a presença de um amor impossível. A vida impede o eu poético de se encontrar com a sua amada e de efetivar a relação que tanto desejam. Por isso, só o ambiente do sonho, do delírio, da imaginação torna-se o espaço da “concretização” desse amor. A mulher, na poética de Azevedo, oscila entre uma representação mais angelical, etérea, e uma descrição mais erótica, carnal. Porém, independentemente disso, é sempre inatingível, intocável.

**O poeta**

Era uma noite – eu dormia  
E nos meus sonhos revia  
As ilusões que sonhei!  
E no meu lado senti...  
Meu Deus! Por que não morri?  
Por que do sono acordei?

No meu leito – adormecida  
Palpitante e abatida,  
A amante de meu amor!  
Os cabelos recendendo  
Nas minhas faces correndo  
Como o luar numa flor!

Senti-lhe o colo cheiroso  
Arquejando sequioso;  
E nos lábios, que entr’abria  
Lânguida respiração,  
Um sonho do coração  
Que suspirando morria!  
[...]

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 235-236. [Fragmento]

Nesse poema, o eu lírico expressa seu desejo de morte em face da mulher amada em vias de morrer. A representação feminina da segunda geração romântica encontra nesse poema um claro exemplo: palpitante e abatida, em um último suspiro à beira da morte, a mulher surge em sonho, no qual o eu lírico deseja também morrer, pois só na morte seu amor se consumaria.

## TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA



Em contrapartida à postura melancólica, macabra e onírica da Segunda Fase, a Terceira Geração Romântica procurou se legitimar por uma escrita mais voltada para o social, apontando para as questões políticas e ideológicas vigentes no final do século XIX. Essa abordagem justifica o caráter mais engajado dos autores desse período, que procuraram discutir, na poesia, temas como a construção do nacionalismo republicano e a legitimação de uma sociedade estruturada sem a “mácula” da escravidão. Tal preocupação demonstra o propósito de inserção do Brasil no contexto universal, ou seja, de construção de uma nação autônoma. Desfazer-se da escravidão e da monarquia era, portanto, indispensável para o Brasil se assumir como estrutura governamental. A arte estaria a serviço dessa bandeira para conscientizar o senso comum, para alertar os retrógrados, para convocar as forças políticas em prol da nova nação que deveria se erguer. Os dois nomes exemplares nesse contexto da poesia da Terceira Fase do Romantismo brasileiro são Fagundes Varela e Castro Alves. Entretanto, sem dúvida, foi Castro Alves quem se consagrou mundialmente com a sua linguagem extremamente retórica e combativa, firmando o **condoreirismo** na literatura nacional.

A poesia da Terceira Fase é denominada condoreira por ter o condor como símbolo, o que, inclusive, remete à liberdade. O condoreirismo ficou imortalizado nos seguintes versos de Castro Alves: “A praça é do povo / Como o céu é do condor”. Essa ideologia, sustentada no liberalismo artístico, político e social, é influência direta do Romantismo francês, principalmente de Victor Hugo, o grande defensor do liberalismo na política e na arte.

Em nome dessa “Liberdade”, a poética de Castro Alves alçou sua “bandeira” ideológica e estética. O seu texto, louvado por muitos graças à exaltação de sua linguagem, é marcado por uma forte retórica e por uma oratória grandiloquente. Essa linguagem entusiasta era empregada ora para exaltar as belezas naturais do Brasil e ressaltar a soberania da República sobre a Monarquia, ora para condenar a criminalidade que se praticou contra a raça negra ao se escravizá-la. Caberia ao poeta, ser que possui o “borbulhar do gênio”, os papéis de porta-voz da nação, de responsável pela denúncia das injustiças e de representante do país em direção ao progresso. O poeta julga-se, portanto, um demiurgo, que, por meio de seu talento, utiliza-se da arma da poesia contra a estagnação, o comodismo, a política ultrapassada, a economia avultante que se sustenta na escravização dos negros. Foi graças a essa denúncia antiescravocrata que Castro Alves foi considerado “O poeta dos escravos”. Em “O navio negreiro”, poema traduzido para inúmeras línguas e musicado por vários intérpretes, tem-se o melhor exemplo dessa vertente estética do poeta condoreiro:

‘Stamos em pleno mar...

[...]

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho,  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia,  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri!  
[...] E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...  
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
E ri-se Satanás!...

[...] Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas  
Co’a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!

[...] Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!...

ALVES, Castro. O navio negreiro.  
In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed.  
São Paulo: Discubra, 1978. v. 2. p. 361-362. [Fragmento]

Apesar de receber o epíteto de “poeta dos escravos”, é possível reconhecer como a figura do africano era retratada de modo idealizado por Castro Alves. O negro, em seus versos, está muito mais próximo da imagem de um “Bom Crioulo”, vertente do “Bom Selvagem” indígena, do que necessariamente dotado de sua verdadeira identidade. Ele aparece “vestido” de sentimentos cristãos e praticante do catolicismo, em vez de cultivar as entidades da tradição africana.

Entretanto, esse processo de “branqueamento” do negro na literatura então vigente não se dava apenas na poesia. Um dos principais romances do período que retratou o tema, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, também foi estruturado a partir da visão burguesa e idealizadora da época. Nele, a protagonista Isaura, filha de um português com uma escrava negra, tem a pele clara, e essa característica definiria a sua beleza, conforme comprovam suas descrições no romance:

A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. [...] Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seio diáfano o fogo celeste da inspiração.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00057a.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2017. [Fragmento]

## RELEITURAS

Conforme foi visto neste módulo e também no módulo sobre o Quinhentismo, a exaltação da natureza brasileira, presente no poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e tão frequente no Romantismo do século XIX, foi de extrema importância para a construção de uma identidade nacional idealizada, motivo pelo qual esse poema se tornou uma referência inclusive para a composição do Hino Nacional brasileiro. A partir do século XX, no entanto, poetas do Modernismo (e mesmo de estilos posteriores) farão uma releitura crítica tanto do passado quanto do presente da nação, propondo novos significados para a “Canção do exílio”. O escritor modernista Carlos Drummond de Andrade, no poema “Europa, França e Bahia”, faz uma alusão parafrásica à “Canção do Exílio”, com o intuito de ressaltar a necessidade de os brasileiros terem novamente um sentimento patriótico pela nação, ainda que não seja de modo tão sonhador e ingênuo como o que ocorrera no século XIX.

### Europa, França e Bahia

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.  
Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um  
[caranguejo].

Os cais bolorentos de livros judeus  
e a água suja do Sena escorrendo sabedoria.  
O pulo da Mancha num segundo.  
Meus olhos espiam olhos ingleses vigilantes nas docas.  
Tarifas bancos fábricas trustes craques.  
Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas  
[formam um tapete  
para Sua Graciosa Majestade Britânica pisar.  
E a lua de Londres como um remorso.  
Submarinos inúteis retalham mares vencidos.  
O navio alemão cauteloso exporta dolicocefalos arruinados.  
Hamburgo, embigo do mundo.  
Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça  
[dos outros

dentro de alguns anos.  
A Itália explora conscientemente vulcões apagados,  
vulcões que nunca estiveram acesos  
a não ser na cabeça de Mussolini.  
E a Suíça cândida se oferece  
numa coleção de postais de altitudes altíssimas.  
Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa.  
Não há mais Turquia.  
O impossível dos serralhos esfacela erotismos prestes a  
[declanchar.

Mas a Rússia tem as cores da vida.  
A Rússia é vermelha e branca.  
Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme  
[bolchevista  
e no túmulo de Lenin em Moscou parece que um coração  
[enorme  
está batendo, batendo mas não bate igual ao da gente...  
Chega!

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.  
Minha boca procura a “Canção do exílio”.  
Como era mesmo a “Canção do exílio”?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Ai terra que tem palmeiras  
onde canta o sabiá.

EUROPA, FRANÇA E BAHIA – In: *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo  
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
[www.carlosdrummond.com.br](http://www.carlosdrummond.com.br)



E1W9

### Romantismo – prosa

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico do Romantismo no Brasil e sobre os romances românticos brasileiros.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFMG) Leia os poemas.

**Desejo**

Ah! Que eu não morra sem provar, ao menos  
Sequer por um instante, nesta vida  
Amor igual ao meu!  
Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra  
encontre  
Um anjo, uma mulher, uma obra tua,  
Que sinta o meu sentir;  
Uma alma que me entenda, irmã da minha,  
Que escute o meu silêncio, que me siga  
Dos ares na amplidão!  
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,  
Deixando a terra e o lodo, aos céus remontem  
Num êxtase de amor!

Gonçalves Dias.

**Quando eu sonhava**

Quando eu sonhava, era assim  
Que nos meus sonhos a via;  
E era assim que me fugia,  
Apenas eu despertava,  
Essa imagem fugidia  
Que nunca pude alcançar.  
Agora, que estou desperto,  
Agora a vejo fixar...  
Para quê? – Quando era vaga,  
Uma ideia, um pensamento,  
Um raio de estrela incerto  
No imenso firmamento,  
Uma quimera, um vão sonho,  
Eu sonhava – mas vivia:  
Prazer não sabia o que era,  
Mas dor, não a conhecia...

GARRETT, Almeida. *Folhas Caídas*.

Esses dois poemas contêm representações do amor ideal, um tema frequente no Romantismo.

Redija um texto, explicando as diferenças entre as representações desse tema contidas nos dois poemas.

02. (PUC Rio)

O sol vinha nascendo.

O seu primeiro raio espreguiçava-se ainda pelo céu anilado, e ia beijar as brancas nuvenzinhas que corriam ao seu encontro.

Apenas a luz branda e suave da manhã esclarecia a terra e surpreendia as sombras indolentes que dormiam sob as copas das árvores.

Era a hora em que o cacto, a flor da noite, fechava o seu cálice cheio das gotas de orvalho com que destila o seu perfume, temendo que o sol crestasse a alvura diáfana de suas pétalas.

Cecília com a sua graça de menina travessa corria sobre a relva ainda úmida colhendo uma graciola azul que se embalançava sobre a haste, ou um malvaíscio que abria os lindos botões escarlates.

Tudo para ela tinha um encanto inexprimível; as lágrimas da noite que tremiam como brilhantes das folhas das palmeiras; a borboleta que ainda com as asas entorpecidas esperava o calor do sol para reanimar-se; a viuvinha que escondida na ramagem avisava o companheiro que o dia vinha raiando: tudo lhe fazia soltar um grito de surpresa e de prazer.

Enquanto a menina brincava assim pela várzea, Peri, que a seguia de longe, parou de repente tomado por uma ideia que lhe fez correr pelo corpo um calafrio; lembrava-se do tigre.

De um pulo sumiu-se numa grande moita de arvoredos que se elevava a alguns passos; ouviu-se um rugido abafado, um grande farfalhar de folhas que se espedaçavam, e o índio apareceu.

Cecília tinha-se voltado um pouco trêmula:

– Que é isto, Peri?

– Nada, senhora.

– É assim que prometeste estar quieto?

– Ceci não há de se zangar mais.

– Que queres tu dizer?

– Peri sabe! – Respondeu o índio sorrindo.

Na véspera tinha provocado uma luta espantosa para domar e vencer um animal feroz, e deitá-lo submisso e inofensivo aos pés da moça, julgando que isso lhe causava um prazer.

Agora, estremecendo com o susto que sua senhora podia sofrer, destruíra em um instante essa ação de heroísmo, sem proferir uma palavra que a revelasse. Bastava que ele soubesse o que tinha feito, e o que todos deviam ignorar; bastava que sua alma sentisse o orgulho da nobre dedicação que se expandia no sorriso de seus lábios.

ALENCAR, José de. O Guarani. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964. v. II, p. 67.

Comente a concepção de heroísmo e a representação da figura do herói no imaginário romântico, tendo como referência o texto de José de Alencar.

03. (UFRJ)

[...] Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas

De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!

Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tufão!

Qual a geração romântica a que pertence o poema e que traço estilístico-formal é dominante na estrofe?

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**01.** (UEG-GO-2015)  
AUZH

### Lembrança de morrer

[...]

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto o poento caminheiro,  
– Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz ao dobre sineiro

[...]

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas de Álvares de Azevedo*.  
7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 37.

Este fragmento mostra uma atitude escapista típica do Romantismo. O eu lírico idealiza

- A) a vida como um ofício de prazer, destinado à fruição eterna.
- B) a morte como um meio de libertação do terrível fardo de viver.
- C) o tédio como a repetição dos fragmentos belos e significativos da vida.
- D) o deserto como um destino sereno para quem vence as hostilidades da vida.

**Instrução:** Texto para as questões **02** e **03**.

Há uma crise nos séculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de ouro. O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. “Homo sum”, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem artérias – isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.

PREFÁCIO à Segunda parte da Lira dos vinte anos.  
In: AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 190.

**02.** (UFJF-MG) No texto, observa-se a constatação de que

- A) o passado era uma época mais feliz para viver.
- B) o ser humano muda de acordo com a época.
- C) a época contemporânea tem mais recursos.
- D) a felicidade se confunde com a poesia.
- E) o poeta só trabalha com abstrações.

**03.** (UFJF-MG) A tese central do texto é:

- A) Tema da poesia brasileira do século XIX.
- B) Síntese das aspirações do Romantismo brasileiro.
- C) Apologia da poética de celebração da vida física.
- D) Descrição da poesia nativa ligada à natureza.
- E) Negação do desejo romântico de chegar ao Bem.

**Instrução:** Leia o excerto a seguir para responder às questões **04** e **05**.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rochonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apeçoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

ALMEIDA, Manuel Antônio de.  
*Memórias de um sargento de milícias*.

**04.** (FGV-RJ-2016) No excerto, narram-se as circunstâncias em que travaram conhecimento Leonardo (Pataca) e Maria (da hortaliça), a bordo do navio que, procedente de Portugal, iria desembarcá-los no Rio de Janeiro. Considere as seguintes afirmações referentes ao excerto:

- I. A narrativa é isenta de traços idealizantes, seja no que se refere às personagens, seja no que se refere a suas relações amorosas.
- II. O ângulo de representação privilegiado pelo romancista é o da comicidade e do humor.
- III. A vivacidade da cena figurada no excerto deve-se à presença de um narrador-personagem, que participa da ação.

Está correto o que se afirma em

- A) I, somente.
- B) I e II, somente.
- C) III, somente.
- D) II e III, somente.
- E) I, II e III.

**05.** (FGV-RJ-2016) Embora de fato pertençam ao Romantismo, as *Memórias de um sargento de milícias* não apresentam as características mais típicas e notórias desse movimento. No entanto, analisando-se o trecho aqui reproduzido, verifica-se que nele se apresenta claramente o seguinte traço do Romantismo:

- A) Preferência pela narração de aventuras fabulosas e extraordinárias.
- B) Tendência a emitir juízos morais sobre as condutas das personagens.

- C) Livre expressão de conteúdos eróticos incomuns e chocantes.
- D) Tematização franca e aberta da vida popular e cotidiana.
- E) Busca do raro e do exótico, como meio de fuga da realidade burguesa.

**06.** (Insper-SP-2016) Ali por entre a folhagem, distinguíam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do Sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas, e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vítima.

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pelo, e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

ALENCAR, José de. *O guarani*.

Relacionando o conteúdo exposto nesse excerto ao contexto histórico, é correto afirmar que o texto exemplifica as orientações estético-ideológicas do Romantismo, pois apresenta

- A) identificação harmônica entre o homem e o animal.
- B) descrição detalhada dos costumes indígenas.
- C) contraste entre a natureza hostil e o povo que a habita.
- D) idealização do índio, retratado como um herói destemido.
- E) animalização dos personagens, que agem condicionados ao ambiente físico e social.

**07.** (UEG-GO-2016) Leia o fragmento e observe a imagem para responder à questão.

É ela! é ela! — murmurei tremendo,  
e o eco ao longe murmurou — é ela!  
Eu a vi... minha fada aérea e pura —  
a minha lavadeira na janela.

Dessas águas furtadas onde eu moro  
eu a vejo estendendo no telhado  
os vestidos de chita, as saias brancas;  
eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido,  
nas telhas que estalavam nos meus passos,  
ir espiar seu venturoso sono,  
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...  
Tinha na mão o ferro do engomado...  
Como roncava maviosa e pura!...  
Quase caí na rua desmaiado!

AZEVEDO, Álvares de. É ela! É ela! É ela! É ela. In: *Álvares de Azevedo*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 44.



MARTIN-KAVEL, François. [Sem título]. Disponível em: <<http://7dasartes.blogspot.com.br/2012/05/romanticas-e-encantadoras-pinturas-de.html>>. Acesso em: 14. mar. 2016.

Tanto a pintura quanto o excerto apresentados pertencem ao Romantismo. A diferença entre ambos, porém, diz respeito ao fato de que

- A) no fragmento verifica-se o retrato de um ser idealizado, ao passo que no quadro tem-se uma figura retratada de modo pejorativo.
- B) na pintura tem-se o retrato de uma mulher de feições austeras, ao passo que no poema nota-se a descrição de uma mulher sofisticada.
- C) no excerto tem-se a descrição realista e não idealizada de uma mulher, ao passo que na pintura retrata-se uma mulher pertencente à burguesia.
- D) na imagem tem-se uma moça cuja caracterização é abstrata, ao passo que no poema tem-se uma mulher cujo aspecto é burguês e requintado.
- E) no quadro constata-se a imagem de uma moça simplória, ao passo que no poema nota-se a caracterização de uma donzela de vida airada.

**08.** (PUC-Campinas-SP) Sobre José de Alencar, é correto afirmar que:

W76J

- A) Foi sensível ao drama vivido pelo homem numa sociedade burguesa – a necessidade de obter dinheiro e a de preservar a integridade da vida do espírito – e deu a esse conflito o tratamento que determinou sua ruptura definitiva com o idealismo do escritor romântico, como se vê em *Lucíola* e em *Senhora*.
- B) Fez-se presente nos três tipos em que se manifestou a ficção da época – determinados pelo espaço em que se desenvolve a narrativa: cidade, campo, selva – de que são exemplos *Lucíola*, *O Sertanejo* e *Iracema*.
- C) Dotou os protagonistas, nos romances heroicos (*O Sertanejo*, *O Guarani*), de características ideais, mas, subordinando-se aos acontecimentos da vida corrente, obrigou-os a cometerem atos degradantes.
- D) Foge, num aspecto, do que era uma tendência da ficção romântica, o interesse pelo passado, quer do indivíduo, quer da Nação, pois voltou-se apenas para a observação da realidade contemporânea, como em *Lucíola* e *Senhora*.

**09.** (UPE-2015)

#### Amor

*Quand la mort est si belle, Il est doux de mourir.* (V. Hugo)

Amemos! Quero de amor  
 Viver no teu coração!  
 Sofrer e amar essa dor  
 Que desmaia de paixão!  
 Na tu'alma, em teus encantos  
 E na tua palidez  
 E nos teus ardentes prantos  
 Suspirar de languidez!  
 Quero em teus lábios beber  
 Os teus amores do céu,  
 Quero em teu seio morrer  
 No enlevo do seio teu!  
 Quero viver d'esperança,  
  
 Quero tremer e sentir!  
 Na tua cheirosa trança  
 Quero sonhar e dormir!  
 Vem, anjo, minha donzela,

Minha'alma, meu coração!

Que noite, que noite bela!

Como é doce a viração!

E entre os suspiros do vento

Da noite ao mole frescor,

Quero viver um momento,

Morrer contigo de amor!

AZEVEDO, Álvares de. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/avz.html#amor>>. Acesso em: jun. 2014.

Sobre o texto, analise as afirmativas a seguir:

- I. O eu lírico, nos versos do poema, expressa seus sentimentos de forma polida, cuidadosa, ponderada e sem quaisquer extremismos, razão pela qual a poesia de Álvares de Azevedo não pode ser entendida como exemplo claro de um texto dito romântico.
  - II. Há, no poema em análise, versos que apontam a necessidade de o eu lírico amar profundamente. Esse amor é tomado por uma subjetividade também profunda, afastando-se, quase por completo, das raiais da racionalidade.
  - III. Os versos "Morrer contigo de amor" e "Sofrer e amar essa dor" explicitam a intensidade que o eu lírico pretende dar vida a essa relação. Temas como amor e morte são recorrentes nos textos de Álvares de Azevedo, exímio representante da poesia romântica.
  - IV. Não apenas no texto em análise mas também nos textos de Álvares de Azevedo, de modo geral, há uma exacerbação da objetividade dos sentimentos, espécie de refutação ao que é demasiadamente onírico e evasivo, taciturno e escapista.
  - V. O verso "Que noite, que noite bela!" remete o leitor a perceber que o amor do eu lírico será vivenciado na sua forma mais completa e qualitativa sob a regência da Lua. Nos poemas de Álvares de Azevedo, a noite é o tempo privilegiado para o amor.
- Está correto, apenas, o que se afirma em
- A) I, II e III.
  - B) I, III e IV.
  - C) II, III e V.
  - D) II, IV e V.
  - E) III, IV e V.

## SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem–2016) Estas palavras ecoavam docemente pelos atentos ouvidos de Guaraciaba, e lhe ressoavam n'alma como um hino celestial. Ela sentia-se ao mesmo tempo enternecida e ufana por ouvir aquele altivo e indômito guerreiro pronunciar a seus pés palavras do mais submisso e mavioso amor, e respondeu-lhe cheia de emoção: – Itajiba, tuas falas são mais doces para minha alma que os favos da jataí, ou o suco delicioso do abacaxi. Elas fazem-me palpitar o coração como a flor que estremece ao bafejo perfumado das brisas da manhã.

Tu me amas, bem o sei, e o amor que te consagro também não é para ti nenhum segredo, embora meus lábios não o tenham revelado. A flor, mesmo nas trevas, se trai pelo seu perfume; a fonte do deserto, escondida entre os rochedos, se revela por seu murmúrio ao caminhante sequioso. Desde os primeiros momentos tu viste meu coração abrir-se para ti, como a flor do manacá aos primeiros raios do sol.

GUIMARÃES, B. *O ermitão de Muquém*. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 07 out. 2015.

O texto de Bernardo Guimarães é representativo da estética romântica. Entres as marcas textuais que evidenciam a filiação a esse movimento literário está em destaque a

- A) referência a elementos da natureza local.
- B) exaltação de Itajiba como nobre guerreiro.
- C) cumplicidade entre o narrador e a paisagem.
- D) representação idealizada do cenário descrito.
- E) expressão da desilusão amorosa de Guaraciaba.

- 02.** (Enem)

## Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,  
 Nos lábios meus o alento desfalece,  
 Surda agonia o coração fenece,  
 E devora meu ser mortal desgosto!  
 Do leito embalde no macio encosto  
 Tento o sono reter!... já esmorece  
 O corpo exausto que o repouso esquece...  
 Eis o estado em que a mágoa me tem posto!  
 O adeus, o teu adeus, minha saudade,  
 Fazem que insano do viver me prive  
 E tenha os olhos meus na escuridade.  
 Dá-me a esperança com que o ser mantive!  
 Volve ao amante os olhos por piedade,  
 Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é

- A) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
- B) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.
- C) o descontrole das emoções provocado pela autopiedade.
- D) o desejo de morrer como alívio para desilusão amorosa.
- E) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.



## Realismo e Naturalismo

### REALISMO

A partir da segunda metade do século XIX, o idealismo dos românticos foi substituído por uma visão racionalista e cientificista que culminou no Realismo e no Naturalismo. Esses dois estilos, em vez de se preocuparem com um mundo imaginário e com ambientes oníricos, perpassados por seres fantásticos, como fizeram os românticos, pretenderam construir um retrato fidedigno da realidade, com o intuito de “radiografar” e “diagnosticar” as mazelas do mundo industrial e da sociedade burguesa. Isto é, em vez da subjetividade, da melancolia sonhadora, da fuga para um passado ou para um cenário idealizado, o sujeito da segunda metade desse século buscou fazer uma arte próxima da realidade, de caráter científico, verossímil, dotada da maior objetividade possível, sem qualquer traço de impressão pessoal ou emotiva.

Com a segunda fase da Revolução Industrial e com as crises sociais e econômicas que ocorriam nos centros urbanos, surgiram correntes sociológicas, filosóficas e biológicas para explicar esses fenômenos que repercutiam no mundo. Os artistas dialogaram com esse tipo de saber científico e também se viram no papel de construtores de uma literatura ou de uma pintura que discutisse a crise que se instaurava.

No quadro *O quebra-pedras*, de 1849, do pintor Gustave Courbet, é possível reconhecer o intuito da pintura realista, que se contrapõe ao caráter grandioso e épico das imagens e temas do Romantismo. Nesse quadro, observa-se como a temática busca retratar um sujeito comum, marginalizado pelas condições burguesas do mundo capitalista, e também como o tratamento dado ao tema é mais voltado para uma arte que procura se aproximar do real em vez de “corrigi-lo” de modo idealizado.



GUSTAVE, Courbet. *O quebra-pedras*. 1849. Óleo sobre tela. 45 x 54,5 cm. Coleção Particular.

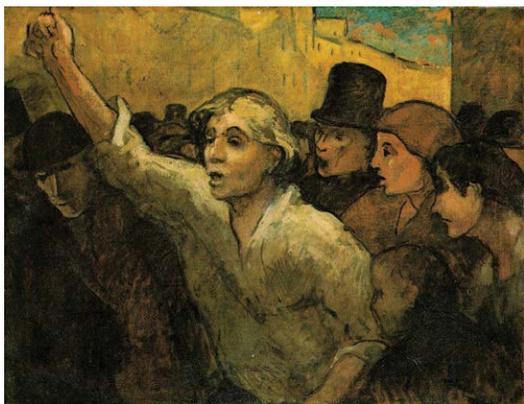
Se o Romantismo se ocupou em registrar – ou recriar – movimentos históricos de cunho nacionalista, o Realismo se ocupou em retratar a cena cotidiana, comum, muitas vezes representativa de uma nova ordem social decorrente da industrialização. Os camponeses, os operários e a gente pobre que compõe as massas urbanas passaram a protagonizar as pinturas, substituindo os monarcas, os nobres e os burgueses dos estilos anteriores.

Os quadros do francês Jean-François Millet são marcados por representarem, sobretudo, os trabalhadores rurais: fiadeiras, lavradores, lavadeiras ribeirinhas, pastores. Essa escolha, contudo, não agride o público burguês. Pelo contrário, as paisagens campestres e os efeitos de luz recuperam o belo na arte, que, somado à pintura de camponeses inocentes e alienados, retira da cena o conteúdo político-social que poderia ter para privilegiar-lhe o aspecto poético.



MILLET, Jean-François. *Angelus*. 1857-1859. Óleo sobre tela. 55,5 x 66 cm. Museu de Orsay, França.

Ao contrário do que ocorre com Millet, Honoré Daumier não faz distinção entre o artista e o político. Pelo contrário, para ele, a imagem não é a narração de um fato, mas sim o juízo que se tece sobre ele, isto é, a arte não constitui uma representação neutra da realidade, mas sim uma opção ideológica. Nesse sentido, Daumier escolhe a ação política. O povo, em sua obra, adquire contornos heroicos, mas o “povo” de Daumier não é o mesmo dos românticos, pois o termo não diz respeito às classes irmanadas contra a tirania dos reis, nem aos nacionalistas que combatem o invasor estrangeiro. Na obra do pintor realista, o povo é a classe operária, em luta contra os burgueses que pregam a liberdade no discurso, mas que servem ao capital.



DAUMIER, Honoré. *O Levante*. 1852 - 1858. Óleo sobre tela. 88 x 113 cm. Coleção Particular.

Enquanto para Daumier, a arte é interpretação da realidade e plena de significação, para Gustave Courbet, a arte é a constatação do verdadeiro. Em sua obra, Courbet procura retratar a realidade como ela é, nem bela nem feia. Ele não idealiza as cenas que pinta (como fariam os neoclássicos), nem as dramatiza (como fariam os românticos). A maior parte de seus quadros registra um momento circunstancial, um acontecimento episódico, por vezes, pouco importante, o flagrante de um gesto cotidiano. Em *Moças à margem do Sena*, por exemplo, Courbet apresenta duas jovens fazendo a sesta às margens de um rio.



GUSTAVE, Courbet. *Moças à margem do Sena*. 1857. Óleo sobre tela. 174 x 200 cm. Museu do Pequeno Palácio, França.

As moças retratadas não são propriamente belas e não posam para o pintor. As roupas estão desalinhadas e a postura é indolente, descomposta. Tudo sugere que elas tenham sido pegas desprevenidas, como se tivessem sido surpreendidas em seu sono vespertino. Falta um eixo ordenador da visão, todos os elementos que compõem o quadro têm a mesma importância, as figuras humanas têm o mesmo peso que a paisagem natural. Não há a intenção de captar o sentimento das mulheres nem de se criar uma representação da natureza. Courbet registra o que vê.

Foi nesse contexto social e histórico que a literatura aproximou-se da ciência e buscou, nela, a base de sua estruturação. Assim, as obras literárias do Realismo e do Naturalismo transformaram-se em "tratados estético-científicos", que retomavam teorias como o positivismo de Augusto Comte, o determinismo de Taine, o evolucionismo de Charles Darwin, o socialismo científico e o materialismo histórico de Marx e Engels.

As obras realistas eram voltadas principalmente para as questões biológicas dentro de uma perspectiva social, como na concepção de Taine de que o homem era um produto do meio ou na ótica sociológica de Marx, Engels e Durkheim, ao estudarem a sociedade como um "organismo maior" formado por "organismos menores" – os homens. O Realismo se legitimou como uma escola que aponta os desvios, os conflitos e os dilemas dessa realidade urbana do tecido social, corrompida pela hipocrisia, pelas regras sociais de aparência, pelos relacionamentos por interesses, pelo casamento como contrato social e não como vínculo afetivo.

Por sua vez, o Naturalismo buscou se enveredar ainda mais pelas descobertas científicas sobre a origem dos homens e o seu lado animalesco, instintivo, constituído de uma potência natural que nem sempre conseguia ser "domesticada" pelas regras sociais; pelo contrário, fazia-se notar como forma de reação do corpo em nome das normas culturais que o convívio social insistia em impor. Com isso, os textos naturalistas prendem-se a um estudo do homem biológico, que reage ao homem social do mundo burguês; reação que se constitui por meio de "transgressões" como o incesto, a histeria, as relações homossexuais, a zoofilia, entre tantos outros tabus. A galeria de personagens grotescos, com problemas mentais ou "perversões" sexuais, nos romances naturalistas, cumpre, portanto, a função de demonstrar como o homem é vítima das próprias leis.

É importante ressaltar, aqui, que o olhar lançado sobre o comportamento humano é sempre datado, ou seja, a maneira como se descrevem e se avaliam certos comportamentos da época diz respeito a um momento específico da História. Além disso, por mais que a perspectiva dos narradores realistas e naturalistas pretenda ser objetiva, não escapa a juízos de valores, ideologias e morais algumas vezes discutíveis. Todavia, nada disso invalida o valor artístico das obras.

Assim, enquanto o Realismo esteve mais preocupado em traçar um panorama social, o Naturalismo procurou traçar um percurso mais psicológico do homem, pois teve o desejo de retratá-lo como um ser patológico, como portador de "desvios" morais condenados pela sociedade. Os livros naturalistas assemelhavam-se a tratados clínicos que refletiam sobre o homem em estado zoomórfico ou em um estágio de loucura. As obras realistas, por sua vez, preocupavam-se principalmente com a coletividade, com os aspectos sociais que perturbavam ou condicionavam a vida do ser: eram "radiografias" de uma época.

Entretanto, é desnecessário e, muitas vezes, impossível discernir traços realistas e naturalistas nas obras, já que, na maioria dos casos, eles aparecem mesclados na composição dos romances produzidos no final do século XIX.

O importante é perceber como a postura idealista, sonhadora, monárquica, religiosa e romântica da primeira metade do século foi substituída por um discurso verossímil, cientificista, clínico, antiburguês, republicano, anticlerical e cético pelos escritores do Realismo e do Naturalismo.

A queda da Monarquia, a instauração da República e o fim da escravidão são alguns dos fatores históricos que exemplificam a realidade brasileira perpassada por crises históricas e econômicas em fins dos oitocentos. Esse contexto se esboça nas obras literárias que deixam de retratar a nação de modo idealizado, como faziam os românticos, para abordá-la de modo mais crítico e sensato. A obra de Machado de Assis é exemplar nesse aspecto. Os primeiros trabalhos desse escritor, *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), ainda possuem características românticas, mas, a partir da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), prevalecem a sátira e a ironia à situação política e à vida social do Brasil, como se verifica em *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Memorial de Aires* (1908); *Esau e Jacó* (1904). Essa última obra faz uma leitura irônica da transição da Monarquia para a República, o que aparece representado na alegoria dos irmãos gêmeos Pedro e Paulo – Monarquia e República –, que disputam a mesma amada, Flora – o Brasil.

O ano de 1881 é eleito pelos críticos literários como o marco do Realismo e do Naturalismo no Brasil, devido, respectivamente, à publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e à edição da obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo.



Imagens da capa do romance de Machado de Assis e do protagonista Brás Cubas feitas a bico de pena por Candido Portinari.

A relevância da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* está não só no fato de ela ter instaurado o Realismo no Brasil, mas na supremacia do texto machadiano, por ter conseguido superar os próprios valores realistas divulgados na época. Machado de Assis criou uma das obras mais revolucionárias do século XIX, dotada de uma ousadia estética que inaugurou a modernidade da linguagem literária brasileira, ao propiciar um novo formato ao gênero do romance, que até então era mais voltado para o entretenimento das famílias burguesas. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado satiriza essa postura ingênua do público e da linguagem do Romantismo (principalmente por meio do diálogo irônico com as leitoras românticas e com os leitores ingênuos, sedentos por um enredo linear e por cenas de ciúme, traição e desengano amoroso).

Leia, a seguir, um fragmento do primeiro capítulo dessa obra:

## CAPÍTULO 1

### Óbito do Autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. p. 1. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000167.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019. [Fragmento]

Nessa passagem, em que o autor se coloca não como “autor defunto”, mas um “defunto autor”, há um elemento fundamental para o entendimento da perspectiva literária do Realismo. Se um autor vivo, necessariamente, lançaria um olhar parcial sobre a realidade, o “defunto autor” de Machado de Assis, dispensado de respeitar as regras do convívio social, está livre para dizer o que desejar, sem que as consequências de seus dizeres lhe atinjam. Além disso, tendo já encerrado o ciclo de sua vida, é capaz de olhar para o mundo com maior distanciamento. O “defunto autor” machadiano tem, assim, maior poder de investigação sobre a sociedade e seu comportamento.

Contudo, o mais curioso na produção machadiana é a crítica aos discursos científicos cultuados pelos autores realistas-naturalistas. No enredo de *Brás Cubas*, isso se comprova na paródia ao determinismo social – concepção de que o homem é produto do meio –, na criação do “emplasto Brás Cubas” ou na apresentação que o narrador-personagem faz da família (um estrume) que o gerou (uma “flor” – claro que ironicamente, pois era tão estrume quanto a família e a sociedade que o originaram e o cercavam). A vantagem de ser um autor-defunto permite a Brás Cubas retirar a “máscara” que a sociedade impõe aos que nela vivem e que dela se sustentam. Surge, então, o autorretrato do narrador: um ser egoísta, ganancioso, fútil, interesseiro, perverso, ou seja, um homem que reproduz o mundo burguês medíocre, hipócrita, vaidoso, que se submete a várias restrições pelos jogos de aparência e pelas relações de interesses.

Brás Cubas, como defunto, satiriza não só a si mesmo e aos que com ele conviveram, mas também a quem o lê. Ser defunto também propicia ao narrador a vantagem de não ter de escrever para agradar ao público, pois não há a necessidade de vender os livros para o seu sustento, e ele nem mesmo precisa atender aos desejos estéticos da época ou às expectativas da crítica para atingir a fama. É por isso que Brás Cubas “ofende” o leitor ingênuo, romântico, e demonstra que escreve para si mesmo e não para os outros, como anuncia não só no prefácio (“A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote e adeus.”), mas também em vários outros trechos, como no capítulo XCVIII (“Estou com vontade de suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as tuas, leitor pacato.”) ou até mesmo no capítulo LXXI (“Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor.”).

O diálogo sarcástico com o leitor e a crítica de Machado ao mundo burguês e ao discurso cientificista estão presentes também em *Quincas Borba* e nos livros de contos publicados pelo autor. Exemplo célebre da narrativa machadiana mais breve é *O alienista*. Nesse conto, o protagonista Simão Bacamarte, um renomado médico, deseja descobrir a cura da loucura. Interna vários habitantes da cidade em uma clínica para, no final do texto, perceber que o verdadeiro louco da cidade era ele mesmo. Ou seja, Machado sarcasticamente demonstra como o alienista (médico) era o maior dos alienados (louco). Situação análoga a essa ocorre em *Quincas Borba*, romance que também coloca uma personagem (Quincas Borba) capaz de criar uma filosofia (o Humanitismo), com a qual explicaria todas as razões sociais e promoveria a perpetuação de seu saber.

Isso, no entanto, não ocorre, pois seu único discípulo, Rubião, nunca havia entendido a filosofia, ainda que a exemplificasse, pois era um “organismo fraco”, um vencido, que seria explorado por toda a sociedade, fazendo dos outros “vencedores” às suas custas.

Além de tais obras extremamente significativas, outro romance fundamental nesse período, de autoria de Machado de Assis, é *Dom Casmurro*, narrado por Bentinho, já na velhice, procedimento próximo ao do “defunto autor” de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Tal obra é a versão do narrador sobre sua história de amor vivida com Capitu. Ao longo da narrativa, Bentinho pretende culpar sua antiga esposa por uma suposta traição, junto a Escobar, amigo do narrador no passado. Entretanto, a parcialidade da narrativa de Bentinho coloca em questão a veracidade de seu relato. Soma-se a isso o fato de que a memória impede ao narrador a recuperação dos fatos em sua verdade. A respeito, leia o seguinte fragmento do romance:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. p. 2. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000194.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019. [Fragmento]

Se o passado do narrador é uma lacuna no meio da memória, tudo em sua narrativa é discutível. Assim, todo o relato de Bentinho é como a tinta que visa esconder a cor esbranquiçada da barba: porque todos os fatos, tal como ocorreram, faltam, e o narrador do presente da narrativa necessariamente inventa histórias sobre as histórias ausentes. A própria narrativa já não se sustenta como verdadeira, portanto. O enigma da suposta traição de Capitu não se resolve, justamente, por isso.

## NATURALISMO

Se Machado de Assis foi o autor realista mais significativo do Brasil, Aluísio Azevedo afirmou-se como o grande nome do Naturalismo. Seguindo as lições do português Eça de Queiroz e do francês Émile Zola, Aluísio Azevedo produziu três obras que o eternizaram na literatura brasileira: *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890).

Mesmo com a excelente repercussão de *O mulato* e de *Casa de pensão*, foi com a obra *O cortiço* que Azevedo se immortalizou como o maior escritor do Naturalismo brasileiro. Nos fragmentos a seguir, o narrador apresenta o cenário no qual a trama é ambientada:

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

[...] O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

33. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 30-36. [Fragmento]

O cientificismo do livro, baseado na concepção do romance-tese divulgado pelos naturalistas, pode ser identificado no vocabulário utilizado pelo narrador para descrever o ambiente. Expressões da biologia, como “geração espontânea”, são empregadas para retratar o surgimento progressivo das pessoas no cortiço – cenário em putrefação, “lama”, que gera seres também putrefatos: eis a comprovação da tese de que o homem é produto do meio. Isso justifica o caráter asqueroso com que os lugares e as pessoas são apresentados. Homens e mulheres são tão explorados, marginalizados e aculturados, que parecem regressar a um estado de animalidade, de zoomorfização.

Não só em *O cortiço*, mas também nas demais obras de Aluísio Azevedo e dos outros escritores do final do século XIX podem ser facilmente percebidas algumas tendências naturalistas, que resultam de uma forte influência do escritor francês Émile Zola, tais como: linguagem descritiva e cientificista (que se baseia nos trabalhos psicanalíticos da época sobre a histeria, nas teorias de Darwin sobre a evolução ou nos estudos de Pasteur sobre a geração espontânea); zoomorfização das personagens; construções de cenas grotescas; descrições de “desvios” de caráter (já que, além de animalizado, o homem é um ser em estado patológico); concepção de que o ser humano é produto do meio (o caso de Pombinha, em *O cortiço*, é o melhor exemplo para isso, tendo em vista o fato de a moça pura ter se “corrompido” e “degenerado” graças ao meio promíscuo que a cercava, o que a levou a se tornarlésbica e prostituta).

Além dos romances de Azevedo, o Naturalismo na literatura brasileira também é exemplificado pelos trabalhos de Júlio Ribeiro (*A carne* e *Padre Belchior de Pontes*), de Domingos Olympio (*Luzia-homem*) e de Inglês de Souza (*O missionário* e *Contos amazônicos*).

Outro significativo romance produzido no final do século XIX é a obra *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia. Nesse romance, há elementos não só naturalistas e realistas, mas também impressionistas. O livro marcou-se, portanto, como o introdutor do impressionismo na literatura brasileira. *O Ateneu* é um dos mais belos e bem estruturados romances de fins do século XIX. Nele, Raul Pompéia retrata a existência humana por meio das leis e dos episódios vivenciados em um internato chamado “Ateneu”: espaço que pode ser considerado um microcosmo que espelha a sociedade (macrocosmo). A personagem Sérgio, narradora e protagonista do livro, abre as suas memórias com a fala de seu pai, anunciando-lhe o que ocorreria a partir de sua entrada naquela instituição. Ao longo da obra, tem-se a reflexão do narrador cotejando as palavras do pai com o que realmente vivenciara no Ateneu.

“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta!”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma só. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 23. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 21-22. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000297.pdf>>. [Fragmento].

Diferentemente da infância ingênua e angelical retratada pelos românticos, como exemplifica o poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, em *O Ateneu*, há outra visão sobre esse estágio da vida. Se a ótica romântica idealiza a infância como um paraíso da inocência, Raul Pompéia demonstra como esse estágio da vida em um internato encontra-se repleto de desilusões, transgressões sexuais, jogos de interesses, supremacia do mais forte que se impõe aos novatos e aos mais frágeis, transformando-os em “namoradas”. O narrador adulto Sérgio, ao fazer uma análise de seu passado no Ateneu e também de seu presente, emprega uma linguagem de matiz impressionista, o que pode ser exemplificado nos trechos finais em que descreve a vida como uma paisagem que, a cada momento, recebe diferentes “colorações”, “impressões”.

## RELEITURAS

O Realismo e o Naturalismo, apesar de serem estilos literários predominantes em um período específico, não se reduzem a apenas um momento histórico. Quando se diz que um texto, um filme ou uma pintura possuem estilo e linguagem realistas, pode-se estar se referindo ao estilo de uma época correspondente à segunda metade do século XIX, em que se situam as obras de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo. Porém, para além do período histórico em questão, a linguagem realista, marcada ou não por elementos naturalistas, tende a permanecer até os dias atuais, seja na literatura ou no cinema, sem que com isso se tenha de dizer que vivemos, hoje, ainda em um período literário Realista ou Naturalista.

Reduzidos aos seus elementos essenciais, como se possível fosse destacá-los da história, o Realismo e o Naturalismo seriam a técnica de preservar uma forma verossímil de realidade no texto ficcional, porque a linguagem realista, em última instância, é aquela que pretende criar a ilusão de que o que se lê, observa ou assiste no campo ficcional corresponde fielmente à realidade. Realismo, nesse sentido, seria a linguagem próxima da realidade. Quanto ao Naturalismo, sobreviveria ainda hoje em obras em que se busca exibir certa crueza na realidade, como o faz o cinema brasileiro contemporâneo quando procura mostrar, até o limite do mal-estar, as realidades violentas e precárias nas comunidades marginalizadas e nos presídios. Exemplos de filmes contemporâneos em que se mostra o estilo realista com traços de crueza naturalista são: *Carandiru – o filme*, de 2003, de Héctor Babenco, filme que se baseia no livro *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varela, e *Cidade de Deus*, de 2002, adaptado para o cinema por Fernando Meirelles, a partir do livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. As obras literárias em que tais filmes se baseiam têm, ambas, linguagem realista com cenas de crueza naturalista.

Na literatura modernista, a geração de 1930, em que se inserem autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, foi também conhecida como geração Neorealista. Nas obras desses autores, os pressupostos literários do Realismo são retomados, porém com algumas variações, como a densidade psicológica conferida às personagens. Observe, a seguir, um fragmento do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, publicado em 1936, em que três personagens – o protagonista Luís da Silva, um funcionário público e escritor frustrado; Moisés, um homem judeu; e seu Ivo, um homem iletrado – dialogam sobre a realidade brasileira da época:

– História! Esta porcaria não endireita. Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso. Estão encolhidos, homem. E os camponeses votam com o governo, gostam do vigário. O que eu queria era convencer-me de que não tinha razão. Desejava que Moisés estirasse argumentos e que seu Ivo se revoltasse.

– Números. Nada de tapeação. Estatística. O judeu falava em milhões de desempregados, em consciência de classe, voltava-se para seu Ivo, que não compreendia a língua dele:

– Não entendo. Vossemecês são brancos, lá se arrumem.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1993. p. 47. [Fragmento]

Nesse romance, evidencia-se a linguagem verossímil do Realismo, em que se busca correspondência entre o texto e a realidade social de uma época, com o intuito de criticá-la. A clareza e a objetividade linguística, típicas da obra de Graciliano, são heranças da linguagem da segunda metade do século XIX, retrabalhada, entretanto, à maneira do autor.

Já na década de 1970, o estilo realista com traços naturalistas apresenta-se na obra de Rubem Fonseca. O autor inaugura, em 1975, uma corrente literária a que o crítico Alfredo Bosi denominará Brutalista. No conto “Feliz ano novo”, de 1975, o narrador, um assaltante, assim relata, de maneira violenta e brutal, um de seus assaltos:

Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e não deu logo? O Pereba tava atrasado. Além de fudida, mal paga.

Limpei as joias. A velha tava no corredor, caída no chão. Também tinha batido as botas. Toda penteada, aquele cabelão armado, pintado de louro, de roupa nova, rosto encarquilhado, esperando o ano novo, mas tava mais pra lá do que pra cá. Acho que morreu de susto. Arranquei os colares, broches e anéis. Tinha um anel que não saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha.

FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 369. [Fragmento]

A linguagem empregada nesse conto procura representar a oralidade correspondente à fala do assaltante, que narra a história. A violência da descrição de seus atos, pelo próprio narrador-personagem, remonta às narrativas de Aluísio de Azevedo. Porém, em Rubem Fonseca, o contexto narrativo é atualizado na cidade contemporânea. Uma diferença entre os romances naturalistas e a prosa de Rubem Fonseca é: nos romances naturalistas, há um propósito de comprovação da tese de que o homem é fruto de seu meio; em Rubem Fonseca, esse projeto cientificista está ausente. Há, na obra de Fonseca, antes, um modelo literário entre crítica da realidade contemporânea e entretenimento, marca sobretudo das narrativas brasileiras da década de 1980.



1KKB

### Realismo e Naturalismo

Esses dois grandes estilos literários do século XIX são trabalhados nessa videoaula, que fala também sobre o contexto histórico desse período.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

## 01. (UFAL)

O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno.

O fragmento anterior pertence ao romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

- A) A descrição da personagem exemplifica um típico recurso do movimento literário a que se filiou o autor. Que movimento foi esse e qual o recurso aqui adotado?
- B) Exemplifique, com duas expressões retiradas do texto, a resposta que você deu ao item anterior.

02. (Unicamp-SP) Os trechos a seguir foram extraídos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

"Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um *duo* terníssimo, depois um *trio*, depois um *quatuor*..."

"Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas."

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.  
Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 213.

- A) Como a narrativa de Bento Santiago pode ser relacionada com a afirmação de que a verossimilhança é "muita vez toda a verdade"?
- B) Considerando essa relação, explicita o desafio que o segundo trecho propõe ao leitor.

## 03. (FUVEST-SP-2015) Responda ao que se pede.

- A) Qual é a relação entre o "sistema de filosofia" do "Humanitismo", tal como figurado nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e as correntes de pensamento filosófico e científico presentes no contexto histórico-cultural em que essa obra foi escrita? Explique resumidamente.
- B) De que maneira, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, são encaradas as correntes de pensamento filosófico e científico de grande prestígio na época em que o romance foi escrito? Explique sucintamente.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (Insper-SP-2016) – Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*.  
Rio de Janeiro: Garnier, 1998.

Nessa passagem do romance machadiano, Quincas Borba explica ao amigo Rubião, por meio de uma alegoria, a base da filosofia humanitista. Na obra de Machado como um todo, o Humanitismo pode ser visto como uma

- A) valorização do racionalismo da Escolástica.
- B) sátira ao discurso cientificista do século XIX.
- C) crítica à crença de que a morte é libertadora.
- D) confirmação do "bom selvagem" de Rousseau.
- E) demonstração da ineficácia das guerras.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder as questões 02 e 03.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Azevedo, Aluísio. *O cortiço*. [Fragmento]

02. (FUVEST-SP) Considere as seguintes afirmações, relacionadas ao excerto de *O cortiço*:
- O sol, que, no texto, se associa fortemente ao Brasil e à “pátria”, é um símbolo que percorre o livro como manifestação da natureza tropical e, em certas passagens, representa o princípio masculino da fertilidade.
  - A visão do Brasil expressa no texto manifesta a ambiguidade do intelectual brasileiro da época em que a obra foi escrita, o qual acatava e rejeitava a sua terra, dela se orgulhava e envergonhava, nela confiava e dela desesperava.

III. O narrador aceita a visão exótico-romântica de uma natureza (brasileira) poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista.

Aplica-se ao texto o que se afirma em

- |                       |                      |
|-----------------------|----------------------|
| A) I, somente.        | D) I e III, somente. |
| B) II, somente.       | E) I, II e III.      |
| C) II e III, somente. |                      |

03. (FUVEST-SP) Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a
- desvalorização da mestiçagem brasileira.
  - promoção da música a emblema da nação.
  - desconsideração do valor do trabalho.
  - crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
  - tendência ao antilusitanismo.

04. (Insper-SP-2016)

#### I Adagio Cantabile

Maria Regina acompanhou a avó até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. A mucama que a servia, apesar da familiaridade que existia entre elas, não pôde arrancar-lhe uma palavra, e saiu, meia hora depois, dizendo que Nanhã estava muito séria. Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dous homens ao mesmo tempo, um de vinte e sete anos, Maciel – outro de cinquenta, Miranda. Convenho que é abominável, mas não posso alterar a feição das cousas, não posso negar que se os dous homens estão namorados dela, ela não o está menos de ambos. Uma esquisita, em suma; ou, para falar como as suas amigas de colégio, uma desmiolada. Ninguém lhe nega coração excelente e claro espírito; mas a imaginação é que é o mal, uma imaginação adusta e cobiçosa, insaciável principalmente, avessa à realidade, sobrepondo às cousas da vida outras de si mesma; daí curiosidades irremediáveis.

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

O excerto anterior é a abertura do conto “Trio em lá menor”, no qual se podem identificar, através da descrição do perfil da protagonista, traços marcantes da obra machadiana, como o(a)

- ênfase na crítica corrosiva aos interesses fúteis da elite brasileira.
- tom confessional do narrador que explicita a ficcionalidade da trama.
- ruptura da linearidade narrativa com inserções de caráter reflexivo.
- visão materialista de mundo, a qual despreza dramas existenciais.
- presença de imagens plásticas que desnudam a hipocrisia das personagens.

05.  
U911

(FGV-RJ–2015) Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Pode-se apontar, no texto, a contradição, que repercute na obra a que ele pertence, entre

- A) o discurso ostensivamente racional e as alegações incompatíveis com a esfera da razão.
- B) o tom elevado, solene, e o vocabulário de caráter oral-popular.
- C) a evidente filiação do narrador ao Espiritismo e sua referência ao Velho Testamento.
- D) o caráter clássico da erudição do narrador e o romantismo de sua demanda de originalidade.
- E) a frieza analítica da argumentação e a intensidade emocional do conteúdo nela veiculado.

06. (UEFS-BA–2016) Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao Sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado, cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeioavam lajedos a ponta de picão; mais adiante, faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, medi-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao Sol, erguia-se altaneira e desassomburada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinamente lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 44.

De acordo com as ideias passadas pelo fragmento de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, os homens que trabalham na pedreira

- A) representam a escória humana, que desrespeita a natureza e não tem consciência da degradação ambiental que está gerando.
- B) simbolizam a força do proletariado do século XIX, a sua consciência coletiva e a sua luta por melhores condições de trabalho.
- C) metaforizam a imagem do próprio demônio na medida em que assumem posturas inconsequentes e ignorantes diante de seu próprio *habitat*.
- D) funcionam como produto do meio, referendando a tese de que se tornam tão poderosos e impassíveis à vida quanto a própria pedra que tentam destruir.
- E) integram os trabalhadores braçais que, em sua representação coletiva, são vistos como animais brutais, de ações repetitivas, tentando inutilmente vencer a imponente pedra.

07.  
25C7

(FUVEST-SP–2015) E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traioeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseia-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só não se encontra a

- A) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
- B) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
- C) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
- D) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
- E) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

**08.** (FUVEST-SP-2015)

**Capítulo CVII**

**Bilhete**

“Não houve nada, mas ele suspeita alguma cousa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

**Capítulo CVIII**

**Que se não entende**

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Atente para o excerto, considerando-o no contexto da obra a que pertence. Nele, figura, primeiramente, o bilhete enviado a Brás Cubas por Virgília, na ocasião em que se torna patente que o marido da dama suspeita de suas relações adúlteras. Segue-se ao bilhete um comentário do narrador (cap. CVIII). Feito isso, considere a afirmação que segue:

No excerto, o narrador frisa aspectos cuja presença se costuma reconhecer no próprio romance machadiano da fase madura, entre eles,

- I. o realce da argúcia, da capacidade de exame acurado das situações e da firmeza de propósito, ainda quando impliquem malignidade.
- II. a relevância da observação das relações interpessoais e dos funcionamentos mentais correspondentes.

III. a operação consciente dos elementos envolvidos no processo de composição literária: narração, personagens, motivação, trama, intertextualidade, recepção etc.

Está correto o que se indica em

- A) I, somente.
- B) II, somente.
- C) I e II, somente.
- D) II e III, somente.
- E) I, II e III.

**09.** (UNIFESP) Considere o trecho de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Uma aluvião de cenas, que ela [Pombinha] jamais tentara explicar e que até ali jaziam esquecidas nos meandros do seu passado, apresentavam-se agora nítidas e transparentes. Compreendeu como era que certos velhos respeitáveis, cuja fotografia Léonie lhe mostrou no dia que passaram juntas, deixavam-se vilmente cavalgar pela loureira, cativos e submissos, pagando a escravidão com a honra, os bens, e até com a própria vida, se a prostituta, depois de os ter esgotado, fechava-lhes o corpo. E continuou a sorrir, desvanecida na sua superioridade sobre esse outro sexo, vaidoso e fanfarrão, que se julgava senhor e que, no entanto, fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino; escravo ridículo que, para gozar um pouco, precisava tirar da sua mesma ilusão a substância do seu gozo; ao passo que a mulher, a senhora, a dona dele, ia tranquilamente desfrutando o seu império, endeusada e querida, prodigalizando martírios, que os miseráveis aceitavam contritos, a beijar os pés que os deprimiam e as implacáveis mãos que os estrangulavam.

– Ah! homens! homens! ... sussurrou ela de envolta com um suspiro.

No texto, os pensamentos da personagem

- A) recuperam o princípio da prosa naturalista, que condena os assuntos repulsivos e bestiais, sem amparo nas teorias científicas, ligados ao homem que põe em primeiro plano seus instintos animalescos.
- B) elucidam o princípio do determinismo presente na prosa naturalista, revelando os homens e as mulheres conscientes dos seus instintos em função do meio em que vivem e, sobretudo, capazes de controlá-los.
- C) trazem uma crítica aos aspectos animalescos próprios do homem, mas, por outro lado, revelam uma forma de Pombinha submeter muitos deles para obter vantagens: eis aí um princípio do Realismo rechaçado no Naturalismo.
- D) constroem uma visão de mundo e do homem idealizada, o que, em certa medida, afronta o referencial em que se baseia a prosa naturalista, que define o homem como fruto do meio, marcado pelo apelo dos seus sentidos.
- E) consubstanciam a concepção naturalista de que o homem é um animal, preso aos instintos e, no que diz respeito à sexualidade, vê-se que Pombinha considera a mulher superior ao homem, e esse conhecimento é uma forma de se obter vantagens.

## SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2015) Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito.

POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Scipione, 2005.

Ao descrever o Ateneu e as atitudes de seu diretor, o narrador revela um olhar sobre a inserção social do colégio demarcado pela

- ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais.
- interferência afetiva das famílias, determinantes no processo educacional.
- produção pioneira de material didático, responsável pela facilitação do ensino.
- ampliação do acesso à educação, com a negociação dos custos escolares.
- cumplicidade entre educadores e famílias, unidos pelo interesse comum do avanço social.

02. (Enem)

## Capítulo LIV

## A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida.

Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre as outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. [Fragmento]

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque

- o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

03. (Enem) Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram líbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

AZEVEDO, A. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1983. [Fragmento]

No romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, as personagens são observadas como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois

- A) destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
- B) exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
- C) mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
- D) destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
- E) atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.

**04.** (Enem) Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade. Eu fiz-lhe ainda algumas objeções, mas tão frouxas, que ele não gastou muito tempo em destruí-las.

– Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executadas com o único fim de dar mate ao meu apetite.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

A filosofia de Quincas Borba – a Humanitas – contém princípios que, conforme a explanação do personagem, consideram a cooperação entre as pessoas uma forma de

- A) lutar pelo bem da coletividade.
- B) atender a interesses pessoais.
- C) erradicar a desigualdade social.
- D) minimizar as diferenças individuais.
- E) estabelecer vínculos sociais profundos.

## GABARITO

Meu aproveitamento 

### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01.

- A) O autor, ao utilizar o recurso da comparação, reduz a personagem ao nível animal, como é típico do Naturalismo.
- B) As expressões são “crina (cabelo) preta” e “como éguas selvagens”.

02.

- A) Em *Dom Casmurro*, Bento Santiago acusa a mulher, Capitu, de o haver traído com seu amigo Escobar, tendo por base apenas indícios, mas nenhuma prova concreta. Assim, basta ser verossímil a suspeita de que Capitu o traiu para que a tome por verdadeira.
- B) O livro de Bento Santiago é, segundo suas próprias palavras, omissivo. Nesse sentido, o segundo trecho não apenas desafia o leitor a tirar suas próprias conclusões a respeito dos fatos narrados, como também o adverte de que, quaisquer que sejam essas conclusões, elas serão apenas conjeturas que procuram completar as lacunas do livro e, por isso mesmo, podem levar diferentes leitores a conclusões opostas.

03.

- A) O Humanismo apresenta-se como uma ideologia superior a todas as demais. Machado de Assis a incorpora em sua obra como deboche às correntes filosóficas de seu tempo, como o Evolucionismo e o Positivismo, todas de caráter racional, privilegiando a razão humana. Como exposto por Quincas Borba, o Humanismo defende a ideia de que “Vida é luta”, portanto somente os mais aptos, os mais fortes sobreviverão, logo “ao vencedor, as batatas”; vê-se aí uma crítica direta ao Darwinismo. Outra crítica do autor está em o Humanismo pregar que somente o conhecimento científico deve ser considerado – dispensam-se as crenças religiosas –, uma crítica direta ao Positivismo.
- B) Na obra, veem-se características claras do Naturalismo: as personagens são zoomorficadas e reféns de desejos sexuais; relação ao Darwinismo. O romance também serve ao autor como uma comprovação da tese de que apenas os mais aptos sobrevivem – a personagem de João Romão –; aqui há uma alusão ao Experimentalismo. Por fim, também podem ser identificados traços do Determinismo na obra: o homem é um produto do meio e do tempo em que vive, bem como de sua raça; assim todas as suas ações, escolhas, decisões estariam predeterminadas.

### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- |                             |                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| <input type="radio"/> 01. B | <input type="radio"/> 04. C | <input type="radio"/> 07. E |
| <input type="radio"/> 02. E | <input type="radio"/> 05. A | <input type="radio"/> 08. E |
| <input type="radio"/> 03. C | <input type="radio"/> 06. E | <input type="radio"/> 09. E |

### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- |                             |                             |                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| <input type="radio"/> 01. A | <input type="radio"/> 02. D | <input type="radio"/> 03. C | <input type="radio"/> 04. B |
|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Parnasianismo e Simbolismo

### PARNASIANISMO

O Parnasianismo foi uma corrente literária do final do século XIX que procurou recusar o Romantismo de tradição medieval e resgatar os conceitos clássicos da arte greco-romana, baseados no racionalismo, no equilíbrio e na contenção da forma. Como a arte parnasiana versa muito sobre a sua própria construção, há, em suas realizações, um forte caráter metalinguístico.

Os poemas têm como temática a busca de uma poesia bela e perfeita como uma escultura clássica, tão geométrica como um templo grego. Por isso, o poeta parnasiano associava-se à imagem de um **escultor** ou de um **ourives**, que burila a poesia, esculpe os versos e as estrofes até atingir a **forma plena**, a “arquitetura” mais adequada para o poema, que deveria ser construído em nome da perfeição formal.

Devido a esse forte aspecto metalinguístico, os críticos denominaram a produção parnasiana de uma estética da **arte pela arte**. Para alcançar a perfeição, o poeta deveria exilar-se da realidade mundana e viver enclausurado em sua “Torre de Marfim”, na qual se dedicaria ao seu duro labor de poeta que busca as “Belas Letras”, o vocabulário nobre (o que explica a presença de expressões latinas e francesas), a construção sintática erudita e as alusões constantes à mitologia grega.

As artes parnasianas, dentre elas a literatura, partilhavam, como características, o gosto pela forma, a sobriedade, o equilíbrio e a proporção, remetendo aos valores da Antiguidade Clássica.

O Partenon, antigo templo grego dedicado à deusa Atena, é uma estrutura arquitetônica iniciada por volta de 448 a.C., em Atenas, cujos valores estéticos serviram de modelo para a poesia parnasiana:



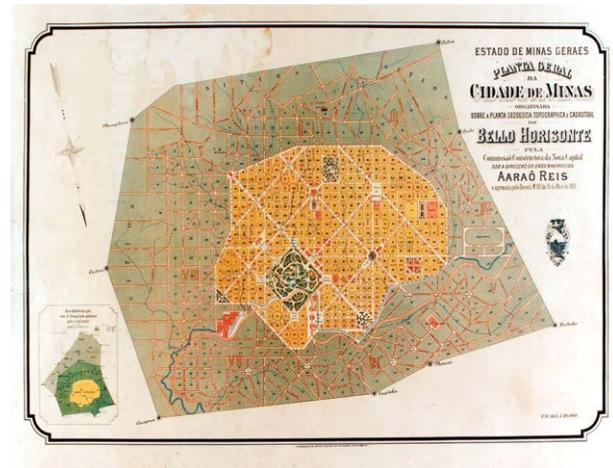
Partenon.

Os seguintes versos de Olavo Bilac, por exemplo, explicitam uma concepção poética do diálogo parnasiano com as artes da Antiguidade Clássica: “De tal modo que a imagem fique nua, / Rica mas sóbria, como um templo grego”. (GONZAGA, Tomás Antônio. *Poemas De Olavo Bilac* – Seleção de Poemas. São Paulo: Melhoramentos, 2014. Clássicos Melhoramentos).

Pode-se dizer que a arquitetura neoclássica, expressa, no plano artístico, algumas das características da poesia parnasiana. Vários prédios construídos no Brasil no início do século XX seguiram essa concepção estética. Tente observar como isso é notório nas formas lisas das fachadas, nas colunas das entradas dos edifícios, no formato retangular e triangular das linhas das construções.

Como exemplos da manifestação desse estilo, podem ser citadas a construção da capital mineira, Belo Horizonte, projetada pelo engenheiro Aarão Reis entre 1894 e 1897, e a reforma urbana do Rio de Janeiro, conduzida pelo prefeito Pereira Passos entre 1903 e 1906, ambas inspiradas no projeto urbanístico de Paris.

Nos dois casos, o conceito de modernidade era valorizado: procurava-se livrar as cidades de seus aspectos provincianos e / ou das memórias coloniais. Outras diretrizes dos projetos apoiavam-se na preocupação não só com a higiene, mas também com a circulação de pessoas e de mercadorias. Observe a planta da cidade de Belo Horizonte e procure perceber como o equilíbrio geométrico, a simetria e a proporção – característicos da arquitetura neoclássica – eram contemplados pelos idealizadores do planejamento urbano e empregados com objetivos utilitários:



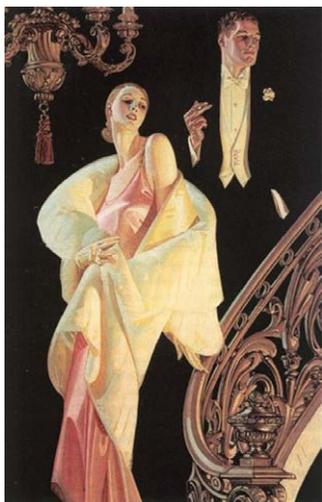
Planta da cidade de Belo Horizonte.



Vinicius Depizzol / Creative Commons

Edifício dos primórdios da capital mineira. Apesar do predomínio das colunas retas, os detalhes são extremamente ornamentados. O contraste entre sobriedade e preciosismo, encontrado no texto parnasiano, também se manifestou na arquitetura.

Uma das manifestações artísticas em voga no final do século XIX e no início do século XX foi o movimento chamado *Art Nouveau*, que procurou uma concepção de beleza na exuberância da linguagem, inclusive visual. O *Art Nouveau* promoveu o detalhismo e o culto à ornamentação em diferentes setores, como na decoração, no *design* gráfico, na joalheria e no mobiliário. É fácil identificar tal estilo, principalmente em luminárias, objetos de decoração, escadarias, desenhos de papéis de parede, rótulos e cartazes de propaganda. Desse modo, ainda que pregassem a sobriedade e a linearidade por um lado, por outro, os poetas e os artistas possuíam um gosto eternamente decorativista e ornamental, responsável por produzir textos, quadros e construções arquitetônicas constituídos por inúmeros arabescos. Se, no exterior dos prédios, há toda uma formalidade e sobriedade que retoma o Partenon, nos objetos decorativos do interior há inúmeras estatuetas que retomam a mitologia feitas com excessivos detalhes. As ilustrações seguintes são bons exemplos da ornamentação cultuada pelo *Art Nouveau*:



Joseph Christian Leyendecker

Ilustração de Joseph Christian Leyendecker: *Couple Descending Stairs (Arrow Collar Advertisement)*. Observe o detalhismo da escada e do lustre, bem ao gosto do *Art Nouveau*.



Divulgação

Propaganda da Companhia Nacional de Tabacos na primeira década do século XX. Exemplo de *Art Nouveau* na publicidade brasileira.

Ainda que aparentemente opostas, a retomada da sobriedade dos clássicos e a ornamentação da *Art Nouveau* sintetizam o que é considerado o “bom gosto” aristocrático e burguês do final do século XIX e do início do XX, período denominado de *Belle Époque*.

Na literatura, o Parnasianismo brasileiro ficou consagrado no trabalho de três autores: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac (o “Príncipe dos poetas”), que se encontram retratados da esquerda para a direita na seguinte imagem:



Autor desconhecido / Domínio Público

Os mais famosos versos parnasianos são de Bilac, que, em “Profissão de fé”, traçou as diretrizes da poética parnasiana:

### Profissão de fé

[...]  
 Invejo o ourives quando escrevo:  
 Imito o amor  
 Com que ele, em ouro, o alto relevo  
 Faz de uma flor.  
 [...]

Torce, aprimora, alteia, lima  
 A frase; e, enfim,  
 No verso de ouro engasta a rima,  
 Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,  
 Dobrada ao jeito  
 Do ourives, saia da oficina  
 Sem um defeito:  
 [...]  
 E horas sem conto passo, mudo,  
 O olhar atento,  
 A trabalhar, longe de tudo  
 O pensamento.

Porque o escrever – tanta perícia,  
 Tanta requer,  
 Que ofício tal... nem há notícia  
 De outro qualquer.

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed.  
 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 5-6. [Fragmento]

A partir da leitura do poema de Bilac, é possível traçar as diretrizes dos parnasianos:

- O caráter metalinguístico: escreve-se a respeito do próprio ato da escrita, da reflexão sobre a poesia e do papel do poeta.
- Comparação do poeta a um ourives que irá esculpir uma "joia": a poesia.
- Concepção de que essa "joia" deva exibir uma pedra preciosa: o "rubim" da rima (observe como o poema é todo estruturado por rimas alternadas ABAB).
- A busca da perfeição formal: "que a estrofe cristalina saia da oficina sem nenhum defeito".
- A representação da poesia como um exercício árduo, que mescla a inspiração, a genialidade, com o trabalho persistente, que é o labor literário em busca da melhor expressão: "Torce, aprimora, alteia, lima a frase".
- A imagem aurática do poeta: um ser dotado de uma genialidade que o leva a se exilar do convívio mundano, ficar "longe de tudo" para concretizar seu ofício poético.
- A sacralização da poesia: "ofício" mais digno que "qualquer outro".

O Parnasianismo constituiu-se como uma retomada da Antiguidade Clássica, pois a poesia deveria ter a sobriedade, a forma linguística apurada, retilínea, nobre. Entretanto, mesmo que se proclamassem "sóbrios como templos gregos", os parnasianos produziram, inevitavelmente, uma linguagem extremamente ornamentada, abundante em preciosismos, erudições e rimas ricas; a poesia parnasiana se enquadra nessa "aparência" de sobriedade e de demasiado decorativismo em seu interior.

A verbosidade dos textos dos autores parnasianos foi criticada pelos autores modernistas que os sucederam. Como satirizou Oswald de Andrade, só não se inventou uma máquina de fazer versos porque "já havia os poetas parnasianos". Tal comentário evidencia como a produção parnasiana era extremamente repetitiva tanto na forma quanto na temática.

Além do tema central do Parnasianismo, que é o próprio fazer poético, os poetas dedicaram-se também a escrever sobre datas cívicas, figuras ilustres, poetas clássicos, figuras femininas e sentimentos amorosos. O soneto mais consagrado do Parnasianismo sobre a temática amorosa é o que aparece a seguir, de autoria de Olavo Bilac:

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
 Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
 Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
 E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
 A Via Láctea, como um pálio aberto,  
 Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
 Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!  
 Que conversas com elas? Que sentido  
 Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!  
 Pois só quem ama pode ter ouvido  
 Capaz de ouvir e de entender estrelas."

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed.  
 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

Nesse poema, se a forma é parnasiana, há, entretanto, marcas da estética romântica quanto ao conteúdo. Não exatamente por ter o amor como tema – fato que se repete em qualquer período histórico –, mas pelo tratamento dado à temática amorosa. Assim, para se ouvir e entender uma estrela, seria preciso ser tomado pelo sentimento amoroso, estar à beira da loucura.

Outro soneto parnasiano conhecido é "As pombas", de Raimundo Correia:

Vai-se a primeira pomba despertada...  
 Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
 De pombas vão-se dos pombais, apenas  
 Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
 Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
 Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
 Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,  
 Os sonhos, um por um, céleres voam,  
 Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
 Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
 E eles aos corações não voltam mais...

CORREIA, Raimundo. *Poesias completas*.  
 São Paulo: Ed. Nacional, 1948. p. 38.

Nesse poema, as pombas são comparadas aos sonhos, e os corações, aos pombais. Se as pombas que partem retornam todos os dias aos pombais, os sonhos não retornam ao coração, de onde partiram na juventude. Nesse sentido, é possível inferir que a infância, no poema, é o período dos sonhos por excelência.

Novamente, se a forma do poema é clássica, a temática é romântica: a infância idealizada. Lembre-se, por exemplo, dos versos "Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!", do poeta romântico Casimiro de Abreu, que, se não são explicitamente retomados pelo poema de Raimundo Correia, encontram nele alguma afinidade temática.

## SIMBOLISMO

O Simbolismo foi uma negação da arte científico-materialista, com o intuito de valorizar o plano espiritual, sensitivo, subjetivo, místico e onírico. Assim, ao invés da verossimilhança e da objetividade pregadas pelos realistas, a arte simbolista propunha apenas a **sugestão**. Evocar em vez de descrever, sugerir em vez de definir, sentir em vez de racionalizar. Tais propostas se davam não só no plano das letras, mas também no da pintura, como exemplificam os trabalhos de Gustave Moreau e Odilon Redon, dois dos principais pintores simbolistas do século XIX:



MOREAU, Gustave. *A aparição*. 1876. Óleo sobre tela, 103 x 142 cm. Museu Nacional Gustave Moreau, França.



REDON, Odilon. *A criança na esfera de luz*. 1900. Pastel sobre papel. Coleção particular.

No caso da pintura simbolista brasileira, o nome de maior destaque é o de Eliseu Visconti. Em seus trabalhos, é possível reconhecer os elementos típicos dessa estética: a tendência espiritualista, a imagem onírica perpassada pela simbologia cristã, a figura feminina associada a anjos, a transcendência da dor, além da presença de véus que sugerem a fluidez e a evanescência do ambiente místico. Suas obras e biografia podem ser consultadas no *site* oficial: <[www.eliseuvisconti.com.br](http://www.eliseuvisconti.com.br)>.

Na literatura, enquanto os parnasianos buscaram seus modelos formais no racionalismo da cultura clássica, os simbolistas tiveram outra preocupação estética, direcionada a uma escrita mais espiritualista, transcendental, de influência oriental e de cunho místico.

Na Europa do final do século XIX, principalmente na França, alguns artistas contestaram o positivismo filosófico e o cientificismo estético tão promulgados pelos autores do Realismo-Naturalismo. Inicialmente, essa reação artística contra a produção baseada na lógica, nos ideais iluministas e na concepção do progresso ficou denominada Decadentismo. Contudo, o intelectual Jean Moréas, em 1886, lançou o “Manifesto Simbolista”, no qual sugeria o nome de Simbolismo para a produção literária então promulgada pelos escritores Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e por ele mesmo. A partir daí, todos passaram a aceitar o Simbolismo como uma nova manifestação artística, com adeptos nas letras e nas artes em geral.

Desse modo, tanto a pintura quanto a literatura simbolista passaram a propagar que a produção artística deveria se constituir por meio de imagens sugestivas capazes de promover a analogia entre o eu e o mundo, entre o universo material e as sensações interiores e pensamentos. Diante da impossibilidade de delinear e definir o universo introspectivo (que nunca encontra nas palavras seus correspondentes exatos, visto que palavras e sensações são coisas distintas), os poetas sugerem imagens simbólicas que corresponderiam ao mundo etéreo que desejam representar. Por isso, não cabe ao poeta simbolista definir, especificar, delimitar, contornar, explicar, mas **evocar**. O poeta francês Mallarmé fez a seguinte afirmativa sobre a importância da sugestão na construção da poesia:

[...] referir-se a um objeto pelo seu nome é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugeri-lo, eis o que sonhamos. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo; evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e desprender dele um estado de alma por uma série de decifrações.

Apud TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 89. [Fragmento]

Além dos símbolos, a literatura simbolista explora outros recursos empregados para se buscar a “correspondência” entre o mundo imaginário do poeta e a linguagem escrita, tais como a **musicalidade** e a **sinestesia**. O poeta francês Paul Verlaine, em *Arte poética*, imortalizou a questão da sonoridade como um forte recurso simbolista por meio do verso: “**Antes de qualquer coisa, a música**”. O privilégio da sonoridade na poesia levou à valorização de figuras sonoras como as aliterações, assonâncias, ecos, rimas e paronomásias. Era o desejo dos poetas simbolistas de conseguir “traduzir” os temas por meio das palavras empregadas para representá-los.

Todas essas reflexões estéticas e ideológicas sobre a arte simbolista, divulgadas principalmente na França, chegaram ao Brasil e encontraram adeptos que fizeram delas a própria concepção artística pessoal. Dois nomes são exemplares nesse caso: o de Cruz e Sousa e o de Alphonsus de Guimaraens.

No Brasil, o Simbolismo começou a vigorar no ano de 1893, com a publicação de duas obras de Cruz e Sousa: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia). A produção do poeta brasileiro segue os preceitos estéticos dos franceses, ao explorar intensamente a musicalidade, a sinestesia e a linguagem simbólica para construir cenários etéreos e diáfanos. Cruz e Sousa, em "O emparedado", afirma que somente a visão delicada de um espírito artístico assinala os inexprimíveis segredos que vagam na luz, no ar, no som, no aroma e na cor, trazendo inéditas manifestações do indefinido, concepção que ele reitera em "Sabor": "Para mim, as palavras, como têm colorido e som, têm, do mesmo modo, sabor".



Caricatura feita por Angelo Agostini, reproduzida na Revista *Ilustrada*, que retrata Cruz e Sousa segurando sua obra *Missal*.

O poema "Antífona", primeiro da obra *Broquéis*, confirma como as concepções estéticas do Simbolismo francês foram assimiladas pelo contexto poético brasileiro. O texto é uma súplica para que os elementos etéreos, sinestésicos, sonoros, misteriosos e místicos ajudem o poeta a construir sua poética:

#### Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras  
De luas, de neves, de neblinas!...  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...  
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,  
De Virgens e de Santas vaporosas...  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,  
Harmonias da Cor e do Perfume...  
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...  
Visões, salmos e cânticos serenos,  
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...  
Dormências de volúpicos venenos  
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,  
Inefáveis, edênicos, aéreos,  
Fecundai o Mistério destes versos  
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades  
Que fuljam, que na Estrofe se levantem  
E as emoções, todas as castidades  
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros  
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...  
Que brilhe a correção dos alabastros  
Sonoramente, luminosamente.  
[...]  
Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,  
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
Passe, cantando, ante o perfil medonho  
E o tropel cabalístico da Morte...

CRUZ E SOUSA. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 63. [Fragmento]

Assim como em uma epopeia grega o *aedo* invocava as musas para que elas lhe relatassem passagens de eventos heroicos, o poema "Antífona" se faz à maneira de uma invocação, embora sua musa seja outra. Pede-se a inspiração às "formas", à "música", às "visões", aos "espíritos" e ao "sonho".

Também na obra *Broquéis*, há um poema em que se faz claro o emprego da forma poética como mecanismo de sugestão de sentidos. Atente ao ritmo e à musicalidade desse soneto, considerando seu título:

#### Dança do ventre

Torva, febril, torcicolosamente,  
numa espiral de elétricos volteios,  
na cabeça, nos olhos e nos seios  
fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!  
que convulsões, que lúbricos anseios,  
quanta volúpia e quantos bamboleios,  
que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo  
como réptil abjecto sobre o lodo,  
espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme  
de um verme estranho, colossal, enorme,  
do demônio sangrento da luxúria!

SOUSA, Cruz e. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000073.pdf>>.

O ritmo do soneto, e não apenas o sentido de suas palavras, é marcadamente erótico, pois sugere o movimento corporal da dançarina e expressa, na musicalidade, o desejo do eu lírico diante da mulher.

Outro nome significativo do Simbolismo brasileiro é Alphonsus de Guimaraens, que recebeu o epíteto de “O solitário de Mariana”. A temática amorosa em seus versos é um canto dolorido, que se manifesta pela perda da amada morta, o que leva a voz poética a também almejar a morte para que possa reencontrá-la:

Hão de chorar por ela os cinamomos  
Murchando as flores ao tombar do dia  
Dos laranjais hão de cair os pomos  
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: – “Ai, nada somos,  
Pois ela se morreu silente e fria...”  
E pondo os olhos nela como pomos,  
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua que lhe foi mãe carinhosa  
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la  
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...  
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,  
Pensando em mim: – “Por que não vieram juntos?”

GUIMARAENS, Alphonsus de. Hão de chorar por ela os cinamomos. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 384.

Mas, sem dúvida, o mais conhecido poema de Alphonsus de Guimaraens é “Ismália”, composição em que o poeta revela como o sonho e a loucura são as únicas formas de se escapar das agruras da realidade.

### Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhrou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. Ismália. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 391.

Nesse poema, é possível perceber a correlação entre o mundo concreto, onde Ismália é a mulher enlouquecida no alto da torre, distante do reflexo da lua no mar, e o mundo etéreo, em que Ismália, após saltar, é como um anjo que se encaminha para o reflexo da lua na água. Ao fim, ela é apenas uma alma que sobe da água para o céu.

## RELEITURAS

De uma maneira geral, parnasianos e simbolistas receberam severas críticas de seus sucessores imediatos. Conforme será visto posteriormente, os pré-modernistas, em sua maioria, eram artistas atentos às transformações políticas e às injustiças sociais de seu tempo; comprometidos, portanto, com uma literatura que, embora não fosse panfletária, era mais engajada. Para eles, a preocupação excessiva com os aspectos formais e sonoros do texto e o distanciamento da realidade, típicos do Parnasianismo e do Simbolismo, produziam uma arte vazia, artificial e alienada, reduzida ao mero exercício estético e pouco comprometida com ideais pragmáticos (tais como os de denúncia ou de conscientização, por exemplo) ou mesmo com a capacidade de emocionar. Essa crítica pode ser vista no trecho a seguir, retirado de uma das crônicas de *Os Bruzundangas*, obra de Lima Barreto:

Não nego que houvesse entre eles alguns de valor, mas os preconceitos da Escola os matava.

A maioria ia para ela, porque era cômodo no fundo, pois não pedia que se comunicasse qualquer emoção, qualquer pensamento, qualquer importante revelação de nossa alma que interessasse a outras almas; [...] enfim, um julgamento, um conceito que pudesse influir no uso da vida, na nossa conduta e no problema do nosso destino, empregando os fatos simples, elementares, as imagens e os sons que por si sós não exprimiam a ideia que se procura, mas que se acha com eles e se vai além por meio deles.

Abanquei-me e pude perceber que acabavam de ouvir uma poesia do poeta Worspikt. Tratava da lua, de *iceberg*, – descobri eu por uma ou outra consideração que fizeram.

Nenhum deles tinha visto um *iceberg*, mas gabavam os ouvintes a emoção com que o outro traduzira em verso o espetáculo desse fenômeno das circunvizinhanças dos polos. Num dado momento, Kotelniji disse para Worspikt:

– Gostei muito desse teu verso: “há luna loura linda, leve, luna bela!”

BARRETO, Lima.  
Os samoiedas. In: *Os Bruzundangas*.

A “Escola” e o poeta mencionados no texto de Lima Barreto são fictícios, mas constituem representações do estilo e dos escritores parnasianos e simbolistas. Ao dizer que a Escola não comunica qualquer emoção, pensamento ou importante revelação, o narrador evidencia como ela é desprovida de conteúdo e, portanto, inútil (não influi “no uso da vida” ou na conduta). A suposta emoção causada pela declamação do verso é artificial, já que “luna loura linda, leve, luna bela” não diz muita coisa, trata-se apenas de um exemplo de uso despropositado da aliteração para criar um efeito sonoro qualquer.

Além dos pré-modernistas, também os modernistas da Primeira Geração criticam os parnasianos e simbolistas, porém por motivos diferentes. O que causa incômodo aos modernistas na poesia parnasiana e simbolista (sobretudo na parnasiana) não é a sobreposição da forma em detrimento do conteúdo, mas sim o preciosismo vocabular, a falta de liberdade criativa e a exigência de se cumprirem regras, sobretudo quanto à métrica e às rimas. Como alternativa ao requinte formal de parnasianos e simbolistas, os modernistas irão propor o uso de versos brancos e livres e também de termos coloquiais. Em seu poema “Poética”, por exemplo, Manuel Bandeira afirma estar “farto do lirismo comedido” e não querer mais saber “do lirismo que não é libertação”, por isso propõe a incorporação de elementos marginalizados pela poesia acadêmica, já que na lírica modernista há espaço para “todas as palavras”, “todas as construções” e “todos os ritmos”. Já Oswald de Andrade, no *Manifesto Pau-Brasil*, proclama “contra o gabinetismo, a prática culta da vida” e afirma serem os parnasianos “máquinas de fazer versos”.

As conquistas herdadas da fase heroica modernista foram muito importantes para que os escritores de gerações posteriores tivessem liberdade de fazer seus versos como quisessem, inclusive para adotar as formas clássicas, se isso lhes parecesse conveniente. Em função disso, a partir da Segunda Geração do Modernismo, encontra-se todo tipo de texto (de formas livres e de formas fixas), e a relação com o Simbolismo e o Parnasianismo passa a ser mais amigável. A Segunda Geração do Modernismo, aliás, promoveu um retorno aos valores simbolistas, tais como a musicalidade e a espiritualidade, sendo por isso conhecida como Neossimbolismo, de que são exemplos alguns poemas de Cecília Meireles.



### Parnasianismo

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Parnasianismo no Brasil.

VPIH

### Simbolismo

Com essa videoaula, você poderá conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Simbolismo no Brasil.

NUOC

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

### 01. (Unesp)

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito:

[...]

Assim procedo. Minha pena

Segue esta norma,

Por te servir, Deusa serena,

Serena Forma!

[...]

A) A qual estilo de época pertencem esses versos?

B) Transcreva os versos em que o poeta personifica o objeto de sua devoção.

### 02. (UNIFESP) Leia o poema.

De linho e rosas brancas vais vestido,  
sonho virgem que cantas no meu peito!...

És do Luar o claro deus eleito,  
das estrelas puríssimas nascido.

Por caminho aromal, enflorescido,  
alvo, sereno, límpido, direito,  
segues radiante, no esplendor perfeito,  
no perfeito esplendor indefinido...

As aves sonorizam-te o caminho...

E as vestes frescas, do mais puro linho  
e as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, ó Sonho branco de quermesse!

Nessa alegria em que tu vais, parece  
que vais infantilmente amortalhado!

CRUZ E SOUSA, *Sonho Branco*.

A) Identifique o movimento literário ao qual está associado o poema, apontando uma característica típica dessa tendência. Transcreva um verso ou fragmento do poema que exemplifique sua resposta.

B) Liste, de um lado, dois substantivos e, de outro, quatro adjetivos, dispersos ao longo do poema para criar sua atmosfera luminosa e etérea, ao gosto do movimento literário em que se insere. Identifique os versos que, em certo momento, criam uma tensão em relação à trajetória pura e vivificante do poema, introduzindo uma nota sombria em sua atmosfera.

03. (UFRJ)

**O assinalado**

Tu és o louco da imortal loucura,  
o louco da loucura mais suprema.  
A terra é sempre a tua negra algema,  
prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
mas essa mesma Desventura extrema  
faz que tu'alma suplicando gema  
e rebente em estrelas de ternura.

Tu és Poeta, o grande Assinalado  
que povoas o mundo despovoado,  
de belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica  
toda a audácia dos nervos justifica  
os teus espasmos imortais de louco!

CRUZ E SOUSA. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação  
Catarinense de Cultura, 1981. p. 135.

Apresente, com suas próprias palavras, o significado de  
loucura depreendido a partir da leitura do texto.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UnB-DF)  
SCVJ**Vaso grego**

Esta, de áureos relevos, trabalhada  
De divas mãos, brilhante copa, um dia,  
Já de aos deuses servir como cansada,  
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia  
Então e, ora repleta ora esvazada,  
A taça amiga aos dedos seus tinha  
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,  
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas  
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira  
Fosse a encantada música das cordas,  
Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias completas*. In: REIS, Marco  
Aurélio de Mello. *Crítica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1978. p. 144.

A partir da leitura do soneto "Vaso grego", assinale a  
opção correta a respeito do tratamento estético conferido  
aos mitos antigos pela poética parnasiana.

- A) Recorrência a temas mitológicos atraía o leitor comum e amenizava os efeitos de distanciamento impostos a ele pelo rebuscamento da linguagem parnasiana.
- B) Os mitos antigos são atualizados na poesia parnasiana e recebem um significado poético novo, que promove a ruptura efetiva com o passado e a tradição mítica.
- C) O tratamento estético dos mitos gregos na poesia parnasiana aproxima o antigo mundo mitológico dos problemas imediatos e concretos da vida social brasileira.
- D) A presença de elementos da arte e da mitologia gregas no soneto apresentado está de acordo com uma máxima do Parnasianismo: a arte pela arte.

02. (UESC-BA)

Ah! lilásis de Ângelus harmoniosos,  
Neblinas vesperais, crepusculares,  
Guslas gementes, bandolins saudosos,  
Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,  
De salmos evangélicos, sagrados,  
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,  
Névoas de céus espiritualizados.

[...]

É nas horas dos Ângelus, nas horas  
Do claro-escuro emocional aéreo,  
Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras  
Ondulações e brumas do Mistério.

[...]

Apareces por sonhos neblinantes  
Com requintes de graça e nervosismos,  
fulgores flavos de festins flamantes,  
como a Estrela Polar dos Simbolismos.

CRUZ E SOUSA, João da. Broquéis. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 90. [Fragmento]

Marque (V) ou (F), conforme sejam as afirmativas  
verdadeiras ou falsas.

Os versos de Cruz e Sousa traduzem a estética simbolista,  
pois apresentam

- ( ) descrição sintética do mundo imediato.
- ( ) uso de recursos estilísticos criando imagens sensoriais.
- ( ) enfoque de uma realidade transfigurada pelo transcendente.
- ( ) apreensão de um dado da realidade sugestivamente ambígua.
- ( ) imagens poéticas que tematizam o amor em sua dimensão física.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima  
para baixo, é a

- A) F V V V F
- B) V F F V F
- C) V F V V F
- D) V F V F F
- E) V F V F V

- 03.** (UNIFESP–2016) O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 1994 (Adaptação).

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- A) "É um velho paredão, todo gretado,  
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda  
Deixou num cacto em flor ensanguentado  
E num pouco de musgo em cada fenda."
- B) "Erguido em negro mármore luzidio,  
Portas fechadas, num mistério enorme,  
Numa terra de reis, mudo e sombrio,  
Sono de lendas um palácio dorme."
- C) "Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador sobre o mármore luzidio,  
Entre um leque e o começo de um bordado."
- D) "Sobre um trono de mármore sombrio,  
Num templo escuro e ermo e abandonado,  
Triste como o silêncio e inda mais frio,  
Um ídolo de gesso está sentado."
- E) "Ó Formas alvas, brancas, Formas claras  
De luas, de neves, de neblinas!...  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...  
Incensos dos turíbulos das aras..."

- 04.** (ESPM-SP)

**Para as Estrelas de cristais gelados**

As ânsias e os desejos vão subindo,  
Galgando azuis e siderais noivados  
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Cruz e Sousa

Assinale a opção em que expresse incorretamente a análise do poema.

- A) As "nuvens brancas" mencionadas sugerem as vestes tradicionais de noiva.
- B) A aliteração do /s/ em "As ânsias e os desejos vão subindo" produz cacofonia.
- C) Os "cristais gelados" estão de acordo com a frialdade do espaço sideral.
- D) As "Estrelas", com maiúscula alegorizante, podem significar uma dimensão humana superior.
- E) Galgar "azuis e siderais noivados" é imagem que remete ao anseio de atingir um mundo espiritual.

- 05.** (Unesp) Considere o soneto "Acrobata da dor", do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898):

**Acrobata da Dor**

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
como um palhaço, que desengonçado,  
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
agita os guizos, e convulsionado  
Salta, gavroche, salta *clown*, varado  
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
Vamos! retesa os músculos, retesa,  
nessas macabras piruetas d'ago...

E embora caias sobre o chão, fremente,  
afogado em teu sangue estuoso e quente,  
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

No poema, os conceitos relacionados com a alegria e o riso, característicos da imagem dos palhaços, são aproximados de conceitos como dor, tristeza, agonia, sangue. Aponte a alternativa que melhor justifica essa aproximação de conceitos contraditórios.

- A) As imagens de "palhaço" e "coração" apontam a um mesmo significado, o próprio homem, apresentado como um ser cuja imagem de alegria apenas disfarça tristezas, dores, sofrimentos.
- B) O "palhaço" é comparado com o "acrobata" que caiu, donde a ocorrência de imagens relacionadas com sangue e dor.
- C) O poema de Cruz e Sousa constitui uma alegoria da vida circense em todos os seus aspectos.
- D) É tradicional na literatura explorar o tema do palhaço sob os vieses da superação e da frustração.
- E) Os poetas simbolistas tinham uma tendência doentia a utilizar temas relacionados com dor, sangue e sofrimento.

- 06.** (PUC RS) Para responder à questão, considere o poema "Inefável" em seu contexto, e leia as afirmativas que seguem.

Nada há que me domine e que me vença  
Quando a minh'alma mudamente acorda...  
Ela rebenta em flor, ela transborda  
Nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial sentença,  
Condenado do Amor, que se recorda  
Do Amor e sempre no Silêncio borda  
De estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros  
E tudo vejo dos encantos raros  
E de outras mais serenas madrugada!

Todas as vozes que procuro e chamo  
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo  
Na minha alma volteando arrebatadas

- I. A subjetividade, a sugestão no conteúdo e um cultivo à técnica formal revelam características da obra de um dos poetas mais importantes da escola simbolista.

- II. Substantivos comuns grifados com maiúsculas, a obsessão pelo claro, pela cor branca, são marcas do poeta Cruz e Souza.
- III. As aliterações são também um traço típico da obra deste poeta, perceptíveis no poema "Inefável".
- IV. Característica típica do simbolismo, o eu lírico neste poema sofre fisicamente por um amor não vivido.

As afirmativas corretas são, apenas,

- A) I e II.                      C) III e IV.                      E) II, III e IV.  
B) I e IV.                      D) I, II e III.

**07.**  
EP1M (PUC RS)

### Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar...

No sonho em que se perdeu,  
Banhrou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer no mar...

E no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Rufaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar.

Apenas uma afirmativa não se associa corretamente ao texto. Qual é ela?

- A) A manifestação da loucura revela-se na tensão entre desejos antagônicos, marcados semanticamente pelas oposições de verbos, substantivos e advérbios.
- B) A movimentação espacial da personagem sugere a impossibilidade de adaptar-se ao mundo real.
- C) A separação entre o corpo e alma, relatada na última estrofe, confirma o caráter místico-religioso, uma das marcas da produção literária do autor do poema.
- D) Entre as características do movimento ao qual o poema se alinha, destaca-se a preocupação em garantir a musicalidade do texto.
- E) A marca do poema, em função do seu alinhamento estético, é nomear objetivamente a loucura, evitando, assim, qualquer ambiguidade na interpretação do texto.

**08.** (UDESC)

### Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
E sobe aos mundos mais imponderáveis,  
Vai abafando as queixas implacáveis,  
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito  
Sente, em redor, nos astros inefáveis.  
Cava nas fundas eras insondáveis  
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava  
Mais o Infinito se transforma em lava  
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho  
E com seu vulto pálido e tristonho  
Cava os abismos das eternas ânsias!

CRUZ E SOUSA. *Últimos Sonetos*.

Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>.

Analise as proposições em relação ao soneto "Cavador do Infinito", Cruz e Sousa.

- I. A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.
- II. Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.
- III. O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu-lírico.
- IV. No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: "Sonho" (versos 1 e 12), "Ânsias" e "Desejos" (verso 5); "Infinito" (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.
- V. Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema "Cavador do Infinito" reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- B) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- C) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
- D) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- E) Todas as afirmativas são verdadeiras.

- 09.** (PUC-Campinas-SP) Antes mesmo do indianismo e do regionalismo, a ficção brasileira, desde os anos de 1840, se orientou para outra vertente de identificação nacional através da literatura: a descrição da vida nas cidades grandes, sobretudo o Rio de Janeiro e áreas de influência, o que sobrepunha à diversidade do pitoresco regional uma visão unificadora. Se por um lado isto favoreceu a imitação mecânica da Europa, e, portanto, uma certa alienação, de outro contribuiu para dissolver as forças centrífugas, estendendo sobre o País uma espécie de linguagem culta comum a todos e a todos dirigida [...], que contrabalança o particular de cada zona.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987. p. 203.[Fragmento]

A influência exercida pelos costumes, valores e hábitos europeus no Brasil teve grande expressão durante o período conhecido como *Belle Époque*. Entre as características desse período, pode-se destacar

- A) a intensa difusão, em cidades como Paris e Viena, dos valores e hábitos da alta burguesia, como o culto ao lazer, às artes e ao entretenimento, favorecidos pela vida urbana e pela infraestrutura existente nessas capitais.
- B) a celebração do pacifismo, do hedonismo e do “estilo de bem viver”, após o dramático período vivido pelas sociedades europeias durante a Primeira Guerra Mundial.
- C) a retomada do classicismo, principal influência do *Art Nouveau*, uma vez que o “culto ao belo” e a busca da perfeição na reprodução da realidade orientaram o gosto e a estética predominantes nos grandes centros culturais europeus.
- D) a expansão da cultura de massas, na França e na Inglaterra, graças à difusão do rádio e do cinema, permitindo que o gosto popular fosse incorporado pela alta burguesia, não mais preocupada em se diferenciar do proletariado.
- E) o período de prosperidade econômica, na capital francesa, decorrente da administração moderna e reformista exercida pela Comuna de Paris logo após a Guerra Franco-Prussiana, que possibilitou uma fase de efervescência cultural.

## SEÇÃO ENEM

### 01. (Enem-2015)

#### A pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!  
 Criança! não verás nenhum país como este!  
 Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!  
 A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,  
 É um seio de mãe a transbordar carinhos.  
 Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,  
 Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!  
 Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!  
 Vê que grande extensão de matas, onde impera,  
 Fecunda e luminosa, a eterna primavera!  
 Boa terra! jamais negou a quem trabalha  
 O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,  
 Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:  
 Imita na grandeza a terra em que nasceste!

BILAC, O. *Poesias infantis*.  
 Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

Publicado em 1904, o poema “A pátria” harmoniza-se com um projeto ideológico em construção na Primeira República. O discurso poético de Olavo Bilac ecoa esse projeto, na medida em que

- A) a paisagem natural ganha contornos surreais, como o projeto brasileiro de grandeza.
- B) a prosperidade individual, como a exuberância da terra, independe de políticas de governo.
- C) os valores afetivos atribuídos à família devem ser aplicados também aos ícones nacionais.
- D) a capacidade produtiva da terra garante ao país a riqueza que se verifica naquele momento.
- E) a valorização do trabalhador passa a integrar o conceito de bem-estar social experimentado.

### 02. (Enem)

#### Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,  
 ó ser humilde entre os humildes seres,  
 embriagado, tonto de prazeres,  
 o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro  
 a vida presa a trágicos deveres  
 e chegaste ao saber de altos saberes  
 tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,  
 magoado, oculto e aterrador, secreto,  
 que o coração te apunhalou no mundo,

Mas eu que sempre te segui os passos  
 sei que cruz infernal prendeu-te os braços  
 e o teu suspiro como foi profundo!

CRUZ E SOUSA. *Obra completa*.  
 Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1961.

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em

- A) sofrimento tácito diante dos limites impostos pela discriminação.
- B) tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
- C) extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
- D) frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
- E) vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

03. (Enem)

**Mal secreto**

Se a cólera que espuma, a dor que mora  
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,  
Tudo o que punge, tudo o que devora  
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,  
Ver através da máscara da face,  
Quanta gente, talvez, que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse.

Quanta gente que ri, talvez, consigo  
Guarda um atroz, recôndito inimigo,  
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cuja ventura única consiste  
Em aparecer aos outros venturosa!

CORREIA, R. In: PATRIOTA, M. *Para compreender Raimundo Correia*. Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu lírico, esse julgamento revela que

- A) a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
- B) o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
- C) a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
- D) o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
- E) a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

04. (Enem)

**Epígrafe<sup>1</sup>**

Murmúrio de água na clepsidra<sup>2</sup> gotejante,  
Lentas gotas de som no relógio da torre,  
Fio de areia na ampulheta vigilante,  
Leve sombra azulando a pedra do quadrante<sup>3</sup>  
Assim se escoa a hora, assim se vive e morre...  
Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,  
Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta ameaça?  
Procuremos somente a Beleza, que a vida  
É um punhado infantil de areia ressequida,  
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...

CASTRO, Eugênio de. *Antologia pessoal da poesia portuguesa*.

<sup>1</sup> Epígrafe: inscrição colocada no ponto mais alto; tema.  
<sup>2</sup> Clepsidra: relógio de água.  
<sup>3</sup> Pedra do quadrante: parte superior de um relógio de sol.

Nesse poema, o que leva o poeta a questionar determinadas ações humanas (versos 6 e 7) é a

- A) infantilidade do ser humano.
- B) destruição da natureza.
- C) exaltação da violência.
- D) inutilidade do trabalho.
- E) brevidade da vida.

**GABARITO**

Meu aproveitamento

**Aprendizagem**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01.
- A) Esses versos foram escritos por Olavo Bilac ("Profissão de Fé") e apresentam características do estilo parnasiano.
  - B) Em "Deusa serena, / Serena Forma!", o poeta personifica, ou melhor, diviniza o objeto de sua devoção.
- 02.
- A) O poema de Cruz e Sousa está associado ao Simbolismo, movimento que privilegiava temas místicos, transcendentais, e mesmo mórbidos, em linguagem simples, vaga, em que se nota a presença de imagens relacionadas ao ar, ao branco e ao que é etéreo, numa tentativa de alcançar o que está além do mundo físico. Os versos "E as vestes frescas, do mais puro linho / e as rosas brancas dão-te um ar nevado..." e "És do Luar o claro deus eleito, / das estrelas puríssimas nascido" exemplificam corretamente essas características.
  - B) Os substantivos e adjetivos que transmitem a atmosfera simbolista ao poema de Cruz e Sousa são "rosas brancas", "sonho virgem", "Luar", "claro", "estrelas puríssimas", todo o verso "alvo, sereno, límpido, direito,", "vestes frescas", "ar nevado", "sonho branco".  
Os versos que rompem com a atmosfera pura e vivificante do poema, atribuindo-lhe um tom sombrio, também comum entre os simbolistas, são os do último terceto: "Nessa alegria em que tu vais, parece / que vais infantilmente amortalhado!", em que se reconhece que as vestes brancas descritas pelo eu lírico são, na verdade, os trajes que vestem um corpo morto, "amortalhado", pronto para ser sepultado.
  - 03. O significado de loucura no texto está relacionado à condição e à própria atividade do ser poeta: louco é o poeta e loucura é a poesia. Deve-se desenvolver essa ideia, citando exemplos do poema para fundamentar suas colocações.

**Propostos**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D       04. B       07. E
- 02. A       05. A       08. E
- 03. E       06. D       09. A

**Seção Enem**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B       02. A       03. A       04. E



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Termos Ligados ao Verbo

Nós já conhecemos os termos essenciais da oração – sujeito e predicado – e aprendemos a classificá-los de acordo com suas características. Neste módulo, daremos continuidade ao estudo da sintaxe e conheceremos os termos que se ligam ao verbo, seja para completar seu sentido, seja para indicar o agente da ação verbal ou a circunstância em que essa ação ocorre.

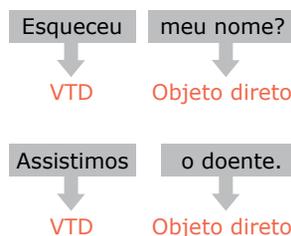
Primeiramente, vamos estudar de modo mais detalhado os complementos verbais – objeto direto e indireto –, conhecendo as particularidades que esses termos podem adquirir em certas construções da Língua Portuguesa. Estudaremos, posteriormente, os adjuntos adverbiais, que podem indicar diversas circunstâncias (tempo, modo, lugar, instrumento, fim, assunto, etc.) e o agente da passiva, que, em construções de voz passiva, funciona como o agente da ação verbal.

### COMPLEMENTOS VERBAIS

Conforme visto anteriormente, os verbos transitivos diretos, transitivos indiretos e bitransitivos exigem, de acordo com a transitividade, complementos preposicionados ou não preposicionados. São complementos verbais:

#### Objeto direto

É um termo de natureza substantiva que completa o sentido de um verbo transitivo direto; não é iniciado por preposição obrigatória.



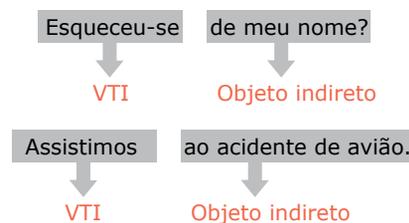
#### Objeto direto preposicionado

Tal como o objeto direto, é um termo de valor substantivo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, mas vem regido de preposição não obrigatória. Ocorre nos seguintes casos:

- A) Quando há possível ambiguidade.
  - *Matou o tigre **ao leão**.*
- B) Quando se deseja enfatizar sentido partitivo.
  - *Comeu **do pão**.*
- C) Antes de nomes próprios.
  - *Amou **a Deus** por toda a vida.*
- D) Antes de pronomes oblíquos tônicos.
  - *Ouviu **a mim** atentamente.*
- E) Antes de pronomes indefinidos.
  - *Ouviu **a todos** atentamente.*
- F) Com os verbos *sacar* e *puxar*.
  - *Puxou **da espada** com rapidez.*

### Objeto indireto

É um termo de natureza substantiva que completa o sentido de um verbo transitivo indireto; é precedido de preposição obrigatória.



### Objetos pleonásticos

Ocorrem quando o objeto direto ou o objeto indireto aparecem repetidos, por necessidade expressiva de reforço. A repetição recebe o nome de pleonismo.





**TOME NOTA!**

Quando, na oração, há dois objetos, ambos representados por pronomes, será pleonástico aquele que repetir o outro.



## ADJUNTOS ADVERBIAIS

À semelhança dos advérbios (classificação morfológica), adjuntos adverbiais são classificados, pela sintaxe, como aqueles termos que se ligam ao verbo, ao adjetivo, a outro advérbio ou até a orações inteiras, para expressar diferentes circunstâncias, sendo muitas delas identificadas apenas pelo contexto do uso. Veja as principais:

- A) **Causa:** *Só **por feliz** eu cantei.*
- B) **Companhia:** *Leva **contigo** o nosso velho criado.*
- C) **Dúvida:** ***Talvez** o susto tenha passado.*
- D) **Fim:** *Confetes e serpentinas foram-me oferecidos **para meus devaneios e brinquedos**.*
- E) **Instrumento:** *Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro **com a faca de ponta**.*
- F) **Intensidade:** *Sonho **muito**, falo **pouco**.*
- G) **Matéria:** ***De prata** era a agulha, e **de ouro**, o dedal.*
- H) **Meio:** *Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.*
- I) **Modo:** *O mestre me tratava **com benevolência excessiva**.*
- J) **Negação:** ***Não** me contavam nada de sua vida.*
- K) **Tempo:** *Havia **nessa noite** teatro lírico.*
- L) **Lugar:** *Morreu **em sua cidade natal**.*
- M) **Assunto:** *Conversamos a tarde inteira **sobre Física Quântica**.*
- N) **Conformidade:** ***De acordo com as pesquisas**, aquele candidato poderá ser eleito.*
- O) **Concessão:** ***A despeito da dor**, resistiu fortemente à cirurgia.*
- P) **Exclusão:** *A guerra que se faz **sem legítima autoridade** é contra a justiça.*

## AGENTE DA PASSIVA

**Agente da passiva** é o termo que expressa o agente do processo verbal, quando a oração está na **voz passiva**. Antes de estudar esse termo, vale relembrar as vozes verbais.

### Vozes verbais

Conforme foi visto anteriormente, **voz** é uma das flexões do verbo. Refere-se às noções semânticas de agente e paciente, ou seja, de praticante e de beneficiário de um processo denotado pelo verbo. Observe a frase que se segue, na qual o sujeito tem o papel de agente, e o objeto direto, o papel de paciente:



Quando o sujeito é agente do processo verbal, como na frase anterior, diz-se que a oração está na **voz ativa**. Agora, observe a mesma oração, escrita de outra forma, em que o sujeito da frase não é mais o agente do processo; portanto, a oração está na **voz passiva**:



Na frase "O topo da montanha foi alcançado pelos alpinistas", os alpinistas desempenharam a ação de "alcançar". Portanto, "pelos alpinistas" é o **agente da passiva**.

Acompanhe a transformação de outra oração na voz ativa para a voz passiva:



Essa transformação pode se dar de duas formas: na **voz passiva analítica** – verbo *ser* + verbo significativo flexionado no particípio passado – ou para **voz passiva sintética** – verbo transitivo direto na terceira pessoa (do singular ou do plural) + a partícula *se* (pronomine apassivador). Veja os exemplos:

### Voz ativa

- *Abandonaram aquele carro ali.*
- *Retiraram a guarda.*

### Voz passiva analítica

- *Aquele carro foi abandonado ali.*
- *A guarda foi retirada.*

### Voz passiva sintética

- *Abandonou-se aquele carro ali.*
- *Retirou-se a guarda.*

Quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, tem-se uma oração na **voz reflexiva**.

- *Nós nos ferimos.* (= a nós mesmos)
- *Antônio se ama* (= a si mesmo)



#### TOME NOTA!

- O **agente da passiva** é comumente regido pela preposição **por**, mas também ocorrem, menos frequentemente, agentes da passiva regidos pela preposição **de**. Observe: “O sítio foi cercado **de árvores**.”
- A presença do **agente da passiva** em uma oração que esteja na **voz passiva analítica** não é obrigatória; na **voz passiva sintética**, não se explicita o agente da ação verbal, ou seja, não ocorre o agente da passiva.
- A **voz reflexiva** não permite a transformação demonstrada anteriormente, pelo fato de já expressar, concomitantemente, o agente e o paciente da oração.
- É importante saber diferenciar orações que tenham **sujeito indeterminado** das que se encontram na **voz passiva sintética**. Procure sempre diferenciar o “**se**” como **índice de indeterminação** e o “**se**” como **pronomine apassivador**.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (Unesp–2018) Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!* de Slavoj Žižek, para responder à questão.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar tinta vermelha.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...]”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.
- Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

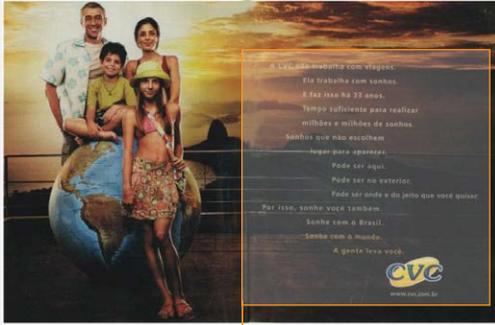
02. Analise, a seguir, a propaganda de uma agência de turismo. Explique os diferentes sentidos do verbo *sonhar*, tendo em vista a sua predicação. Quanto ao verbo *levar*, era de se esperar que, nesse caso, fosse acrescentado a ele um complemento circunstancial de lugar explícito (“levar alguém a / para algum lugar”). Justifique, com base nas intenções persuasivas da propaganda, a ausência desse complemento.



#### Termos ligados ao verbo

Assista a essa videoaula para saber mais sobre os termos que se ligam ao verbo nas orações.

217T



A CVC não trabalha com viagens.  
Ela trabalha com sonhos;  
E faz isso há 33 anos.  
Tempo suficiente para realizar  
milhões e milhões de sonhos.  
Sonhos que não escolhem  
lugar para aparecer.  
Pode ser aqui.  
Pode ser no exterior.  
Pode ser onde e do jeito que  
você quiser.  
Por isso sonhe você também.  
Sonhe com o Brasil.  
Sonhe com o mundo.  
A gente leva você.

Divulgação

### 03. (Unesp–2016)

#### Árvores e poetas

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-s tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos<sup>1</sup> colubrinos<sup>2</sup> pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – “Quanta lenha!...”

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico<sup>3</sup>: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção “humana”, direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

AMARAL, Amadeu. *Letras floridas*. 1976.

<sup>1</sup> sarmento: ramo delgado, flexível.

<sup>2</sup> colubrino: com forma de cobra, sinuoso.

<sup>3</sup> antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.

“O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte”.

Do ponto de vista sintático, que relação os termos sublinhados estabelecem com o verbo? Do ponto de vista semântico, a organização dos substantivos sublinhados aparenta seguir um determinado critério; um desses substantivos, contudo, romperia tal organização. Identifique qual seria esse critério e o substantivo que romperia sua organização.

### 04. (UERJ)

#### Gato gato gato

Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminhava molengamente por cima do muro. O menino ia erguer-se, apanhar um graveto, respirar o hálito fresco do porão. Sua úmida penumbra. Mas a presença do gato. O gato, que parou indeciso, o rabo na pachorra<sup>1</sup> de uma quase interrogação.

[...]

Gato – leu no silêncio da própria boca. Na palavra não cabe o gato, toda a verdade de um gato. Aquele ali, ocioso, lento, emoliente<sup>2</sup> – em cima do muro. As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito: como rinoceronte, ou girafa se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido. Girarafa, girafafa. Gatimonha, gatimanhão<sup>3</sup>. Falta um nome completo, felinoso e peludo, ronronante<sup>4</sup> de astúcias adormecidas. O pisa-macio, as duas bandas de um gato. Pezinhos de um lado, pezinhos de outro, leve, bem de leve para não machucar o silêncio de feltro nas mãos enludadas.

[...]

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irrealis, em cima do muro eriçado<sup>7</sup> de cacos de vidro. E o menino songa-monga<sup>8</sup>, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o claustro<sup>9</sup> dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A insciência<sup>10</sup>, a inocência dos vegetais.

[...]

30 Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica  
intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro,  
gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação  
perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que  
35 existe aqui, agora, lado a lado, navegando. A confiança  
essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca.  
O gato, o menino, as coisas: a vida tímida<sup>11</sup> e solidária.  
O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino,  
da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore.  
RESENDE, Otto Lara. In: BOSI, Alfredo.  
*O conto brasileiro contemporâneo.*  
São Paulo: Cultrix, 1975. [Fragmento]

<sup>1</sup> pachorra – lentidão.

<sup>2</sup> emoliente – que amolece.

<sup>3</sup> gatimonha, gatimanco – movimento lento com as mãos.

<sup>4</sup> ronronante – referente ao ruído produzido pelo gato.

<sup>5</sup> corcoveante – ondulante.

<sup>6</sup> nodoso – cheio de nós.

<sup>7</sup> eriçado – arrepiado.

<sup>8</sup> songa-monga – dissimulado.

<sup>9</sup> claustro – pátio interior nos conventos.

<sup>10</sup> insciência – ignorância.

<sup>11</sup> tímida – inchada.

“Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença  
do menino.” (l. 17 e 18)

O adjunto adverbial que ocorre neste enunciado pode ser  
deslocado para outras posições; em uma delas, porém,  
a frase se tornará ambígua.

Reescreva o enunciado duas vezes com o deslocamento  
do adjunto, de modo a manter o sentido original em  
uma e a criar ambiguidade em outra. Aponte, também,  
a construção ambígua e Explique-a.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (FJP-MG) A relação sintática estabelecida pelos termos  
grifados foi corretamente identificada entre colchetes em:
- A) Em 1953, as empresas de cigarros publicaram nos  
jornais americanos uma página. [Complemento  
nominal]
- B) “Nossa declaração franca aos fumantes de cigarros”.  
[Predicativo do sujeito]
- C) A ideia era gerar ceticismo e “um debate científico  
saudável”. [Objeto direto]
- D) [...] “até frases usadas agora pelos cétricos das  
mudanças climáticas são muito parecidas.” [Objeto  
indireto]

- 02.** (Mackenzie-SP) “Os conflitos étnicos mataram quase 200  
chineses só no mês de julho.”

De acordo com a norma-padrão, passando-se essa  
frase para a voz passiva analítica, a forma verbal  
correspondente será:

- A) foram mortos.  
B) estavam sendo mortos.  
C) eram mortos.  
D) matou-se.

- 03.** (Febasp-SP) Em que alternativa há objeto direto  
preposicionado?

- A) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.  
B) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.  
C) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.  
D) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem  
nos céus de agosto.

- 04.** (IFSP-2015) De acordo com a norma-padrão da Língua  
MLVR Portuguesa e em relação à sintaxe, assinale a alternativa  
que apresenta a classificação incorreta da palavra  
destacada.

- A) E a ideia de **te** dar assim todos os meses, enquanto  
quiseres, cem páginas irônicas, alegres e justas.  
(objeto indireto)
- B) O País perdeu **a inteligência e a consciência moral**.  
(objeto direto)
- C) Já se não crê **na honestidade** dos homens públicos.  
(objeto indireto)
- D) O povo está **na miséria**. (predicativo do sujeito)
- E) O Estado é considerado na sua ação fiscal como  
**um ladrão** e tratado como um inimigo. (predicativo  
do sujeito)

- 05.** (UDESC) É certo que Fräulein tinha esclarecido muito o  
THPW que viera fazer na casa deles, porém dona Laura que tinha  
percebido tudo com a explicação de Felisberto, agora não  
compreendia mais nada. Afinal: o que era mesmo que  
Fräulein estava fazendo na casa dela!

- 5 Fräulein esperou um segundo. Nada tinham para  
lhe falar aqueles dois. Cumprimentou e saiu. Subiu por  
quarto. Fechou-se. Tirou o casaco. O pensamento forte  
10 imobilizou-a. Comprimiu o seio com a mão, ao mesmo  
tempo que amarfanhava-lhe a cara uma dor vigorosa,  
incompreendida assim! Mas foi um minuto apenas,  
dominou-se. Tinha que despir-se. Continuou se despindo.  
E Carlos?... Minuto apenas. Varreu o carinho. Predeu  
15 com atenção os cabelos. Lavou o rosto. Se deitou.  
Um momento no escuro, os olhos inda pestanejaram  
pensativos. Não tinha nada com isso: haviam de lhe pagar  
os oito contos. Mas agora tinha que dormir, dormiu.

ANDRADE, Mario de. *Amar, verbo intransitivo*.  
Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 57.



- II. “transformação, Industra, matéria-prima” (linhas 2 e 3) consiste em objeto indireto do verbo “falar”.
- III. O trecho “Descobertas e invenção” (linha 3) exerce função de objeto direto do verbo “falar”.
- IV. A conjunção “Inquanto” (linha 2) tem valor proporcional.
- V. É correto afirmar que “No Brasi de Cima” (linha 1) exerce função adverbial.

Há informações corretas apenas nos itens

- A) II, IV e V.  
 B) I, II e IV.  
 C) I, III e IV.  
 D) III, IV e V.  
 E) I, II e V.

## 10. (IFSP)

### O padeiro

Levanto cedo, faço a higiene pessoal, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costureiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto, não é bem uma greve, é um *lockout*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar pão à porta do apartamento, ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou por uma outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação do jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina - e muitas vezes saía já levando na mão um dos exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estavam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi uma lição daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”.

E associava pelas escadas.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*.

Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960 (Adaptação).

Considere o trecho em que a expressão em destaque exerce a função de agente da passiva.

Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido **por uma empregada ou por uma outra pessoa qualquer**, e ouvir uma voz [...].

Assinale a alternativa em que o trecho em destaque exerce a mesma função sintática.

- A) Esta é a avenida **por onde passarão as escolas de samba**.
- B) Ele fez tudo isso **por você**, a quem admira muito.
- C) Incomodou-o **por semanas** um problema que parecia sem solução.
- D) O vestido, que havia sido feito **por um renomado estilista**, impressionou a todos.
- E) Ela sentiu-se arrependida **por ter respondido de forma indelicada ao funcionário**.

11. (FGV-SP) A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão de obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa *The Economist* mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

VOCÊ, set. 2005.

Considere o seguinte trecho do texto:

“Em uma recente análise, a revista inglesa *The Economist* mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho.”

Redija duas novas versões desse trecho, adotando a voz passiva,

- A) com agente da passiva expresso em todo o trecho.
- B) empregando pronome apassivador somente na passagem: “Em uma recente análise, a revista inglesa *The Economist* mostra [...]” .

## SEÇÃO ENEM

01. Precisa-se nacionais sem nacionalismo, [...] movidos pelo presente mas estalando naquele cio racial que só as tradições maduram! [...] Precisa-se gentes com bastante meiguice no sentimento, bastante força na peitaria, bastante paciência no entusiasmo e sobretudo, oh! sobretudo bastante vergonha na cara!

[...] Enfim: precisa-se brasileiros! Assim está escrito no anúncio vistoso de cores desesperadas pintado sobre o corpo do nosso Brasil, camaradas.

A NOITE, São Paulo, 18 dez. 1925 apud LOPES, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. [Fragmento]

No trecho anterior, Mário de Andrade dá forma a um dos itens do ideário modernista, que é o de firmar a feição de uma língua mais autêntica, "brasileira", ao expressar-se numa variante de linguagem popular identificada pelo(a)

- A) escolha de palavras como "cio", "peitaria", "vergonha".  
 B) emprego da pontuação.  
 C) repetição do adjetivo "bastante".  
 D) concordância empregada em "Assim está escrito".  
 E) escolha de construção do tipo "precisa-se gentes".

02. (Enem)

## Lisboa: aventura

tomei um expresso  
 cheguei de foguete  
 subi num bonde  
 descí de um elétrico  
 pedi um cafezinho  
 serviram-me uma bica  
 quis comprar meias  
 só vendiam peúgas  
 fui dar a descarga  
 disparei um autoclisma  
 gritei "ó cara!"  
 responderam-me <<ó pá>>  
 positivamente

as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

PAES, J. P. *A poesia está morta mas juro que não fui eu*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

No texto, a diversidade linguística é apresentada pela ótica de um observador que entra em contato com uma comunidade linguística diferente da sua. Esse observador é um

- A) falante do português brasileiro relatando o seu contato na Europa com o português lusitano.  
 B) imigrante em Lisboa com domínio dos registros formal e informal do português europeu.  
 C) turista europeu com domínio de duas variedades do português em visita a Lisboa.  
 D) português com domínio da variedade coloquial da língua falada no Brasil.  
 E) poeta brasileiro defensor do uso padrão da língua falada em Portugal.

## GABARITO

Meu aproveitamento 

## Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. D  
 02. A ausência desse complemento se justifica pelas diferentes opções de viagem à disposição do cliente, ou seja, a CVC o leva para onde ele quiser. O verbo "levar" pode também estar relacionado ao verbo "sonhar" – levar para o sonho, que, no anúncio, tem sentido de "desejar" conhecer algum lugar, do Brasil ou do mundo.  
 03. Na oração, os termos "o nascimento", "o crescimento", "a reprodução", "a nutrição" e "a morte" funcionam como o objeto direto do verbo "estudar". Eles estão organizados por gradação, em que, por ordem cronológica, perfazem o ciclo da vida, no entanto, o substantivo "nutrição" rompe essa organização, já que é um processo invisível e não faz parte do ciclo.  
 04. O gato recebeu, em cima do muro, o aviso da presença do menino. (Frase não ambígua)  
 O gato recebeu o aviso da presença do menino em cima do muro. (Frase ambígua)

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. C  
 02. A  
 03. B  
 04. D  
 05. E  
 06. A  
 07. E  
 08. E  
 09. E  
 10. D  
 11.  
 A) Voz passiva analítica:  
 Em uma recente análise, é mostrado pela revista *The Economist* que a força de trabalho foi dobrada pela entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial.  
 B) Voz passiva sintética:  
 Em uma recente análise, mostra-se que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho.

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E  
 02. A

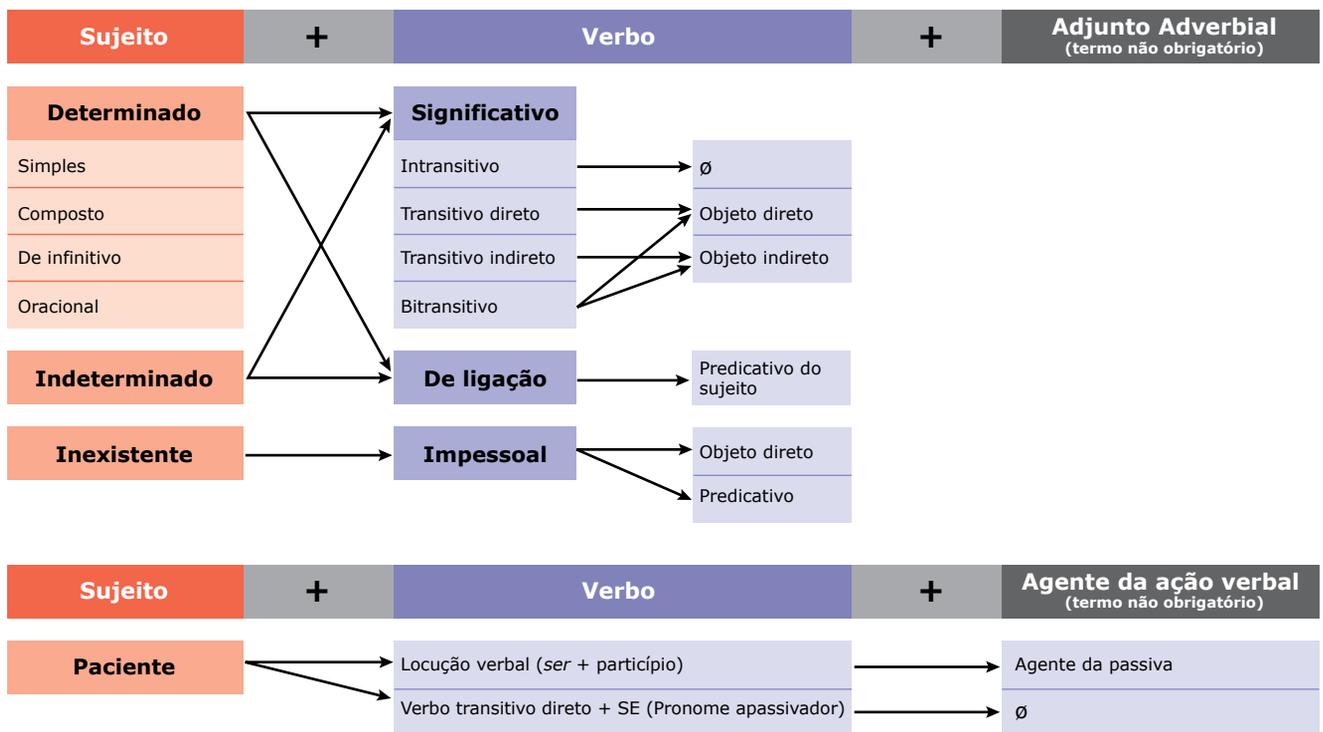


Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Termos Ligados ao Nome

Até esse momento, estudamos as funções de sujeito, predicado, objeto direto e indireto, adjunto adverbial e agente da passiva. Vimos que o sujeito e o predicado são considerados termos essenciais da oração e que os complementos verbais, o adjunto adverbial e o agente da passiva são termos que podem aparecer ou não em uma oração, dependendo do verbo que a constitui (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, bitransitivo, impessoal).

É possível, a partir do que já sabemos sobre esses termos, apresentar as estruturas frasais mais comuns na Língua Portuguesa. Veja:

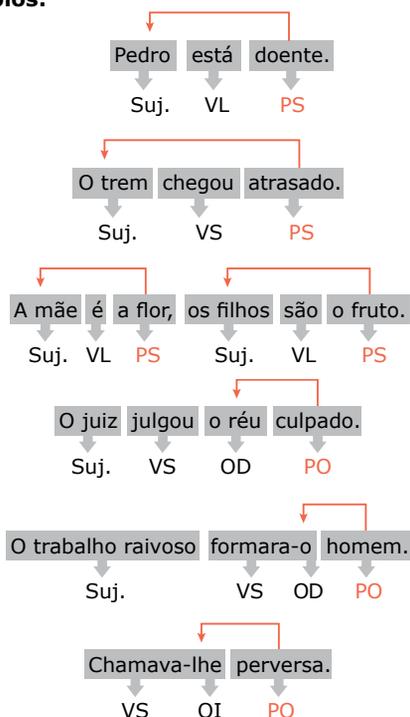


Vamos, neste módulo, passar ao estudo das funções sintáticas que restam: o predicativo, o adjunto adnominal, o complemento nominal, o aposto e o vocativo. Como você deve ter percebido, com exceção do predicativo, nenhum desses termos aparece nas estruturas descritas. Isso ocorre porque o adjunto adnominal e o complemento nominal integram outros termos da oração. Podem, por exemplo, fazer parte do sujeito, do objeto direto, do adjunto adverbial, etc. O aposto sempre se refere a outro termo qualquer da frase, explicando-o, especificando-lhe o sentido. O vocativo, por sua vez, não se relaciona diretamente com os demais termos em uma oração, como veremos a seguir. Todos esses termos estão ligados a outros termos de natureza nominal, isto é, cujo núcleo é um substantivo. Por isso, vamos tratá-los aqui como "termos ligados ao nome".

## PREDICATIVO

**Predicativo** é o termo de **natureza adjetiva** que expressa uma característica ou um estado do nome ao qual se liga por meio de um verbo. Pode ser **determinante** tanto do sujeito da oração, caso em que é chamado de **predicativo do sujeito**, quanto do objeto do verbo, sendo chamado, então, de **predicativo do objeto**. Os verbos que se prestam a fazer essa ligação podem ser os de ligação, bem como os significativos.

**Exemplos:**

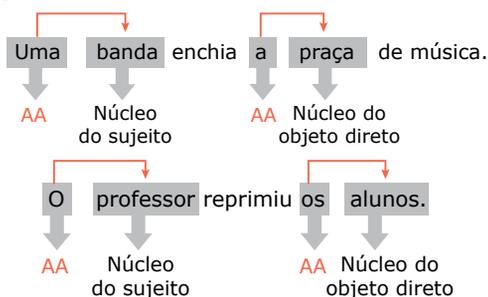


**TOME NOTA!**

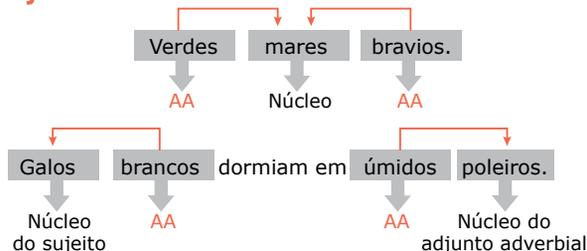
Por expressarem, na frase, uma importante noção a respeito do sujeito ou do objeto, esses termos são considerados **núcleos** do predicado. Dessa forma, se o predicado for formado por um verbo significativo e, ao mesmo tempo, por um termo predicativo, esse predicado será classificado como **verbo-nominal** (PVN). Se, no entanto, o verbo que acompanha o predicativo for de ligação, ou seja, aquele que não expressa nenhuma ideia senão a de estado, o predicado será chamado de **nominal** (PN). Para as frases compostas apenas por verbos significativos, sem a presença de predicativos, o predicado será classificado como **verbal** (PV).

- Virgília entrou risonha e sossegada. (PVN)
- As almas são comunicáveis. (PN)
- Mário acaricia os cabelos de Helena. (PV)

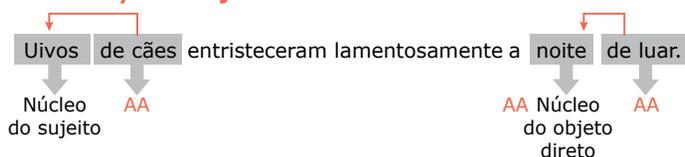
**Artigo definido ou indefinido**



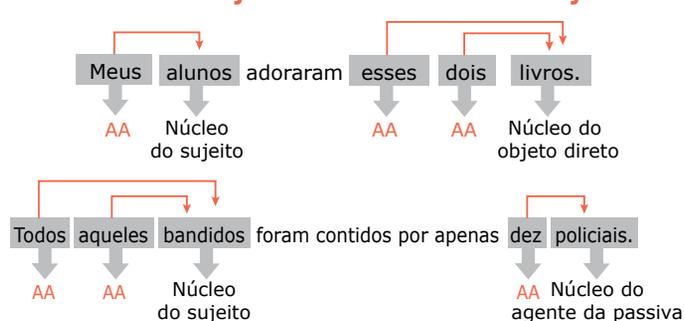
**Adjetivo**



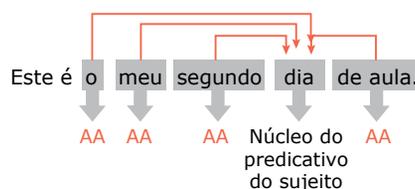
**Locução adjetiva**



**Pronome adjetivo ou numeral adjetivo**



Como foi possível perceber nos exemplos citados, um mesmo núcleo pode vir determinado por vários adjuntos adnominais.



Geralmente, não se repete um mesmo adjunto adnominal que determina mais de um núcleo, como se pode observar a seguir: O sono da morte exclui os sonhos e pesadelos da vida (= sonhos da vida e pesadelos da vida).

**ADJUNTO ADNOMINAL**

**Adjunto adnominal** é o termo de **valor adjetivo** que delimita, restringe e especifica o significado de um substantivo ou expressão substantivada que, por sua vez, constitui o núcleo de um grupo nominal. Ou seja, esse termo é **determinante do núcleo de um grupo nominal**. Assim, os adjuntos adnominais não aparecem isolados na frase, mas compõem um outro termo da oração (sujeito, objeto direto e indireto, predicativo, adjunto adverbial, aposto, vocativo, agente da passiva). O adjunto adnominal pode ser expresso por:



**TOME NOTA!**

Ao se analisar uma oração, é comum confundir o predicativo com o adjunto adnominal. Para evitar a confusão, basta observar se há mediação verbal ou não entre o termo de valor adjetivo e o termo de valor substantivo.

Quando o predicativo aparece, entretanto, em sentenças com verbos significativos, fica mais difícil perceber se há ou não mediação verbal. Nesse caso, pode-se observar se a característica expressa pelo termo de valor adjetivo é permanente, caso em que ocorre o adjunto adnominal, ou transitória, o que indica ocorrer um predicativo.

Veja os exemplos:

- Os jogadores **cansados** dirigiram-se ao banco de reservas. → ADJUNTO ADNOMINAL
- Os jogadores dirigiram-se **cansados** ao banco de reservas. → PREDICATIVO DO SUJEITO
- Os jogadores, **cansados**, dirigiram-se ao banco de reservas. → PREDICATIVO DO SUJEITO

Nem todo substantivo completado por um CN possui um verbo correspondente de mesma raiz. Isso se dá ou porque o verbo pode ter desaparecido na história da língua ou porque, talvez, nunca tenha existido de fato. Nesse caso, o recurso utilizado para se reconhecer um CN é a comparação a um substantivo de valor semântico próximo.

**Exemplos:**

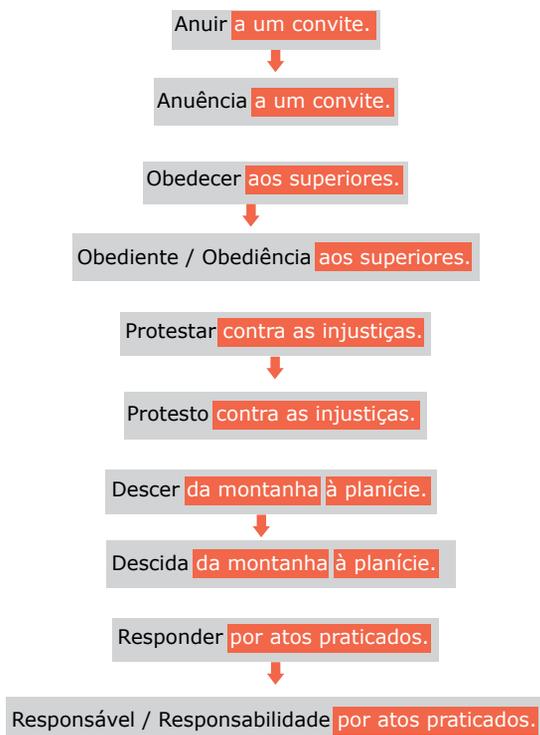
- Saudade de minha pátria (desejar, lembrar a pátria).
- Medo de escuro (temer, recear o escuro).
- Horror a cigarro (detestar, odiar cigarro), etc.

Nos casos em que o **adjunto adnominal** é formado por **locução adjetiva**, ou seja, por preposição + nome, é comum confundi-lo com o **complemento nominal**. Para tentar desfazer esse equívoco, é preciso salientar que o **CN** tem atrelada a si a noção de **alvo** ou **objeto** do nome (à semelhança do CV), ao passo que o **AA** indica, entre outros papéis, o de **agente** ou **experenciador**, que se refere a quem desempenha uma ação, um processo. Veja os exemplos:

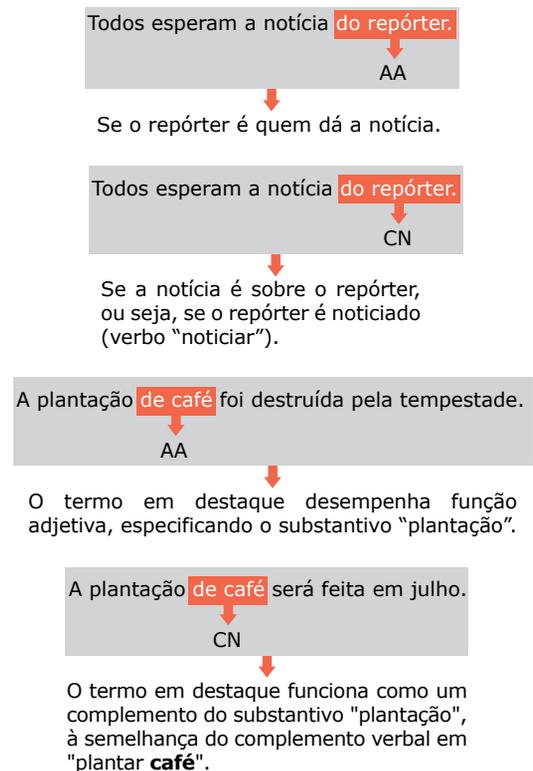
- *Amor de filho.* → O filho é quem ama, portanto "de filho" é ADJUNTO ADNOMINAL.
- *Amor ao filho.* → O filho é amado, portanto "ao filho" é COMPLEMENTO NOMINAL.

## COMPLEMENTO NOMINAL

**Complemento nominal** é, à maneira do complemento verbal, um **termo** que completa o significado transitivo de um nome (substantivo, adjetivo e advérbio), denotando a noção de alvo. É precedido de **preposição obrigatória**. Observe o esquema a seguir, em que os complementos verbais (CVs) passam a complementos nominais (CNs):



Há casos, entretanto, em que há ambiguidade de interpretação e classificação. Observe:



Definir se um termo preposicionado que está ligado a um nome é adjunto adnominal ou complemento nominal costuma ser visto com terror por qualquer estudante de Gramática. Entretanto, não há real motivo para pânico. Apesar de um pouco trabalhosa, a análise não é difícil, desde que se atente para a expressão presente na frase a que o termo preposicionado está ligado.

- Se estiver ligado a um **adjetivo** ou a um **advérbio**, ele será um **complemento nominal**.
  - *Ela chegou aqui cheia de graça.* (“de graça” completa o sentido do adjetivo “cheia”; é, portanto, complemento nominal.)
  - *Relativamente a esse assunto nada posso informar.* (“a esse assunto” completa o sentido de “relativamente”; é, portanto, um complemento nominal.)
- Se estiver ligado a um **substantivo concreto**, ele será um **adjunto adnominal**.
  - *Na biblioteca da escola, há vários romances bárbaros.* (“da escola” completa o sentido do substantivo concreto “biblioteca”; é, portanto, adjunto adnominal.)
  - *O pacote de expansão do programa será lançado em breve.* (“de expansão” completa o sentido do substantivo concreto “pacote”; é, portanto, adjunto adnominal. Já “do programa” funciona como complemento nominal de “expansão”).
- Se estiver ligado a um **substantivo abstrato**, será necessário verificar se o termo desempenha a função de alvo ou de agente do processo denotado pelo nome; se for alvo do processo, o termo será um **complemento nominal**; se for **agente**, será um **adjunto adnominal**.
  - *Esse contrato só terá validade após receber a assinatura do presidente desta empresa.* (O presidente é quem assina o contrato; portanto, é agente do processo denotado pelo substantivo “assinatura”; nesse caso, classifica-se como adjunto adnominal.)
  - *A assinatura do contrato depende da vontade do presidente desta empresa.* (O contrato será assinado pelo presidente; portanto, é alvo do processo denotado pelo substantivo “assinatura”; nesse caso, classifica-se como complemento nominal.)

## APOSTO

Aposto é um termo de natureza nominal que serve para explicar ou esclarecer o sentido de um outro nome e / ou sentença, sendo-lhe um equivalente, um identificador ou até um resumo.

Normalmente, o aposto é separado por dois pontos, vírgula, travessão ou mesmo por parênteses, o que, numa leitura, é marcado pela pausa que se faz.

Veja os exemplos seguintes:

- *Ela – a aluna – saiu por último.* (“a aluna” explica o termo “ela”).
- *Paulo ganhou dois presentes: um relógio e uma bicicleta.* (“um relógio e uma bicicleta” esclarece quais foram os “dois presentes” de Paulo.)
- *Pedro II, imperador do Brasil, desejava ser professor.* (“imperador do Brasil” explica quem foi “Pedro II”).
- *Muito devemos a Gutenberg, o inventor da imprensa.* (“o inventor da imprensa” identifica “Gutenberg”).
- *Tudo – alegrias, tristezas e preocupações – ficava logo estampado no seu rosto.* (“alegrias, tristezas e preocupações” esclarece o que vem a ser “tudo”).
- *A Matemática, a História, a Língua Portuguesa, nada tinha segredo para ele.* (“nada” resume a expressão “a Matemática, a História, a Língua Portuguesa”).

Há um tipo especial de aposto – aposto especificativo – que pode juntar-se a um nome comum para indicar-lhe o tipo ou a espécie.

- Rio **Amazonas**, Rio **Jequitinhonha**, Rio **Doce**;
- Lojas **Bahia**, Lojas **Americanas**, Lojas **Pernambucanas**;
- A presidente **Dilma Rousseff**, o presidente **Nicolas Sarkozy**, o Presidente **Barack Obama**;
- A atriz **Fernanda Montenegro**, a atriz **Cláudia Raia**, a atriz **Glória Menezes**;
- A cidade **de São Paulo**, a cidade **do Rio de Janeiro**, a cidade **de Belo Horizonte**;
- O autor **Machado de Assis**, o autor **José Saramago**, o autor **Fernando Pessoa**.



## TOME NOTA!

Pelo fato de o aposto especificativo não ser, como os demais, separado do termo que explica por sinal de pontuação, é costumeiramente confundido com um adjunto adnominal. Por isso, atente-se: sempre que um termo particularizar um substantivo comum genérico, especificando-o, ele será um aposto especificativo.

Se você voltar aos exemplos anteriores, perceberá que:

- **Amazonas, Jequitinhonha e Doce** são rios;
- **Bahia, Americanas e Pernambucanas** são lojas;
- **Dilma Rousseff, Nicolas Sarkozy e Barack Obama** são presidentes, etc.

Outro tipo de aposto é aquele que se refere não somente a um termo da oração, mas à oração inteira.

- *Depois da prova, José estava radiante, **sinal de seu sucesso**.*
- *A revolução trouxe muitas mortes, **fato lastimável**.*

Pelo fato de o aposto ter o mesmo valor sintático do termo a que se refere, ele pode ocorrer em diferentes funções na oração.

- SUJEITO: ***Nós** tínhamos imaginado, **mamãe e eu**, fazer uma grande peregrinação.*
- PREDICATIVO: *Ele era o famoso **Ricardão, o homem das beiras do Verde Pequeno**.*
- COMPLEMENTO NOMINAL: *D. Tonica tinha fé **em sua madrinha, Nossa Senhora da Conceição**, e investiu a fortaleza com muita arte e valor.*
- OBJETO DIRETO: *O pequeno italiano, na esquina, apregoava **os jornais da tarde: Notícia! Tribuna! Despacho!***
- OBJETO INDIRETO: *Casara-se **com um bacharel da Paraíba, o Dr. Moreira Lima, juiz em Pilar**.*
- AGENTE DA PASSIVA: *O nosso candidato, o poeta Martins Júnior, era combatido **pelo candidato baiano Filinto Bastos**.*

- ADJUNTO ADVERBIAL: *Você não tem relações **aqui, no Rio, menino**?*
- APOSTO: *Uma novidade os esperava: **dois bustos de mármore, postos sobre a mesa, os dois Napoleões, o primeiro e o terceiro**.*
- VOCATIVO: *“**Peri**, guerreiro livre, tu és meu escravo [...]”.*

## VOCATIVO

É o termo de natureza nominal que se acrescenta a uma oração quando se quer interpelar diretamente o interlocutor:

- ***Senhor!** Por que nos abandonaste?*
- *“E agora, **José?**”*
- *“Fuja, **fidalgo**, que me perco! [...]”*
- *“Oh! **seu Pilar** – bradou o mestre com voz de trovão.”*

Esse termo, por não pertencer, de fato, à oração, vem sempre precedido ou sucedido por um sinal de pontuação.



## Termos ligados ao nome

Você sabe quais são os termos ligados ao nome em uma oração? Nessa vídeoaula, vamos falar mais detalhadamente sobre eles.

GYU7

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFLA-MG) “Jazia **a um canto, arrepiado, morto-vivo.**”

A função sintática exercida pelos termos destacados é, respectivamente,

- A) adjunto adnominal / adjunto adverbial / predicativo.
- B) objeto direto / predicativo / adjunto adverbial.
- C) adjunto adverbial / predicativo / predicativo.
- D) objeto indireto / predicativo / adjunto adverbial.
- E) predicativo / adjunto adverbial / adjunto adverbial.

## 02. (ITA-SP)

**Noite pontual**

Cobra Norato

Lua cheia apontou, pororoca roncou

Vem que vem vindo como uma onda inchada

Rolando e embolando

Com a água aos tombos

Vagalhões avançam pelas margens espantadas

Um pedaço de mar mudou de lugar

Somem-se ilhas menores

Debaixo da onda bojuda

Arrasando a vegetação

Fica para trás o mangue

Aparando o céu com braços levantados

Florestinhas se somem

A água comovida abraça-se **com o mato**

Estalam árvores quebradas de tripa de fora

Pororoca traz de volta a terra emigrante que fugiu de casa

Levada **pela correnteza.**

Sintaticamente, os termos “com o mato” e “pela correnteza” funcionam respectivamente como

- A) adjunto adnominal e agente da passiva.
- B) adjunto adverbial e adjunto adverbial.
- C) objeto indireto e agente da passiva.
- D) objeto indireto e adjunto adnominal.
- E) adjunto adverbial e adjunto adnominal.

## 03. (PUC-SP) Observe os fragmentos.

I. “[...] custou-lhe a história uma forte sarabanda [...]”

II. “[...] o amor e o ciúme lhe ocupavam a alma [...]”

O “lhe”, pronome pessoal do caso oblíquo átono, pode exercer diferentes funções sintáticas.

Depois de analisar os trechos anteriores, assinale a alternativa que indica a função exercida por esse pronome em cada um dos fragmentos, respectivamente.

- A) Objeto indireto – objeto indireto.
- B) Complemento nominal – adjunto adnominal.
- C) Adjunto adnominal – adjunto adnominal.
- D) Objeto indireto – adjunto adnominal.
- E) Objeto indireto – complemento nominal.

## 04. (Insper-SP)

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1 801 / 5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se devera simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que aflorasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.

SANTANA, Sérgio. In: MORICONI, Ítalo (Org.).

*Os cem melhores contos brasileiros do século.*

Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Em “não **lhe** passou pela cabeça que pudesse ser **ele** o centro das atenções”, os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

- A) objeto indireto e sujeito.
- B) complemento nominal e objeto direto.
- C) adjunto adnominal e sujeito.
- D) objeto indireto e predicativo do objeto.
- E) adjunto adnominal e predicativo do sujeito.

**05.** (UNIFESP)

**Geni e o zepelim**

De tudo que é nego torto  
 Do mangue e do cais do porto  
 Ela já foi namorada  
 O seu corpo é dos errantes  
 Dos cegos, dos retirantes  
 É de quem não tem mais nada  
 Dá-se assim desde menina  
 Na garagem, na cantina  
 Atrás do tanque, no mato  
 É a rainha dos detentos  
 Das loucas, dos lazarentos  
 Dos moleques do internato  
 E também vai amiúde  
 Co'os velhinhos sem saúde  
 E as viúvas sem porvir  
 Ela é um poço de bondade  
 E é por isso que a cidade  
 Vive sempre a repetir  
 Joga pedra na Geni  
 Joga pedra na Geni  
 Ela é feita pra apanhar  
 Ela é boa de cuspir  
 Ela dá pra qualquer um  
 Maldita Geni  
 [...]

Chico Buarque.

Indique a alternativa que apresenta a função sintática do verso “De tudo que é nego torto”.

- A) Adjunto adverbial de modo.
- B) Objeto indireto.
- C) Predicativo do sujeito.
- D) Adjunto adnominal.
- E) Complemento nominal.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (IFCE) “Brasil, **terra de contrastes**: o pé direito só quer saber de bola...”
- “O termo em destaque sintaticamente é um
- A) agente da passiva.
  - B) vocativo.
  - C) adjunto adnominal.
  - D) adjunto adverbial.
  - E) aposto.
- 02.** (IFCE) Na frase da questão anterior, as palavras “o” e “direito” são, respectivamente,
- A) adjunto adnominal – adjunto adnominal.
  - B) aposto – adjunto adnominal.
  - C) complemento nominal – vocativo.
  - D) agente da passiva – adjunto adnominal.
  - E) adjunto adnominal – adjunto adverbial.
- 03.** (Insper-SP) Em “Nós estamos num estado comparável somente à Grécia”, o termo grifado exerce a função de
- A) predicativo do sujeito.
  - B) complemento nominal.
  - C) adjunto adnominal.
  - D) aposto.
  - E) adjunto adverbial.
- 04.** (IFCE-2016) Na frase “Isto **lhe** será bastante útil”, o termo em destaque é um
- A) adjunto adverbial.
  - B) complemento nominal.
  - C) adjunto adnominal.
  - D) predicativo do sujeito.
  - E) objeto indireto.

- 05.** (Unesp) [...] à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumiando o caminho.  
 SK2E  
 Eliminando-se o apostro, a frase em destaque apresentará, de acordo com a norma-padrão, a seguinte forma:
- A) à frente voam os vaga-lumes, seus batedores, alumiando o caminho.  
 B) à frente dele voam os vaga-lumes batedores, alumiando o caminho.  
 C) à frente dele voam seus batedores, alumiando o caminho.  
 D) à frente dele voam os vaga-lumes, alumiando o caminho.  
 E) à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumiando.

- 06.** (Insper-SP) Utilize o texto a seguir para responder à questão.

#### Cerco ao Ebola

A epidemia de Ebola que castiga os países africanos Serra Leoa, Guiné e Libéria ganhou contornos ainda mais preocupantes na semana passada. Na sexta-feira 8, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a proliferação do vírus uma emergência de saúde internacional.

Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/376794\\_CERCO+AO+EBOLA](http://www.istoe.com.br/reportagens/376794_CERCO+AO+EBOLA)> (Adaptação).

Por apresentarem valores semânticos, os conectivos desempenham importante papel na construção dos textos. Observa-se, por exemplo, que, na reportagem anterior, o uso das preposições nas expressões “cerco ao Ebola” e “epidemia de Ebola” estabelece diferentes relações sintáticas. A função das expressões grifadas é, respectivamente,

- A) complemento nominal e adjunto adnominal.  
 B) adjunto adnominal e predicativo do sujeito.  
 C) agente da passiva e adjunto adnominal.  
 D) sujeito e complemento nominal.  
 E) adjunto adnominal e agente da passiva.
- 07.** (Insper-SP-2016)



Disponível em: <<https://emiliobarbosa.wordpress.com/2011/03/28/28-mar-o-alerta-e-geral-dengue-mata/28-marco-charge-dengue/>>.  
 Acesso em: 30 set. 2015.

Considerando os objetivos da charge, sua posição crítica é feita a partir da repetição do sintagma “controle da dengue”, em que “da dengue” assume diferentes funções sintáticas em cada ocorrência, sendo respectivamente

- A) sujeito e objeto indireto.  
 B) adjunto adnominal e apostro.  
 C) complemento nominal e adjunto adnominal.  
 D) sujeito e predicativo do sujeito.  
 E) apostro e complemento nominal.

08.  
IQLR

(PUC-SP) Considere o trecho:

“Os governos estão [1] sob pressão [2] para agirem à luz das conclusões do painel intergovernamental sobre mudança climática da ONU, que apontou grande probabilidade [3] de que no futuro haja mais tempestades, secas, ondas de calor provocadas [4] pela queima de combustíveis fósseis e outras atividades”.

Os termos grifados e numerados exercem, respectivamente, a função sintática de

- A) predicativo do sujeito, adjunto adverbial de finalidade, complemento nominal e agente da passiva.
- B) predicativo do sujeito, adjunto adverbial de conformidade, objeto indireto e sujeito paciente.
- C) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de consequência, objeto direto preposicionado e aposto.
- D) adjunto adnominal, adjunto adverbial de afirmação, adjunto adnominal e complemento nominal.
- E) adjunto adverbial de companhia, adjunto adverbial de proporção, agente da passiva e objeto indireto.

09. (FGV-SP) Observe os versos a seguir:

Rouba-lhe a idade, pérfida e assassina,  
Mais do que a vida, o orgulho de ser bela!

Deles se entende que

- A) “a vida” é sujeito.
- B) “pérfida e assassina” é vocativo.
- C) “a idade” é objeto direto.
- D) “a idade” é sujeito.
- E) “o orgulho de ser bela” é aposto de “vida”.

10.  
QMFV

(UFMS) Faça uma análise sintática da oração adiante e, a seguir, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

“A ordem, meus amigos, é a base do governo.”

- 01. “A ordem” é sujeito simples; “é a base do governo” é predicado nominal.
- 02. A expressão “meus amigos” é aposto.
- 04. “A”, “meus”, “a”, “do governo” são adjuntos adnominais.
- 08. “é” – verbo transitivo direto.
- 16. “a base do governo” é predicativo do objeto.

Soma ( )

11. (FGV-SP–2015) Leia o texto para responder à questão.

– Hoje é dia de Natal, menino. Eles vão jantar fora, eu também tenho a minha festa, você vai jantar sozinho.

Alonso inclinou-se. E espiou apreensivo debaixo do fogão. Dois olhinhos brilharam no escuro. [O cachorro] Biruta ainda estava lá e Alonso suspirou. Era tão bom quando Biruta resolvia se sentar! Melhor ainda quando dormia. Tinha então a certeza de que não estava acontecendo nada, era a trégua. Voltou-se para Leduína.

– O que seu filho vai ganhar?

– Um cavalinho – disse a mulher. A voz suavizou. – Quando ele acordar amanhã vai encontrar o cavalinho dentro do sapato dele. Vivia me atormentando que queria um cavalinho, que queria um cavalinho...

Alonso pegou uma batata cozida, morna ainda. Fechou-a nas mãos arroxeadas.

– Lá no orfanato, no Natal, apareciam umas moças com uns saquinhos de balas e roupas. Tinha uma moça que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. Era a madrinha. Um dia ela me deu sapatos, um casaquinho de malha e uma camisa...

– Por que ela não adotou você?

– Ela disse uma vez que ia me levar, ela disse. Depois não sei por que ela não apareceu mais, sumiu...

Deixou cair na caçarola a batata já fria. E ficou em silêncio, as mãos abertas em torno da vasilha. Apertou os olhos. Deles irradiou-se para todo o rosto uma expressão dura. Dois anos seguidos esperou por ela, pois não prometera levá-lo? Não prometera? Nem sabia o seu nome, não sabia nada a seu respeito, era apenas a Madrinha. Inutilmente a procurava entre as moças que apareciam no fim do ano com os pacotes de presentes. Inutilmente cantava mais alto do que todos no fim da festa na capela. Ah, se ela pudesse ouvi-lo!

TELLES, Lygia Fagundes. *Um coração ardente*.

Analisando o texto, explique

- A) que efeito de sentido produz a diferença de forma no emprego das palavras destacadas nas frases:
  - Tinha uma moça que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. Era a **madrinha**. (6º parágrafo)
  - Nem sabia o seu nome, não sabia nada a seu respeito, era apenas a **Madrinha**. (9º parágrafo)
- B) qual a função sintática das expressões destacadas nas frases:
  - Hoje é dia **de Natal**, menino. (1º parágrafo)
  - Lá no orfanato, **no Natal**, apareciam umas moças com uns saquinhos de balas e roupas. (6º parágrafo)

## SEÇÃO ENEM

01. (Enem) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

**Campanha contra a violência do governo do estado entra em nova fase**

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

- A) Campanha contra o governo do estado e a violência entram em nova fase.
- B) A violência do governo do estado entra em nova fase de Campanha.
- C) Campanha contra o governo do estado entra em nova fase de violência.
- D) A violência da campanha do governo do estado entra em nova fase.
- E) Campanha do governo do estado contra a violência entra em nova fase.
02. A sintaxe classifica os termos da oração em virtude da função exercida por eles.

“**Felicidade!** Passei no vestibular”

Sintaticamente, o termo em negrito exerce a função de

- A) aposto.
- B) vocativo.
- C) sujeito.
- D) agente da passiva.
- E) complemento nominal.

03. “Vai, triste canção, sai do meu peito [...]”

Vinicius de Moraes

A alternativa que apresenta vírgulas usadas pelo mesmo motivo que as da transcrição anterior é:

- A) Ah, não seja a vida sempre assim...
- B) E não me sai do pensamento / Sempre, sempre longe
- C) Vive em mim além do tempo / Longe, longe, onde?
- D) Esse amor sem fim, onde andará?
- E) Esse amor, meu amor, / Onde andará?

## Propostas

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E
02. A
03. B
04. B
05. D
06. A
07. C
08. A
09. D
10. Soma = 05
- 11.
- A) Na primeira passagem, o emprego do substantivo comum sinaliza que a moça fazia o seu papel de madrinha como tantas outras que iam ao orfanato cumprir sua missão natalina. Na segunda ocorrência, o uso do substantivo com maiúscula o situa como substantivo próprio: agora, o garoto já não fala de qualquer moça, mas especificamente daquele que lhe falara que o levaria daquele lugar.
- B) Na primeira ocorrência, há um adjunto adnominal, referindo-se, com sentido de qualificação, ao substantivo “dia”. Na segunda, um adjunto adverbial de tempo, modificando a oração.

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E
02. A
03. E

 Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## GABARITO

Meu aproveitamento 

## Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. C       03. D       05. E
02. C       04. C

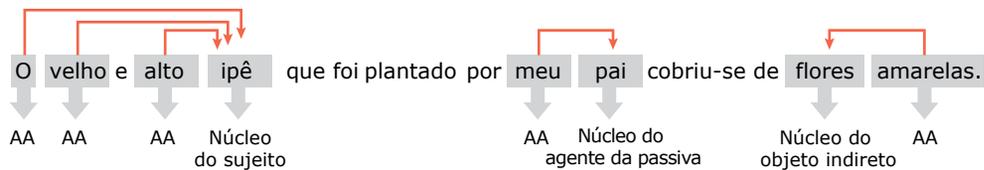
## Concordância Nominal

Dando continuidade ao estudo da sintaxe, este módulo sistematiza as regras gerais de concordância nominal e apresenta alguns casos especiais. Na verdade, já conhecemos muitas dessas regras. Quando estudamos as relações entre termos determinantes e termos determinados, conhecemos a regra geral de concordância nominal, ou seja, aquela que se faz entre o núcleo substantivo e seus determinantes nos grupos nominais.

### REGRA GERAL

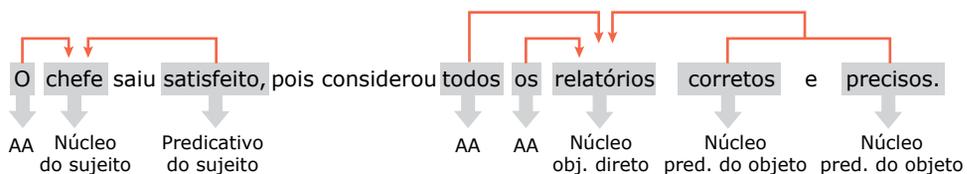
A **concordância nominal** diz respeito às relações de determinação entre os termos que compõem um grupo nominal. Conforme já estudamos, em um **grupo nominal**, os **determinantes concordam com o termo determinado**, ou seja, adjetivos, artigos, pronomes e numerais adjetivos são flexionados de modo a concordar em gênero e número com o substantivo que constitui o núcleo do grupo.

Observe a frase a seguir:



A regra de concordância nominal também se estende às relações do sujeito e do objeto direto com seus respectivos **predicativos**, uma vez que estes são determinantes daqueles.

Observe:



Essa é a regra geral, mas é preciso atentar-se para alguns casos que podem gerar dúvidas.

### PRINCIPAIS CASOS

#### Adjetivo posposto a vários substantivos

A) Substantivos do mesmo gênero → o adjetivo pode concordar com o último substantivo ou ir para o plural.

**Exemplos:**

- No vilarejo havia uma praça e uma **igreja antiga**.
- No vilarejo havia uma **praça** e uma **igreja antigas**.

B) Substantivos de gêneros diferentes → o adjetivo pode concordar com o último substantivo ou ir para o masculino plural.<sup>1</sup>

**Exemplos:**

- No vilarejo havia um prédio e uma igreja antiga.
- No vilarejo havia um prédio e uma igreja antigos.

## Adjetivo anteposto a vários substantivos

O adjetivo concorda, por norma, com o substantivo mais próximo.

**Exemplos:**

- Você não escolheu bom lugar e hora para contar tudo.
- Você não escolheu boa hora e lugar para contar tudo.

**TOME NOTA!**

Quando o adjetivo anteposto for um predicativo (do sujeito ou do objeto), poderá concordar com o substantivo mais próximo ou ir para o plural.

**Exemplos:**

- Estava deserta a vila, a casa e o templo.
- Estavam desertos a vila, a casa e o templo.
- É preciso que mantenham limpa a rua e o jardim.
- É preciso que mantenham limpos a rua e o jardim.

## Um substantivo e vários adjetivos

A) O substantivo, determinado pelo artigo, fica no singular, e repete-se o artigo a partir do segundo adjetivo, já que ocorre a elipse do substantivo.

**Exemplo:**

- O produto conquistou o mercado europeu e o americano.

B) O substantivo vai para o plural e não se repete o artigo antes de cada adjetivo.

**Exemplo:**

- O produto conquistou os mercados europeu e americano.

## OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL



### Mesmo, longe, caro, barato, alto e lesa

Tais palavras podem ter valor adjetivo ou advérbial.

A) Na função de pronomes adjetivos ou de adjetivos, concordam com a palavra a que se referem.

**Exemplos:**

- Elas mesmas farão a apresentação.
- Estes livros são caros.

B) Na função de advérbio, são invariáveis.

**Exemplos:**

- Elas farão mesmo a apresentação.
- Estes livros custam caro.

### Bastante, muito

A) Na função de pronome indefinido, concordam com a palavra a que se referem.

**Exemplos:**

- Comprei bastantes balas.
- Comprei muitas coisas.

B) Na função de advérbio, são invariáveis.

**Exemplos:**

- Comprei bastante ontem.
- Comprei muito durante o período de liquidação.

<sup>1</sup> Se os substantivos formarem uma gradação ou forem sinônimos, o adjetivo só poderá concordar com o substantivo mais próximo.

Exemplos:

- Com um olhar, um sorriso, um beijo terno, despediram-se.
- Era visível o seu talento, o seu engenho raro para a música.

## Meio

A) Na função de numeral ou substantivo, flexiona-se.

**Exemplos:**

- Não gosto de **meias palavras**.
- Há **outros meios** de se chegar à solução.

B) Na função de advérbio, é invariável.

**Exemplo:**

- A criança ficou **meio cansada**.

## Só, a só

A) Quando "só" equivale a "somente", é invariável.

**Exemplo:**

- Só eles não concordaram.

B) Quando "só" equivale a "sozinho", varia de acordo com a palavra a que se refere.

**Exemplo:**

- **Eles saíram só**.

C) A locução adverbial "a só" é invariável.

**Exemplo:**

- Ele gostaria de **ficar a só**.

## É bom, é proibido, é necessário + substantivo

A) Se há um determinante anteposto ao substantivo, tais expressões concordam com o substantivo.

**Exemplo:**

- É **permitida a entrada** de crianças.

B) Se não há um determinante anteposto ao substantivo, tais expressões ficam invariáveis (masculino singular)<sup>2</sup>.

**Exemplo:**

- É permitido entrada de crianças.

## O mais... possível, o menos... possível

A palavra **possível** concorda com o artigo que inicia a expressão.

**Exemplos:**

- Quero um carro **o** mais barato **possível**.
- Usava ternos **os** mais caros **possíveis**.
- Há revistas **as** mais fúteis **possíveis**.

## Anexo, lesa, obrigado, incluso, apenso, quite, próprio

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número.

- **Anexa** à presente, vai a **relação** das mercadorias.
- Remeto-lhe, **inclusa**, uma **fotocópia** do recibo.
- Pôr vírgula entre sujeito e predicado é crime de **lesa-sintaxe**!
- **Ela própria** disse: "Muito **obrigada**".
- **Nós** estamos **quites**.

## Menos, alerta, abaixo, pseudo, salvo, tirante

São invariáveis.

**Exemplos:**

- Foi questionada por **pseudofiscais**.
- Os vigilantes estavam **alerta**.
- No jogo de ontem havia **menos** pessoas.

<sup>2</sup> Note-se que, caso o sujeito venha determinado (determinante anteposto) pelo pronome adjetivo "muito", tanto o verbo quanto o adjetivo permanecem invariáveis, conforme se pode ver no seguinte contexto frasal: "É preciso muita calma."

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (Cesgranrio) Há erro de concordância em
- atos e coisas más.
  - dificuldades e obstáculo intransponível.
  - cercas e trilhos abandonados.
  - fazendas e engenho prósperas.
  - serraria e estábulo conservados.
- 02.** (Mackenzie-SP) Indique a alternativa em que há erro.
- Os fatos falam por si sós.
  - A casa estava meio desleixada.
  - Os livros estão custando cada vez mais caro.
  - Seus apertes eram sempre o mais pertinentes possíveis.
  - Era a mim mesma que ele se referia, disse a moça.
- 03.** (UFV-MG) Assinale a alternativa em que ocorre erro de concordância nominal.
- Os estudos e as propostas dos estrangeiros foram totalmente inadequados.
  - O Brasil ainda há de devolver aos estrangeiros a verba que lhes pediu emprestada.
  - O autor não considera oportuno os comentários negativos dos porretas americanos.
  - Gostaria de dar por encerrada agora essa discussão tola sobre o suposto complexo de inferioridade dos brasileiros.
  - As mulheres e os homens brasileiros não são melhores nem piores do que os homens e as mulheres estrangeiros.
- 04.** (FUVEST-SP) “Disse com cuidado e sabedoria de ancião, como se precisasse tomar esse ar para falar como velho [...]”.

Clarice Lispector.

- Se, em vez da locução adjetiva **de ancião**, usássemos o adjetivo **venerando**, que formas o adjetivo poderia assumir, segundo a concordância nominal?
- E se colocássemos o mesmo adjetivo antes dos substantivos **cuidado** e **sabedoria**?

- 05.** (IFCE)

### Velho papel pode estar com os anos contados

Já imaginou, daqui a algumas décadas, seu neto lhe perguntando o que era papel? Pois é, alguns pesquisadores já estão trabalhando para que esse dia chegue logo.

A suposta ameaça à fibra natural não é o desajeitado *e-book*, mas o papel eletrônico, uma “folha” que você carregaria dobrada no bolso.

Ela seria capaz de mostrar o jornal do dia – com vídeos, fotos e notícias **atualizadas** –, o livro que você estivesse lendo ou qualquer informação antes impressa. Tudo ali.

Desde os anos 70, está no ar a ideia de papel eletrônico, mas as últimas novidades são de duas semanas atrás. Cientistas holandeses anunciaram que estão perto de criar uma tela com “quase todas” as propriedades do papel: leveza, flexibilidade, clareza, etc.

A novidade que deixa o invento um pouco mais palpável está nos transistores. No papel do futuro, eles não serão de silício, mas de plástico – que é maleável e barato.

Os holandeses dizem já ter um protótipo que mostra imagens em movimento em uma tela de duas polegadas, ainda que de qualidade “meia-boca”.

Mas não vá celebrando o fim do desmatamento e do peso na mochila. A expectativa é que um papel eletrônico mais ou menos convincente apareça só daqui a cinco anos.

FOLHA DE S.PAULO, 17 dez. 2001. Folhateen, p. 10.

A forma adjetiva “atualizadas” está concordando com os substantivos “fotos” e “notícias”. Não se observou a concordância nominal em:

- As mulheres disseram muito obrigadas.
- Não somos nenhuns coitados.
- Bastantes pessoas vão usar o papel do futuro.
- As novidades da informática custam caro.
- É proibido a entrada de pessoas estranha.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (IFAL–2016) Escolha a frase cuja concordância nominal está correta.
- Alguns pseudos-sociólogos se opõem ao Bolsa Família.
  - Há partes da floresta que estão menas devastadas que outras.
  - Visto a grande destruição, alguma atitude deve ser tomada.
  - Seguem anexo os documentos do processo.
  - Todos devem ficar alerta para a questão do desmatamento.
- 02.** (IFAL–2016) As relações de concordância nominal que aparecem nos textos a seguir indicam que os autores identificam-se com a categoria gramatical de gênero masculino. Apenas um texto contraria essa afirmação. Qual?
- “Insistir em algo que nunca dá certo é como calçar um sapato que não serve mais. Machuca, causa bolhas, às vezes até sangra. Aí você percebe que o melhor é ficar descalço. Deixar totalmente livre o coração, enquanto vive. Deixar livre os pés enquanto cresce.”
  - “Pega no meu queixo e diz que não sou só eu que sinto medo aqui. Faça alguma coisa ruim, qualquer coisa que me impeça imediatamente de sentir esse amor absurdo por você. Estou nas suas mãos e isso não é uma metáfora. Porque eu já não sei mais nada. Parece que sou mesmo seu foco de vida, mas também pode ser que você ande apenas distraída do resto do mundo.”
  - “Assim / Que o dia amanheceu / Lá no mar alto da paixão, / Dava prá ver o tempo ruir / Cadê você? / Que solidão! / Esquecera de mim? / Enfim, / De tudo o que / Há na terra / Não há nada em lugar / Nenhum / Que vá crescer / Sem você chegar / Longe de ti / Tudo parou / Ninguém sabe / O que eu sofri...”

- D) "Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal coisa que me aconteceu. E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo. Bem! Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão."
- E) "Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese. Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem das palavras. Talvez concorra para esse meu cuidado o fato de ter sido prático de farmácia durante cinco anos."

### 03. (UFSM-RS)



SOUSA, Mauricio de. Disponível em: <<http://alb.com.br/>>.

Acesso em: 04 jul. 2013.

A frase que poderia substituir corretamente a inscrição na placa, mantendo-se o sentido e a adequação à norma-padrão, é:

- A) Postergada a caça!  
 B) Proibido a caça de árvores!  
 C) Não é permitida caça!  
 D) Caça promulgada!  
 E) É proibido caça!

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões

### 04 e 05.

#### "Menas: o certo do errado, o errado do certo" no Museu da Língua Portuguesa



O Museu da Língua Portuguesa inaugurou no dia 16 de março "Menas: o certo do errado, o errado do certo". O próprio título da exposição é uma provocação [...]. A mostra deve ocupar 450 m<sup>2</sup> do Museu da Língua Portuguesa e conta com sete instalações, parte delas interativa, e fica em cartaz até junho, sem data fixa para terminar.

Disponível em: <<http://catracalivre.folha.uol.com.br/2010/02/em-marco-%E2%80%9Cmenas%E2%80%9D-no-museu-da-lingua-portuguesa/>>. [Fragmento]

**04.** (Insper-SP) Nas alternativas a seguir, encontram-se afirmações que buscam explicar o título da exposição. não é correto afirmar que

- A) Para os gramáticos "puristas", o erro de concordância nominal, presente no título da exposição, é uma afronta ao "bom português".  
 B) Embora a norma-padrão prescreva que os advérbios sejam invariáveis, a flexão de gênero na palavra "menas" é frequente em registros linguísticos populares.  
 C) Com a intenção de desmistificar a noção simplista do "certo" e do "errado" no idioma, o título da exposição revela que o português está sujeito a variações linguísticas.  
 D) A gafe linguística, presente no título da exposição, reforça a ideia de que as formas populares e seus erros obedecem a uma lógica do falante.  
 E) Como a palavra "menas" não existe, os curadores da exposição criaram um título contraditório que faz apologia ao "vale-tudo" na língua.

**05.** (Insper-SP) Analise estes períodos:

- I. Os documentos que seguem anexo devem esclarecer as dúvidas dos contribuintes.  
 II. Saiu publicado no jornal uma relação de bens confiscados.  
 III. A funcionária da Receita Federal ficou meia desconfiada de que houvesse fraude.

Utiliza(m) a mesma lógica de concordância nominal empregada no título da exposição do Museu da Língua Portuguesa o(s) período(s)

- A) I, II e III. D) apenas III.  
 B) apenas I. E) apenas I e II.  
 C) apenas II.

**06.** (ESPM-SP) Na frase: "Analfabetismo, saneamento básico e pobreza **combinados** explicam 62% da taxa de mortalidade das crianças com até cinco anos no Brasil." (O Estadão), o termo em negrito

- A) transgredir as normas de concordância nominal.  
 B) concorda em gênero e número com o elemento mais próximo.  
 C) faz uma concordância ideológica, num caso de silepse de número.  
 D) poderia ser substituído pelo termo "combinadas".  
 E) concorda com todos os termos a que se refere, prevalecendo o masculino plural.

**07.** (Unesp-2016) Nos trechos "asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações" (inciso II) e "assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados" (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

- A) apenas a primeira ocorrência está correta.  
 B) apenas a segunda ocorrência está correta.  
 C) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.  
 D) as duas ocorrências estão incorretas.  
 E) as duas ocorrências estão corretas.

- 08.** (UFPE) Segundo a norma-padrão da Língua Portuguesa, a alternativa em que as regras da concordância nominal e verbal foram respeitadas é:
- A) O resultado das mais recentes pesquisas, em anexo, mostraram índices preocupantes. Faltou soluções mais decisivas.
- B) Fiquem alerta: nenhum dos programas apresentados concederam prioridade à produção do texto escrito.
- C) Minas Gerais desenvolve pesquisas de ponta na área da alfabetização. Um novo grupo assumiram, eles mesmo, a coordenação dessas pesquisas.
- D) Foi passada uma série de informações infundadas: a maioria dos alunos lê literatura brasileira. Qual das pesquisas já enfatizou isso?
- E) Os pesquisadores, eles mesmo, em quase sua totalidade, está de acordo em relação à urgência do incentivo à leitura.
- 09.** (CEFET-MG) A concordância nominal está de acordo com a norma-padrão em:
- A) As hortaliças estão meio amareladas, mas temos de consumi-las.
- B) Ela mesmo confeccionou lindíssimas fantasias para o baile das bruxas.
- C) Aqueles casos de febre nas aves asiáticas ficaram bastantes complicados.
- D) É proibida entrada de pessoas estranhas naquele recinto, depois das 14 horas.
- 10.** (FUVEST-SP) “Na reunião do Colegiado, não faltou, no momento em que as discussões se tornaram mais violentas, argumentos e opiniões veementes e contraditórias.” No trecho anterior, há uma infração às normas de concordância.
- A) Reescreva-o com a devida correção.
- B) Justifique a correção feita.

## SEÇÃO ENEM

- 01.** Tinha um viúvo que tinha três rapaz e o pai já era bastante avançado na idade, já num trabaiaiva mais. Os três rapaz dentro de casa era muito obdiente do pai. Intão fazia lavora e tudo...
- Um dia os rapaz ta lá trabaiano na roça e passo um home. Chego sim, oiô ês.
- Bom dia!
- Bom dia!
- Uai!
- Ta trabaiano, né, os minino?
- É, nós ta trabaiano aqui, mas nosso pai ta bastante avançado na idade, coitado, num pode faze mais nada. Agora nós é que trata dele. Nós faz tudo pa meu pai.
- O home assunto “sim”. Falo:
- Ó. ocês é besta, moço! Cês ta pa saí pó mundo, pocês trabaiaí, arruma suas vida. Se ocês fica mais seu pai toda vida, cês num `ruma nada. Cês tem que larga. Dipois que ocês larga ele, ele dá o jeito dele, uai! Ocês ficá só dento de casa trabaiano pa seu pai, cês num ruma nada procês não. E dispidiu dê e saiu [...].

Domínio Público

Esse trecho reproduz uma variação linguística do português que contém várias marcas de oralidade e, do ponto de vista da norma padrão, apresenta alguns desvios. Aponte, entre os trechos reproduzidos a seguir, aquele em que o desvio deve-se a uma incorreta relação entre termos na frase.

- A) “Tinha um viúvo que tinha três rapaz [...]”
- B) “Chego sim, oiô ês.”
- C) “[...] nosso pai ta bastante avançado na idade [...]”
- D) “E dispidiu dê e saiu [...]”
- E) “O home assunto “sim”.”

- 02.** De amigo para amigo recém-casado:
- Oi, quando a sua mulher tiver meia velha, fala para ela me dar?
- O amigo recém-casado espancou o coitado e depois pediu explicação.
- Por que você disse isso?
- Não entendi porque (*sic*) você me bateu! Eu gosto de meia velha para por na cabeça! Tenho frio nas orelhas...

Domínio Público

Nessa anedota, o humor decorre de um mal entendido entre os interlocutores. Pode-se afirmar que esse mal-entendido é consequência de

- A) o amigo do recém-casado cometer um erro de concordância nominal que compromete o sentido de sua primeira frase.
- B) o recém-casado atribuir um valor adjetivo a um termo que foi usado incorretamente com valor adverbial.
- C) o recém-casado atribuir um valor adverbial a um termo que foi usado corretamente com valor substantivo.
- D) o amigo do recém-casado flexionar equivocadamente no feminino uma palavra invariável na língua portuguesa.
- E) o amigo do recém-casado possuir o estranho hábito de usar meias femininas na cabeça para aquecer as orelhas.

## GABARITO

Meu aproveitamento 

### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. D       02. D       03. C
- 04.
- A) Venerandos       B) Venerando
05. E

### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E       04. E       07. E
02. C       05. D       08. D
03. E       06. E       09. A
- 10.
- A) Na reunião do Colegiado, não **faltaram**, no momento em que as discussões se tornaram mais violentas, argumentos e opiniões veementes e **contraditórios**.
- B) As mudanças foram realizadas para se adequarem as concordâncias (“faltaram” com “argumentos e opiniões” e “contraditórios” com “argumentos e opiniões”).

### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. A       02. C



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %